

**Gabriel Gonzalez Rungue**

**ENTRE O ORGÂNICO E O COGNITIVO: O CARÁTER HÍBRIDO DAS  
EMOÇÕES EM WILLIAM JAMES**

Belo Horizonte  
2021

**Gabriel Gonzalez Rungue**

**ENTRE O ORGÂNICO E O COGNITIVO: O CARÁTER HÍBRIDO DAS  
EMOÇÕES EM WILLIAM JAMES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.  
Orientador: Prof. Dr. Daniel De Luca-Noronha

Belo Horizonte  
2021

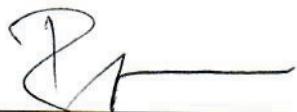
**FICHA CATALOGRÁFICA**  
Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia

G643e	<p>Gonzalez Rungue, Gabriel Entre o orgânico e o cognitivo: o caráter híbrido das emoções em William James / Gabriel Gonzalez Rungue. - Belo Horizonte, 2021. 90 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Daniel De Luca Noronha Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia.</p> <p>1. Emoções. 2. Experiência religiosa. 3. James, William. I. Noronha, Daniel De Luca. II. Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título</p>
	CDU 159.942

Dissertação de **Gabriel Gonzalez Rungue** defendida e aprovada, com a nota 9,5  
(Nove e meia) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



Prof. Dr. Daniel de Luca Silveira de Noronha / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Bruno Batista Pettersen / FAJE



Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal / UNB (Visitante)

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 05 de maio de 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de mais nada, gostaria de agradecer à Sarah. Minha companheira que sempre está ao meu lado me dando o suporte necessário para seguir em frente.

Minha mãe, Marcilia, que sempre me incentivou nos estudos.

Meu irmão Marcelo, que mesmo distante faz o tudo o que pode para me ajudar.

Ao meu orientador, Daniel De Luca, pelos ensinamentos e paciência na orientação deste trabalho. Muito obrigado!

Ao professor Nilo Ribeiro, a quem devo a inserção no campo da filosofia.

Aos professores que marcaram minha trajetória até aqui: João Carlos Lino, Carlos Roberto Drawin e Bruno Pettersen.

Aos amigos José Carlos e Guilherme Oliveira, pelas infindáveis conversas que tanto me ajudaram ao longo deste trabalho.

Ao professor José Eduardo Porcher, que no início da pesquisa tanto me ajudou e incentivou.

Aos amigos recentes Alexandre e Flaviano que me abriram novas perspectivas e possibilitaram novas conquistas. Obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Muito obrigado!

Que brota à flor da pele

Será que me dá?

(Milton Nascimento)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1 A TEORIA SOMÁTICA DAS EMOÇÕES.....</b>	<b>9</b>
1.1 A teoria tripartida das emoções de William James.....	11
1.2 Teoria orgânica das emoções.....	13
1.3 Críticas à teoria somática das emoções.....	19
<b>2 A TEORIA COGNITIVA DAS EMOÇÕES.....</b>	<b>37</b>
2.1 Uma concepção abrangente de cognição.....	40
2.2 Entre Darwin e James.....	43
2.3 Instinto e Emoção.....	46
2.4 Cognição e Intencionalidade.....	52
2.5 O aspecto cognitivo da teoria somática: emoções sutis.....	59
<b>3 AS EMOÇÕES RELIGIOSAS COMO CASO PROTOTÍPICO DA RELAÇÃO ENTRE ASPECTOS COGNITIVOS E SOMÁTICOS.....</b>	<b>63</b>
3.1 Orgânico, cognitivo e social: diferentes aspectos de uma mesma teoria.....	65
3.2 Emoções religiosas.....	74
3.3 O caráter não reducionista das emoções religiosas.....	81
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## **RESUMO**

Nosso intuito neste trabalho é mostrar que a teoria somática das emoções de William James conjuga aspectos cognitivos e emocionais sem operar qualquer reducionismo em direção a um desses aspectos. Tendo em vista nosso objetivo, procederemos da seguinte maneira: apresentaremos a teoria somática em seus diferentes aspectos, a saber, orgânico, cognitivo e social. Nossso intuito é percorrer a teoria jamesiana em seu amplo desenvolvimento a fim de desfazer interpretações equivocadas em torno da relação entre cognição e emoção.

Palavras-chave: Emoção; Cognição; Experiência Religiosa.

## **ABSTRACT**

Our aim in this work is to show that William James's somatic theory of emotions combines cognitive and emotional aspects without operating any reductionism towards one of these terms. In view of our objective, we will proceed as follows: we will present the somatic theory in its different aspects, namely, organic, cognitive and social. Our aim is to go through the Jamesian theory in its broad development in order to undo the misunderstandings about the relationship between cognition and emotion.

Keywords: Emotion; Cognition; Religious experience.

## Introdução

Se perguntássemos a algum estudante de psicologia, ou mesmo de filosofia, interessado em emoções sobre a teoria somática de William James, uma boa parte talvez dissesse que ele foi reducionista em sua abordagem. A explicação para essa resposta pode ser encontrada no fim do século XIX, quando James escreve seus primeiros trabalhos em torno do tema. Quando publica na revista *Mind* “O que é uma emoção?” James defende uma tese inusitada. Ele diz que as emoções, na verdade, podem ser explicadas pela combinação variada dos aspectos sensoriais e motores. No fundo o que ele está dizendo é que as reações somáticas, aquelas ocorridas abaixo do cérebro, são constitutivas do estado mental chamado emoção. Como resultado, o mapeamento do cérebro feito pelos fisiologistas de então, que o divide em centros sensoriais e motores, era suficiente para explicar os aspectos estéticos da mente, eliminando a necessidade de se postular um centro cerebral que fosse específico para esses casos.

Contudo, não foi bem isso o que aconteceu. Seu texto foi alvo de críticas duras. Muitas delas plausíveis e, a princípio, difíceis de serem superadas. A teoria por si só já era inusitada. Dizer que reverberações corporais eram constitutivas e não meras consequências das emoções já daria azo para críticas diversas. Contudo, não bastasse isso, ainda teve um agravante a mais: a linguagem usada por James nos exemplos fornecidos no texto. O senso comum diz: se perdemos a nossa fortuna, lamentamos e choramos; se encontramos um urso, nos assustamos e corremos; se somos insultados por um rival, nos irritamos e atacamos. A hipótese a ser defendida aqui diz que essa ordem de sequência é incorreta. Segundo James, o correto é afirmar que *nos sentimos desolados porque choramos, zangados porque atacamos, temos medo porque trememos*, e não que nós choramos, atacamos, ou trememos, porque lamentamos, temos raiva ou medo.

Além disso, seus críticos não acompanharam a sua teoria em seu amplo desenvolvimento. Não se vê nos textos de seu interlocutor referências a textos posteriores de James. Ou seja, a teoria somática das emoções ficou restrita aos primeiros trabalhos de James, em que seu enfoque era o aspecto orgânico de sua teoria. Um agravante é que, nestes textos, James se descuida quanto a linguagem empregada, sobretudo em seus exemplos. Todos esses fatores colaboraram para que, ainda hoje, sua teoria seja vista, de maneira equivocada, como reducionista. Como deveremos mostrar, uma investigação sobre os textos de maturidade de James conduz a uma concepção mais ampla de emoção, além de aspectos somáticos.

Assim, nossa tarefa neste trabalho é defender uma concepção não reducionista das emoções em James. Nossa intuito é mostrar que a teoria somática das emoções conjuga aspectos cognitivos e emocionais sem operar qualquer reducionismo em direção a um desses aspectos. Tendo em vista nosso objetivo, nossa argumentação está dividida em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo, iniciaremos com uma defesa de uma concepção tripartite de James com relação às emoções. Ainda nesse capítulo, daremos ênfase à teoria somática, pela qual James se tornou mais conhecido e, por fim, traremos à tona as críticas que incidiram sobre essa posição. No segundo capítulo, apresentaremos argumentos a favor da tese de que as emoções em James são permeadas pela atividade cognitivo. No primeiro tópico desse capítulo, trataremos de uma concepção abrangente de cognição. No segundo e terceiro tópicos, mostraremos a influência que Darwin exerceu sobre o pensamento de James, tal que permitiu o surgimento de uma ideia de flexibilidade sobre as emoções. O quarto e quinto tópicos evidenciam, especificamente, o caráter cognitivo das emoções em James. Por fim, o terceiro capítulo investiga as emoções religiosas como um caso prototípico do caráter híbrido de emoções em James.

# Capítulo I

## A Teoria Somática das Emoções

Neste capítulo inicial apresentaremos a teoria somática das emoções de William James, como também algumas críticas que foram dirigidas a ela. Na primeira parte deste capítulo, trataremos do que ficou conhecido como teoria “James-Lange”, em que colocaremos em evidência o aspecto “orgânico” da teoria jamesiana das emoções. Nossa objetivo é mostrar como James pensa as emoções “padrão” em função da estrutura nervosa do ser humano.

Já na segunda parte deste capítulo apresentaremos algumas críticas que foram dirigidas à teoria somática das emoções. Exploraremos aspectos centrais das críticas de autores como D. Irons (1894), W. L. Worcester (1893), Robert Solomon (2015) e António Damásio (2012). Nossa intuito em rememorar algumas críticas à teoria jamesiana é evidenciar um ponto comum entre elas. Trata-se da acusação de que James teria descurado-se do aspecto cognitivo que acompanha a ocorrência dos estados emocionais.

No segundo capítulo, esclareceremos o sentido de cognição relevante para os propósitos do nosso trabalho. Por enquanto, é importante deixar claro o sentido de “cognição” levado em conta pelos críticos de James. Trata-se de um sentido robusto, segundo o qual a atividade cognitiva consiste em um processamento avançado de informações, que engaja subsistemas mentais de alto nível como memória, imaginação e, de modo mais geral, a capacidade de realizar inferências. Ou seja, um processamento constituído pela linguagem proposicional que, entre outras coisas, representa objetos e fatos do mundo físico.<sup>1</sup> Nessa linha, uma compreensão cognitivista das emoções poderia afirmar que elas seriam uma espécie de juízos acerca da realidade. De partida podemos recuperar uma passagem de Solomon acerca das emoções quando afirma que:

A raiva (como todas as emoções) é um fenômeno cognitivo e impregnado de valores, não apenas um estado ou evento momentâneo, mas um processo complexo que prossegue através do tempo e pode durar muito. Envolve necessariamente sentimento e julgamento, bem como fisiologia, e, às vezes, especialmente depois de um certo período, pode haver pouca resposta fisiológica evidente. Entretanto, a pessoa pode continuar com muita raiva<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Sobre isso, SHAPIRO, 2007.

<sup>2</sup> SOLOMON, Robert. *Fiéis às nossas emoções: o que elas realmente nos dizem.* 2015. p. 37.

Como resultado desta primeira parte, esperamos alcançar uma clareza quanto ao estado da questão que este trabalho visa responder. Pretendemos evidenciar que todas as críticas dirigidas à teoria James-Lange repousam sobre um mesmo problema, que consiste na acusação de que ela não dá a devida atenção ao aspecto cognitivo dos estados emocionais. No fundo, todos os apontamentos condenam a teoria jamesiana por ter reduzido o fenômeno das emoções a meras ocorrências físicas, descurando-se, assim, do aspecto cognitivo/mental que lhe constitui.

Ao percorrermos estes passos, acreditamos que estará posto nosso problema fundamental, a saber, uma suposta cisão entre aspectos cognitivos e corporais na teoria de William James. Bem estabelecido o problema, procederemos posteriormente na defesa de uma tese contrária àquela defendida por seus críticos. Nossa pretensão é mostrar que sua teoria não reduz os estados emocionais ao inatismo apresentado no tratamento feito das emoções “padrão”. Mas, pelo contrário, conjuga elementos cognitivos e somáticos no que pode ser chamado de um hibridismo teórico acerca das emoções. Vejamos, então, a teoria somática de James.

### **1.1 A teoria tripartida das emoções de William James**

A teoria das emoções de William James foi desenvolvida em um período de dez anos. Isso sem levar em conta seu tratamento do tema no campo da religião, sobretudo em obras como “*Will to believe*” [*A vontade de acreditar*] de 1896, e *The varieties of religious experience* [*As variedades da experiência religiosa*] de 1902. A primeira aparição de sua teoria data de 1884, quando publicou na revista *Mind* um artigo intitulado “*What is an emotion?*” [*O que é uma emoção?*]. Nesse trabalho, ele se ocupa das chamadas emoções “padrão”<sup>3</sup>, que são aqueles estados emocionais que possuem uma expressão corporal óbvia.

Em 1890, ele dedica o vigésimo quinto capítulo de “*Principles of psychology*” [*Princípios de psicologia*] para tratar do tema das emoções. Nessa obra ele repete boa parte do que fora dito em 1884, contudo amplia sua abordagem do tema ao acrescentar seções que tratam, por exemplo, das emoções “sutis” [*subtler emotion*]<sup>4</sup>, e das diferenças emocionais entre os indivíduos. Além disso, em 1892 James publica *Psychology: a briefer course* [*Psicologia: um curso mais breve*].

---

<sup>3</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013. p. 97.

<sup>4</sup> JAMES, W, *Principles of psychology*. 1950. p. 442-486.

*um curso breve*]. Dessa obra, ele dedica o vigésimo quarto capítulo ao tema das emoções. No *Curso Breve* ele defende, de forma bem reduzida, a teoria já proposta nos trabalhos anteriores.

No ano de 1894, James publica um artigo intitulado “*The physical basis of emotion*” [*As bases físicas das emoções*]. Nesse texto ele visa esclarecer alguns pontos de sua teoria, bem como dar respostas a algumas críticas que foram dirigidas a ela, tendo como um dos principais remetentes o professor Wilhelm Wundt. É, portanto, nessas obras que James apresenta sua teoria somática das emoções. Não é demais repetir que não estamos considerando ainda o tratamento das emoções religiosas, que ocorreram posteriormente à publicação dos textos citados acima.

A revisão do período de construção da teoria de James é importante para que se tenha clareza quanto a que aspecto dela pretendemos apresentar neste primeiro capítulo. Neste trabalho partilhamos da classificação feita por Jeremy Carrete, que divide a teoria jamesiana das emoções em três aspectos diferentes. No artigo “*William James*” ele discute uma “teoria orgânica”, uma “teoria cognitiva” e uma “teoria social”<sup>5</sup> das emoções. O que ele chama de teoria orgânica aparece em todos os escritos de James. Porém, é mais minuciosamente trabalhado em “*What is an emotion?*” e em “*Principles*”.

O aspecto central dessa “primeira” teoria é a relação que James estabelece entre os estados emocionais e os instintos. As emoções são pensadas a partir de uma estrutura nervosa pré-adaptada para reagir em função de um ambiente específico. De tal modo que o surgimento de uma emoção deve-se a uma característica estrutural da espécie humana. Assim, um estado emocional seria a sensação das modificações somáticas oriundas da percepção de um objeto<sup>6</sup>.

Já a teoria cognitiva é mais desenvolvida em *Principles of psychology*, quando ele trata das emoções sutis. Esses casos são aqueles em que a irrupção emocional não é derivada da sensação das modificações somáticas, mas são despertadas diretamente pela percepção do objeto<sup>7</sup>. Por certo, meras modificações somáticas são encontradas em seres para os quais a ideia mesma de cognição, a saber, como um processamento de informação que ocorre em alto nível, algo que inclui a linguagem, não tem qualquer aderência. Mas, se as emoções podem estar direcionadas a objetos e fatos do mundo, elas se apresentam como estados mentais dotados de caráter intencional. Entre outras coisas, elas adquirem condições de corrigibilidade e, assim, podem figurar em juízos avaliativos sobre esses objetos. Nesse ponto há um avanço teórico no

---

<sup>5</sup> CARRETE, J. *William James*. 2007, p. 419.

<sup>6</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 98.

<sup>7</sup> JAMES, W. *Principles of psychology*. 1950. p. 468.

pensamento de James porque ele passa a considerar emoções como fenômenos mentais robustos, que não se enquadram no inatismo congênito presente na teoria orgânica.

Há que se ter em mente, no entanto, que essa separação da teoria jamesiana em três aspectos diferentes, a despeito de sua eficiência, levanta um problema. Como veremos, a teoria orgânica consiste em definir as emoções como a sensação de modificações corporais. No entanto, mesmo em seu primeiro trabalho, James considera os estados emocionais dotados de intencionalidade. Quer dizer, as emoções são sempre em relação a um objeto no mundo. Essa postura dá margem para se pensar a intersecção entre as emoções devidas à constituição nervosa e aquelas que decorrem de convenções sociais. Isso aponta não para a tese de que não há concepções distintas sobre emoções em James, mas sim uma concepção abrangente, de tal modo que estados emocionais envolvem diferentes aspectos.

O que possibilita essa concepção abrangente é o fenômeno da associação. Em seu aspecto orgânico a teoria somática trata dos estados emocionais devidos à constituição nervosa. No entanto, pelo princípio evolutivo da associação, essa expressão corporal pode ser provocada por uma situação que pouco ou nada se assemelha à originária. A intencionalidade dos estados emocionais aliado ao princípio da associação nos leva a crer que, mesmo em seu nível orgânico, a teoria somática extrapola os limites de um inatismo estrutural. A defesa dessa tese tomará seu lugar no próximo capítulo deste trabalho. Por hora cumpre-nos apresentar a teoria somática das emoções de William James.

Dando continuidade à apresentação da tríade classificada por Carrete, chegamos à teoria social das emoções. Ela envolve, sobretudo, as emoções religiosas. O ponto central desse nível teórico é a elucidação de como aspectos sociais constituem estados emocionais. James não abandona as bases físicas das emoções, como quando diz, em *Variedades*, que “não existe um só dos nossos estados de espírito, baixo ou alto, saudável ou mórbido, que não tenha por condição algum processo orgânico”<sup>8</sup>. Todavia, ele sempre pensa as emoções religiosas dentro de seu contexto, de tal modo que pode-se dizer que a cultura é constitutiva dos estados emocionais.

Diante da classificação feita por Carrete, podemos dizer que a teoria orgânica é aquela que visamos apresentar neste primeiro capítulo. Isso se deve a dois motivos principais. O primeiro deles é o fato de que a teoria jamesiana das emoções é fortemente conhecida por este elemento orgânico. Como disse Barbalet, “não há discordância na literatura concernente à

---

<sup>8</sup> JAMES, W. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 25.

posição de James. Quando sua teoria das emoções é mencionada, isto [e aqui ele se refere ao aspecto orgânico] é o que é referido”<sup>9</sup>. Em segundo lugar, as críticas dirigidas à teoria somática das emoções, como se verá na segunda seção deste capítulo, são sempre endereçadas ao seu elemento orgânico.

Portanto, nas páginas seguintes apresentaremos a teoria orgânica das emoções. Bem compreendida a proposta de James, poderemos seguir em direção à compreensão das críticas que lhe foram dirigidas.

## **1.2 Teoria orgânica das emoções**

Compreender o objetivo de James ao propor uma teoria somática das emoções pode contribuir na tarefa de sua assimilação. No artigo de 1884, James se questiona se há um centro cerebral específico para estados emocionais, ou se a divisão do cérebro em centros sensoriais e motores é suficiente para explicar os fenômenos estéticos da mente humana, entre eles as emoções<sup>10</sup>. Os fisiologistas de sua época acreditavam que o mapeamento do cérebro feito naquele tempo era insuficiente para tal façanha e julgavam que uma explicação dos estados emocionais era algo para o futuro.

Contrariando tal crença, James acreditava que a ocorrência das emoções poderia ser explicada pela fisiologia de seu tempo. Para ele, a combinação variada dos aspectos sensoriais e motores era suficiente para explicar a irrupção dos estados emocionais. Sendo assim, ele dedicou o artigo “*O que é uma emoção?*” a demonstrar a sua proposta.

O objetivo das páginas seguintes é mostrar que a última alternativa se aproxima mais da verdade, e que os processos emocionais do cérebro não só se assemelham aos seus processos sensoriais usuais, mas, na grande verdade, nada mais são do que a combinação de tais processos de forma variada. O principal resultado disso será simplificar nossas noções das possíveis complicações da fisiologia do cérebro, e nos fazer ver que já temos em mãos um esquema do cérebro cujas aplicações são muito mais amplas do que os seus autores sonharam<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> “There is no disagreement in the literature concerning James’ position. When his theory of emotion is mentioned, this is what is referred to”. BARBALET, J. M. William James’ theory of emotions: filling in the picture. 2001, p. 252. Tradução nossa. Ênfase nossa.

<sup>10</sup> JAMES, W. *O que é uma emoção?* 2013, p. 96.

<sup>11</sup> JAMES, W. *O que é uma emoção?* 2013, p. 97.

O modo como James explica o surgimento das emoções a partir desse mapeamento do cérebro ficou conhecido como “teoria do circuito reflexo”<sup>12</sup>. Sua explicação consiste em afirmar que a percepção de um objeto qualquer, ou mesmo a ideia dele, dispara uma reação através do sistema nervoso aferente. Esse estímulo é transmitido até o córtex por meio do sistema nervoso central. Ao chegar à região cortical os impulsos nervosos são então registrados e os centros corticais disparam um impulso nervoso em resposta àquele estímulo original. Essa resposta cerebral segue agora um percurso que vai do sistema nervoso eferente (motor) ao aferente (sensitivo). Por fim, a percepção de um objeto e as alterações somáticas causadas em função dele “fundem-se na consciência e transformam um ‘objeto-simplesmente-apreendido’ em um ‘objeto-emocionalmente-sentido’”<sup>13</sup>.

O ponto central da teoria somática das emoções é a mediação corporal entre a percepção de um objeto e o surgimento de um estado emocional. Para James, as emoções consistem nas sensações das alterações corporais devido à autopercepção ou à ideia de um objeto qualquer. Sem a mediação das alterações somáticas uma emoção “seria puramente cognitiva em sua forma, pálida, incolor, destituída de calor emocional”<sup>14</sup>.

Nossa maneira natural de pensar sobre essas emoções padrão é que a percepção mental de algum fato desperta a afeição mental denominada emoção, e que esse estado de espírito é que dá origem à expressão corporal. Minha tese, pelo contrário, é que *as mudanças corporais seguem diretamente a PERCEPÇÃO do fato excitante, e que nossa percepção<sup>15</sup> dessas mesmas mudanças assim que elas ocorrem É a emoção*<sup>16</sup>

Contudo, há que se ter em mente que a teoria somática não se refere a todo fenômeno emocional possível. Quando trabalha o tema das emoções, James restringe sua abordagem àqueles estados emocionais que têm uma expressão corporal distinta. Ele os classifica como “emoções padrão”, estados “nos quais uma onda de perturbações corporais de algum tipo acompanha a percepção de imagens ou sons interessantes, ou a passagem do comboio emocionante de ideias”<sup>17</sup>. Dessa forma, ele desconsidera aquelas emoções em que uma

<sup>12</sup> CARRETE, J. William James. 2007, p. 426.

<sup>13</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 110.

<sup>14</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 98.

<sup>15</sup> A despeito da excelente tradução feita por Raphael Nascimento, neste trecho específico discordamos quanto ao uso da palavra “percepção”. Julgamos parecer mais coerente com a teoria de James o uso da palavra “sensação”. Sobre isso ver: RUNGUE, G. G. Sobre as emoções: António Damásio e a crítica à teoria James-Lange. ano, p. x, nota 5.

<sup>16</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 98. (ênfase do autor).

<sup>17</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 97.

reverberação corporal não é totalmente óbvia. Como, por exemplo, a agradabilidade de ouvir uma boa música, a contemplação de uma tela em um museu. Em seu aspecto orgânico o medo, a raiva, a ganância, a surpresa, a curiosidade e etc, são ocorrências emocionais que ocupam o foco da abordagem.

A compreensão do recorte epistêmico de James quando trata das emoções padrão passa, sem dúvida, pela relação que ele estabelece entre estados emocionais e a fisiologia do corpo humano. Em *Princípios de psicologia*, ele estabelece um elo entre as emoções e os instintos e afirma que “*reações instintivas e expressões emocionais cobrem-se imperceptivelmente uma a outra. Todo objeto que excita um instinto excita também uma emoção*”<sup>18</sup>.

O sistema nervoso é pensado como uma estrutura pré-organizada que reage em função de um ambiente específico. James pensa a constituição nervosa evolutivamente. Quer dizer, um ambiente X seleciona naturalmente o ser vivo com a constituição nervosa adaptada à sobrevivência. Isso se dá de tal maneira que as espécies carregam consigo características que remontam à sua inserção em um meio específico. Fica evidente, portanto, como ele pensa os estados emocionais a partir da relação congênita entre o ser vivo e o seu ambiente.

Os trabalhos de Darwin e seus sucessores estão apenas começando a revelar o parasitismo universal de cada criatura sobre outras coisas especiais, e a maneira como cada criatura traz a assinatura de suas relações especiais impressa em seus sistemas nervosos<sup>19</sup>

Concebida desse modo, as modificações corporais que constituem os estados emocionais não derivam de um processo cognitivo, ao menos como um processo reflexivo, isto é, um processamento de informação que envolve uma tomada de posição em relação ao conteúdo da experiência. Nesse sentido, a cognição se coloca no nível judicativo que, como se verá, aparecerá em algumas críticas dirigidas à teoria jamesiana. Uma maneira tal de se relacionar com o ambiente, que o classifica, distingue, infere, etc. Essa crítica afirma que, diferentemente de uma postura cognitiva, a abordagem de James concebe as reações somáticas como inatas, quer dizer, anterior a qualquer conhecimento reflexivo sobre o mundo.

O ponto é: a respeito das emoções padrão, se as modificações somáticas são constitutivas dos estados emocionais e não uma consequência deles, é possível verificar na

---

<sup>18</sup> “*Instinctive reactions and emotional expressions thus shade imperceptibly into each other. Every object that excites an instinct excites an emotion as well*”. JAMES, W. *Principles of psychology*. 1950, V.II, p. 442, tradução nossa. (Ênfase do autor).

<sup>19</sup> JAMES, W. *O que é uma emoção?* 2013, p. 98.

experiência a ocorrência de reações corporais que antecedem à ocorrência das emoções? James respondeu afirmativamente a esta indagação. Entre várias elucidações, James menciona uma experiência própria.

O escritor lembra bem de seu espanto, quando era um menino de sete ou oito anos, ao desmaiar vendo um cavalo ser sangrado. O sangue estava em um balde, com uma vareta dentro. Se a memória não falha, ele mexia o sangue e o via escorrer da vareta sem sentimento algum para além de uma curiosidade infantil. De repente, o mundo tornou-se negro diante de seus olhos, seus ouvidos começaram a zumbir, e ele de nada mais se lembra. Ele nunca tinha ouvido falar que ver sangue causaria fraqueza ou o faria sentir-se mal, e tinha tão pouca repugnância a isso, e tão pouca apreensão de qualquer outro tipo de perigo, que mesmo nessa tenra idade, como ele bem se lembra, não conseguia deixar de imaginar como a mera *presença física* de um balde cheio de um líquido rubro causaria nele tais efeitos corporais formidáveis<sup>20</sup>

Nota-se com clareza a congruência que James estabelece entre instinto e emoção quando trata das emoções padrão. Toda ocorrência emocional considerada no nível orgânico de sua teoria deriva da estrutura nervosa humana e, desse modo, parte de uma reação somática. Esta, por sua vez, deriva de um longo processo de seleção natural, em que o próprio ambiente seleciona aqueles que lhe são mais bem adaptados.

Pensar as emoções desde o prisma dos instintos será o foco principal dos críticos da teoria jamesiana. Exemplo disso é a acusação feita por António Damásio de que a teoria James-Lange seria suficiente para explicar a ocorrência de estados emocionais primários, mas certamente insuficiente quando se trata de estados emocionais derivados de representações dispositivas aprendidas. Quer dizer, a teoria de James explica bem as emoções inatas, entretanto não é eficaz em relação aos estados emocionais frutos das convenções sociais<sup>21</sup>. Essa crítica será minuciosamente desdobrada na segunda parte deste capítulo.

Retomando a teoria somática, é notório a interseção entre os instintos e os estados emocionais. A relação entre eles é tão estreita que se faz necessário explicitar em que sentido se diferem, a fim de não absorver um no outro. Em *Princípios*, James pensa os instintos “*como a faculdade de agir de maneira a produzir certos fins, sem uma previsão dos mesmos e sem uma educação prévia para agir da maneira como se age*”<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 104 (grifo nosso).

<sup>21</sup> DAMÁSIO, António. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p.126-157.

<sup>22</sup> “*as the faculty of acting in such a way as to produce certain ends without foresight of the ends, and without previous education in the performance*”. JAMES, W. *Principles of psychology*. 1950, v. II, p. 383, tradução nossa. (Ênfase do autor).

Dois aspectos acerca dos instintos merecem nossa atenção. Primeiro, trata-se de ações reflexas com alguma finalidade adaptativa. Por exemplo, o rosnado de um cachorro certamente é uma ação reflexa, e seu objetivo é amedrontar o seu oponente. Em segundo lugar, os instintos produzem uma ação em relação a algum objeto externo. Um gato, ao perceber uma presa possível, abaixa-se, move-se lentamente, e, de modo reflexo, executa todos os atos necessários para não se fazer ouvir. Convém notar que essa finalidade presente nos instintos, por ocorrer a despeito de expectativa ou previsão, não pode ser compreendida como intencionalidade. É bem certo que não se trata de uma mera pantomima, ou de um comportamento não direcionado. Embora um comportamento que decorre de um instinto esteja direcionado a algo do mundo, trata-se de um comportamento tropístico, a saber, rígido e insensível ao contexto. Ademais, tampouco esse tipo de comportamento pode ser compreendido como decorrente de atitudes proposicionais.

Como vimos, para James, as ações que excitam os instintos despertam também uma emoção. Contudo, a grande diferença que ele estabelece entre eles consiste no fato de que os instintos produzem uma ação externa (*outward deed*) em relação ao seu objeto, enquanto as emoções ficam aquém de qualquer ação.

Objetos de raiva, amor, medo, etc, não apenas incitam um homem a ações exteriores, mas provoca alterações características em sua atitude e rosto, e afeta sua respiração, circulação, e outras funções orgânicas de formas específicas. Quando as ações externas são inibidas, estas últimas expressões emocionais ainda permanecem, e nós percebemos a raiva no rosto, embora o golpe não seja disparado, e o medo revela-se na voz e na cor, embora possa esconder todos os outros sinais. [...] Emoções, todavia, ficam aquém dos instintos, as reações emocionais normalmente terminam no próprio corpo do sujeito, enquanto a reação instintiva é apta a ir mais longe e entrar em relações práticas com o objeto excitante<sup>23</sup>.

É curioso notar que os instintos são reflexos e as emoções não. Quer dizer, não significa que as emoções não sejam oriundas de aspectos inatos da espécie humana. Mas sim que elas são passíveis de flexibilidade enquanto os instintos não. O susto pode fazer um indivíduo socar

---

<sup>23</sup> “Objects of rage, love, fear, etc., not only prompt a man to outward deeds, but provoke characteristic alterations in his attitude and visage, and affect his breathing, circulation and other organic functions in specific ways. When the outward deeds are inhibited, these latter emotional expressions still remains, and we read the anger in the face, though the blow may not be struck, and the fear betrays itself in voice and color, though one may suppress all other sign. [...] Emotions, however, fall short of instincts, in that the emotional reaction usually terminates in the subject’s own body, whilst the instinctive reaction is apt to go farther and enter into practical relations with the exciting object”. JAMES, W. *Principles of psychology*. !950, v. II, p. 442, tradução nossa. (Ênfase do autor).

o outro. O ato de socar, a despeito da relação que estabelece com o mundo externo, não é flexível. E, portanto, não é passível de corrigibilidade. Esse não parece ser o caso quanto às emoções.

A raiva, por exemplo, não desencadeia necessariamente em uma agressão, como um soco. O medo não necessariamente me faz fugir. As emoções, entendidas como um fenômeno interno, não são invariáveis como os instintos. Os estados emocionais parecem ser sujeitos a um controle cognitivo. É possível estar com medo e julgar ser melhor ficar parado a sair correndo. É possível sentir raiva e julgar ser melhor não socar o rosto do guarda que apreendeu o meu veículo.

A distinção entre os instintos e as emoções parece imprescindível para uma boa compreensão da teoria de James. Existem algumas críticas que são dirigidas a ela em que se acusa a ausência de uma referência aos estados emocionais como moduladores da conduta humana. Como quando Damásio diz que “James pouco ou nada tem a dizer sobre as possíveis funções da emoção na cognição e no comportamento”<sup>24</sup>. Barbalet também menciona alguns autores que criticaram a negligência de James com relação ao papel das emoções no comportamento<sup>25</sup>. Todos eles se apoiam na relação e distinção que James estabelece entre emoções e instintos.

No entanto, percebemos que não se trata de negar um papel das emoções no comportamento. Muito pelo contrário, a distinção possibilita que as emoções sejam passíveis de avaliação, abertas à atividade cognitiva de modo a direcionar da melhor maneira possível nossas ações. Também não se trata, diga-se de passagem, de negar a origem inata das emoções orgânicas. As emoções devem-se, como dissemos repetidas vezes, à estrutura nervosa. No entanto, instinto e emoção não são o mesmo, pois enquanto aquele é inflexível, as emoções são passíveis de correção. Voltaremos a este tema no segundo capítulo, onde dedicaremos algumas páginas à tentativa de refutar algumas das críticas direcionadas a teoria somática.

Por fim, vimos que o ponto central da teoria somática das emoções em seu aspecto orgânico é a ideia de que a sensação das alterações corporais é constitutiva dos estados emocionais. O que James propõe é uma teoria em que as emoções se dão em função de uma estrutura sensório-motora pré-ordenada. A constituição nervosa da espécie humana parece explicar o surgimento do que ele chamou de emoções “padrão”.

---

<sup>24</sup> DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p. 128.

<sup>25</sup> BARBALET, J. M.. *William James' Theory of Emotions: Filling in the Picture*. 2001, p. 252.

### **1.3 Críticas à teoria somática das emoções**

Nesta seção apresentaremos algumas críticas que foram dirigidas à teoria somática das emoções. Ocuparão as próximas páginas deste trabalho os escritos de autores como D. Irons, W. L. Worcester, António R. Damásio e Robert Solomon. Nossa pretensão nas linhas a seguir é, em primeiro lugar, descrever em que consiste a crítica desses autores à teoria Jamesiana. Em seguida, compre-nos delimitar um ponto em comum entre elas. Tal ponto, como se verá, consiste na acusação de que a teoria somática das emoções não dá a devida atenção ao aspecto cognitivo que acompanha o surgimento de todo estado emocional.

Esse aspecto cognitivo aparece de maneiras diversas. Em Irons, como uma atitude em relação ao objeto; Worcester como uma avaliação mental da situação; Damásio, por sua vez, fala de uma representação dispositiva congênita; Solomon apoia-se na corrente fenomenológica de pensamento e percebe na teoria somática a ausência de intencionalidade, quer dizer, um esvaziamento do mundo de seu sentido. Todas essas críticas convergem a um ponto que pode ser expresso da seguinte maneira: a teoria das emoções de William James limita-se a um inatismo fisicalista, restrito ao esquema causa-efeito.

Não é sem motivo que dedicamos uma seção deste trabalho a revisar algumas críticas à teoria da qual tratamos. Bem elaborada esta seção, ela fornecerá a nós o problema fundamental de nossa dissertação. Tendo clareza quanto a matéria que nos motiva, torna-se mais seguro o caminho que se deve seguir e dá-se cada passo mais firmemente rumo ao nosso objetivo final. Bem entendida a nossa tarefa, passemos à explicitação das críticas à teoria Jamesiana das emoções.

A crítica de D. Irons consiste em apontar uma espécie de reducionismo operado por James quando trata das emoções. Retomando a tese central da teoria somática, podemos, de acordo com Irons, fracioná-la em duas partes<sup>26</sup>: a primeira delas é a constatação de que há uma reação corporal em função da percepção de um fato excitante; em seguida, James infere que, portanto, as emoções nada mais são do que a consciência proprioceptiva dessas modificações somáticas.

Para Irons não há uma conexão lógica que justifique a passagem da primeira à segunda parte da teoria. Não se nega, evidentemente, que da percepção de um fenômeno excitante possa

---

<sup>26</sup> Cf. IRONS, D. Prof. James' Theory of Emotion. *Mind*. New Series, Vol. 3. No. 9 (Jan. 1894). p. 77.

ser provocada uma reação qualquer. O que parece ser forçoso é, a partir dessa premissa reduzir os estados emocionais somente à sensação de tais reações.

Alguém pode admitir que as modificações corporais seguem diretamente a percepção de um fato excitante, e ainda assim negar que a emoção seja simplesmente a consciência dessas mudanças. Pode ser verdade que eu estou com medo porque tremo e ainda assim não significa que o medo seja simplesmente a consciência do tremor<sup>27</sup>.

Além disso, o modo como James trata a ocorrência de estados emocionais parece problemática porque abarca tais estados em um sistema reflexo, a partir do qual as emoções são meras reações. Dentro desse esquema, um ambiente específico solicita a estrutura nervosa evolutivamente adaptada. Tal solicitação desencadeará uma reação. A partir desse esquema, os estados emocionais são imunes a qualquer conteúdo cognitivo que um indivíduo possa ter. A influência da linguagem, da cultura, da compreensão de mundo, tudo isso parece ser perdido em um modelo fisicalista de explicação. Isso fica claro na descrição que James faz da interação entre alguns animais e seu ambiente.

A maquinaria neural é um hífen entre determinadas disposições de matéria de fora do corpo e determinados impulsos para a inibição ou descarga dentro de seus órgãos. Quando a galinha vê um objeto branco e oval no chão, ela não pode abandoná-lo; ela deve manter-se em cima dele e retornar a ele, até que, finalmente, sua transformação em uma pequena massa que pia e se move elicie de sua máquina um novo conjunto de ações. O amor de um homem por uma mulher, ou da mãe humana por seu bebê, nossa ira contra cobras e nosso medo de precipícios também podem ser descritos similarmente, como exemplos da maneira pela qual peças especialmente adaptadas do mobiliário do mundo irão fatalmente evocar as *reações mentais e corporais* mais particulares, com antecedência e por vezes em oposição, ao veredicto de nossas razões deliberadas que os concernem. Os trabalhos de Darwin e seus sucessores estão apenas começando a revelar o parasitismo universal de cada criatura sobre outras coisas especiais, e a maneira como cada criatura traz a assinatura de suas relações especiais impressa em seus sistemas nervosos<sup>28</sup>

Irons identifica uma série de problemas com relação a esse tratamento das emoções. Entre elas a própria possibilidade de catalogação dos estados emocionais. A classificação de um sentimento como raiva, ódio, amor, ira, rancor, etc, parece comprometida quando os estados

---

<sup>27</sup> “One could admit that the bodily changes follow directly the perception of the exciting fact, and yet deny that the emotion is simply the consciousness of these changes. It may be true that I am afraid because I tremble, and yet by no means the case that the fear is simply consciousness of the trembling”. (IRONS. Prof, James' Theory of Emotion. 1894. p. 77.

<sup>28</sup> JAMES. O que é uma emoção? 2013, p. 98.

emocionais são reduzidos à mera alteração corporal. Isso porque o próprio James admite que não há uma uniformidade quanto as reverberações somáticas<sup>29</sup>. Dito de outra maneira, cada indivíduo pode expressar de uma forma singular, e é provável que o faça, um mesmo estado emocional.

Além disso, as alterações somáticas podem ser inúmeras e, em sua maioria, imperceptíveis, o que torna ainda mais complicado classificar com precisão em que consiste uma emoção. Irons nota uma fragilidade teórica aqui e afirma que “somente se as mudanças não variam em um estado emocional particular, pode ser possível afirmar que que a emoção é simplesmente a consciência delas”<sup>30</sup>.

Diante desse problema, Irons propõe o que pode ser considerado a tese central de seu texto. Devido aos diversos problemas por ele levantados, entre os quais destacamos a impossibilidade de classificação das emoções, ele aponta para a necessidade de um “elemento espiritual”<sup>31</sup> que faça a mediação entre a percepção de um fato excitante e a expressão corporal que ele desperta. Para ele, esse elemento espiritual consiste em “um sentimento do sujeito em relação ao objeto, e reconhece que o objeto é apropriado, em grande medida, pela maneira como o sujeito se sente relacionado a ele”<sup>32</sup>.

Em resposta ao inatismo da teoria somática das emoções, ele reivindica a necessidade de uma postura intencional do indivíduo em relação ao objeto de sua emoção. Os estados emocionais não podem ser explicados pelo frio esquema causa-efeito, sem que a postura do indivíduo em relação a ele seja levada em consideração. Porque, em grande medida, a compreensão que se tem do objeto o constitui como fonte de uma emoção ou não.

É evidente que não há uma negação completa da teoria de James. Ele reconhece que, de fato, o ambiente solicita das espécies reações específicas. Não se trata aqui de negar todo o esquema evolutivo que subjaz a teoria somática. O ponto é que o mero circuito reflexo parece insuficiente para abranger a ocorrência dos estados emocionais em sua complexidade. O surgimento de uma emoção bem como sua constituição parecem reclamar algo que o reducionismo jamesiano aparentemente deixa escapar. E essa lacuna deixada, ao que parece, pode ser preenchida pelo elemento espiritual que Irons propõe.

---

<sup>29</sup>C.f. JAMES, W. *O que é uma emoção?* 2013, p. 97. Ênfase nossa.

<sup>30</sup> “Only if the changes do not vary in a particular emotional state, can it be even possible to assert that emotion is simply the consciousness of these”. IRONS. Prof. James’ Theory of Emotion. 1894. p. 82. Tradução nossa.

<sup>31</sup> IRONS. Prof. James’ Theory of Emotion. 1894. p. 83.

<sup>32</sup> “a feeling of subject towards object, and recognize that the object is to a great extent made appropriate by the way in which the subject feels related towards it”. IRONS. Prof. James’ Theory of Emotion. 1894. p. 83. Tradução nossa.

Se eu vejo um objeto de terror, eu deveria, inevitavelmente começar a tremer ou a fugir. *Mas se eu não estivesse com medo ele não seria um objeto de terror.* Em outras palavras, não é o mero objeto que determina os efeitos físicos, mas o sentimento subjetivo em relação ao objeto. Isto é o que, finalmente, torna o objeto um objeto de terror, nos faz estremecer, é o elemento espiritual<sup>33</sup>

O ponto culminante da crítica de Irons consiste em afirmar que as emoções consistem numa espécie de “atitude sentimental”<sup>34</sup>. Para ele os estados emocionais não consistem, como afirmou James, na sensação das modificações corporais. Antes, trata-se de uma atitude em relação ao objeto. Quer dizer, o sentimento de raiva, por exemplo, não consiste na expressão corporal causada pelo objeto que despertou tal sentimento. Mas sim, de um sentimento em direção ao objeto.

Essa postura parte de uma distinção um tanto quanto curiosa. Irons estabelece uma diferença entre o sentimento causado por um estímulo qualquer, como prazer ou dor, do sentimento em geral, que envolve uma atitude sentimental em direção a tal objeto.

O elemento essencial em qualquer emoção é a maneira particular em que o sujeito é disposto em relação ao objeto. Não é o prazer ou dor, embora possa ser dependente dessas formas de sentimento. Sentimento em geral não deve ser confundido com prazer e dor simplesmente. Sob os sentimentos devem ser incluídos, de um lado, prazer e dor, e, de outro, o sentimento em direção ao objeto, que por enquanto chamaremos de atitude sentimental<sup>35</sup>

O ponto fundamental da teoria somática, como vimos, consiste em afirmar que a sensação proprioceptiva das modificações corporais são as emoções. Aqui, torna-se nítida a diferença de postura e o ponto atacado por Irons em seu artigo. As ocorrências físicas ocorridas em função de um estímulo externo, ou mesmo de uma ideia de um objeto qualquer, quando for

---

<sup>33</sup> “If I saw an object of terror I should inevitably start, tremble, or run away. *But if I were not afraid the object would not be an object of terror.* In other words, it is not the mere object which determines the physical effects, but the subjective feeling towards the object. This is what ultimately makes the object an object of terror, makes us start or tremble, is the spiritual element”. IRONS. Prof. James’ Theory of Emotion. 1894. p. 84. Tradução nossa. Ênfase do autor.

<sup>34</sup> C.f. “[...]feeling attitude.” IRONS. Prof. James’ Theory of Emotion. 1894. p. 93. Tradução nossa.

<sup>35</sup> The essential element in any emotion is the particular way in which the subject is disposed towards the object. This is not pleasure or pain though it may be dependent on these forms of feeling. Feeling in general must not be confounded with pleasure and pain simply. Under feeling should be included on the one hand pleasure and pain, and on the other that feeling towards the object, with for the present we may call feeling attitude”. IRONS. Prof. James’ Theory of Emotion. 1894. p. 93. Tradução nossa.

o caso, não deve ser confundido com um estado emocional. Se recebo um tapa de um colega durante uma partida de futebol, o sentimento de raiva não é a dor que o tapa provoca, mas uma atitude em relação àquele que o desferiu. O ponto é: a sensação corporal e a emoção que ela pode despertar são coisas distintas.

Pela passagem citada acima, parece claro o suficiente que não se descarta, em prol do que chamamos de atitude sentimental, as expressões corporais. No fundo, o que se faz é incorporá-las ao sentimento geral. No exemplo do tapa, não há dúvida de que um dos gatilhos para o surgimento da emoção seja a dor causada pelo golpe desferido. No entanto, o sentimento de raiva não deve ser considerado a reação corporal provocada pelo golpe, mas sim o sentimento provocado por ele.

Nota-se, de passagem, como essa distinção casa perfeitamente com o elemento espiritual explicado acima. A dor provocada por um golpe qualquer é sentida imediatamente. No entanto, o sentimento provocado por ele depende, em grande medida, de uma mediação mental. Dito de outra maneira, a raiva de ser golpeado na face é provocada mais pela injúria do ato do que pelo sentimento corporal causado. Outra distinção proposta por Irons aparece aqui, a saber, entre o sentimento em relação ao objeto e o sentimento diretamente causado por ele.

A distinção, portanto, deve ser feita entre sentimento em direção ao objeto e sentimento diretamente causado por ele. Em ambos os casos pode-se dizer que o sentimento é causado pelo objeto, porém naquele a mediação da atividade do eu é maior<sup>36</sup>

Em suma, a crítica de Irons consiste em apontar a ausência de um aspecto mental na teoria de James. Sem negar as evidências físicas, a noção de que o sistema nervoso reage, de maneira pré-determinada, a estímulos específicos, ele coloca em evidência um aparente descuido quanto à atitude do indivíduo em relação ao objeto. Sua crítica traz à baila a importância de se levar em conta a compreensão que o sujeito tem em relação ao objeto, não só enquanto esse o estimula, mas na medida em que é constituído como objeto-emocional a partir dessa compreensão.

Bem entendida a crítica de Irons, podemos seguir adiante em nossa tarefa. Vale ressaltar que, nesta seção nos comprometemos a apresentar algumas críticas dirigidas à teoria somática

---

<sup>36</sup> "The distinction, therefore, must be made between feeling in regard to the object, and feeling directly caused by it. In both cases it might be said that the feeling is caused by the object, but in the former it is mediated more by the activity of the self". IRONS. Prof. James' Theory of Emotion. 1894. p. 93. Tradução nossa.

das emoções. Nossa objetivo é traçar um fio condutor, um problema fundamental que conduzirá o consecutivo desenvolvimento deste trabalho. Sem mais, veremos agora a crítica que Robert Solomon dirige à teoria de James.

Robert Solomon dirige uma crítica fenomenológica à teoria somática das emoções, que consiste em afirmar que James reduz os estados emocionais a meras ocorrências sensório-motoras<sup>37</sup>. “William James” ele diz,

o grande médico-filósofo-psicólogo de Harvard no fim do século XIX, tinha uma teoria que aparecerá muitas vezes neste livro. Sua teoria tentava explicitar, em detalhes precisos, a natureza dos sentimentos emocionais, que, ele enfatizava, *são* as emoções. Entretanto, segundo James, esses sentimentos são de um tipo muito específico. São causados por alterações fisiológicas que podem ser especificadas, ou seja, as atividades do sistema nervoso autônomo e do sistema endócrino. Essa visão, além de ter a grande virtude da especificidade, como teoria apresenta a grande virtude da verificabilidade. No entanto, embora especifique os sentimentos que constituem as emoções, a teoria raramente faz qualquer tentativa de *descrever* tais sentimentos, a não ser pelo método indireto de dizer “é o sentimento que você tem quando os pelos da parte de trás do pescoço ficam de pé” ou “é o sentimento que você tem quando os joelhos começam a tremer”. Desse modo, os sentimentos que experimentamos quando temos uma emoção podem ser atrelados a uma ocorrência fisiológica, mas não pode, exatamente, ser descritos; isto é, a experiência do sentimento não pode, em si, ser descrita<sup>38</sup>

A fenomenologia é uma corrente filosófica que surge no princípio do século XX. Tendo como precursor o filósofo alemão Edmund Husserl, ela se configura como um método de investigação crítico à visão científica de mundo. Frente à abstração do dizer científico, a fenomenologia é proposta como uma tentativa de dizer o fenômeno a partir de sua facticidade. Ou seja, seu objetivo não é explicar o que o fenômeno é, mas descrevê-lo como aparece à mente humana.

Merleau-Ponty, um dos mais expressivos fenomenólogos do século XX descreve a fenomenologia da seguinte maneira:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las,

---

<sup>37</sup> SOLOMON. *Fiéis às nossas emoções*:o que elas realmente nos dizem 2015.,p.16.

<sup>38</sup> SOLOMON. *Fiéis às nossas emoções*:o que elas realmente nos dizem 2015.,p.217.

as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vividos”. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...]<sup>39</sup>

Não poderíamos deixar de mencionar essa influência filosófica que subjaz a construção teórica de Solomon em torno das emoções. Isto porque há algo de curioso nessa relação. A fenomenologia, como dissemos, e como a citação do trecho de Merleau-Ponty confirma, surge como uma corrente crítica da visão científica de mundo. Nesta altura já deve ser claro que a teoria somática das emoções é pensada a partir de uma visão de segunda pessoa, ou se quiser, uma visão reflexiva de tal fenômeno. Dessa maneira, nota-se, desde de seus pressupostos, uma divergência fundamental entre os autores. Parece-nos uma consequência quase irremediável que teorias que tenham pontos de partida dissonantes resultaria em teorias conflitantes.

Pensadas como fenômeno humano, as emoções têm um solo comum: o corpo. Sem dúvida, a crítica que Solomon dirige à teoria somática deve-se ao modo de pensar a própria corporalidade. Diferente da visão científica, desde o prisma fenomenológico, o corpo é descrito como dotado de sentido, isto é, de intencionalidade. Quer dizer, enquanto a ciência explica o corpo desde de um ponto de vista de segunda pessoa, a fenomenologia busca descrevê-lo enquanto vivido, enquanto corpo de alguém.

Merleau-Ponty chamou essa visão de primeira pessoa de “corpo próprio”<sup>40</sup>. O ponto central dessa noção é criticar uma visão científica, por um lado, e idealista, por outro. A partir do primeiro, a ideia de que o corporalidade se reduza ao seu aspecto físico-biológico. Do lado idealista, a redução da “motivo da coisa” ao “motivo do espaço”<sup>41</sup>. Dito de outra maneira, a determinação do fenômeno da corporeidade pela idealização do espaço como forma à priori da sensibilidade<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. 2011. p. 1-2

<sup>40</sup> Cf. MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2011. p. 205-212.

<sup>41</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. 2011. p. 206.

<sup>42</sup> Não é de surpreender que a visão idealista do espaço a ser criticada por Merleau-Ponty é de Kant. O ponto crítico para Merleau-Ponty era a noção de que o espaço era uma intuição pura. As intuições puras, na terminologia Kantiana, são aquelas que não derivam da sensação. Sendo assim, a espacialidade só poderia ser compreendida como uma forma à priori da sensibilidade, isto é, condição de possibilidade da sensação de qualquer objeto. Eis então expresso o problema: se o espaço não é uma intuição empírica e sim uma forma da sensibilidade, a

O que Merleau-Ponty faz, em suma, é mostrar uma espécie de descuido da visão científica e idealista do corpo que, ao descrevê-lo a partir de suas categorias, ignora uma corporalidade afetiva que sustenta ambas as narrativas.

Os anosognósticos que falam de seu braço como de uma “serpente” longa e fria não ignoram, propriamente falando, seus contornos objetivos e, mesmo quando o doente procura seu braço sem encontrá-lo ou o amarra para não perdê-lo, ele *sabe* onde está seu braço, já que é ali que o procura e que o amarra. Se todavia os doentes sentem o espaço de seu braço como estranho, se em geral eu posso sentir o espaço de meu corpo enorme ou minúsculo, a despeito do testemunho de meus sentidos, é porque existe uma presença e uma extensão afetivas das quais a espacialidade objetiva não é condição suficiente, como mostra a anosognosia, e nem mesmo condição necessária, como o mostra o braço fantasma<sup>43</sup>.

Pode parecer estranho essa digressão ao pensamento de Merleau-Ponty, porém nós a fazemos porque é a partir dessa visão de corpo que Solomon irá formular uma teoria das emoções. A compreensão do corpo como extensão afetiva muda todo o modo de pensar os estados emocionais. As emoções não são mais pensadas como sensações corporais. Tão pouco são concebidas a partir do esquema reflexo proposto por James.

Para Solomon os estados emocionais são maneiras de nos engajarmos no mundo. Não somos, de modo algum, passivos de nossas emoções. Quer dizer, os estados emocionais não nos vêm independentemente de nossa vontade, de modo a eximir-nos de toda a responsabilidade. Pelo contrário, as emoções são ferramentas, por assim dizer, que nós utilizamos diante de uma situação específica. Uma criança que chora quando sua mãe lhe nega o brinquedo predileto, não o faz de modo totalmente irrefletido. Não se trata, simplesmente, de ter sido acometido por um estado físico em função da percepção de um fato externo.

Trata-se, antes, de uma postura diante do mundo. Chorar frente à negação do brinquedo envolve uma avaliação mental da situação. Esse procedimento conduz a criança a julgar que o pranto é uma boa ferramenta a ser utilizada nesta situação. Prova disso é que, via de regra, comovidas pela tristeza da criança, as mães quase sempre entregam o objeto de desejo.

---

espacialidade do corpo seria uma espécie de “atribuição” da razão humana. Quer dizer, o corpo é uma massa amorfa enformada pela razão. Desde esse prisma, ele é esvaziado totalmente de sua extensão afetiva. É a partir desse problema que Merleau-Ponty afirma ser a espacialidade do corpo o seu “desdobramento de seu ser de corpo, a maneira pela qual se realiza como corpo”. (MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. 2011. p. 206). Sobre a noção Kantiana de espaço ver: PASCAL, Georges. *Compreender Kant*. Introdução e tradução de Raimundo Vier. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 49-62.

<sup>43</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. 2011. p. 205-206.

Há um aspecto fundamental no modo como Solomon pensa os estados emocionais. Esse aspecto é a ideia de que tais estados envolvam juízos avaliativos (appraisals). Pensados fenomenologicamente, os estados emocionais trazem no seu âmago uma teia de significados. Tais significados são expressos na relação que os indivíduos estabelecem com o mundo. O sentido inerente à relação homem-mundo deve ser pensado como constitutivo dos estados emocionais. Daí as emoções envolverem juízos, pois partem da facticidade do fenômeno não sendo externamente atribuídos a ele.

Na maior parte do tempo, a maioria das nossas emoções não estão inteiramente fora do nosso controle. Elas não nos acontecem; somos responsáveis por elas. Nós as praticamos, cultivamos e, muitas vezes, *as escolhemos*, mesmo que inconscientemente. Dessa forma, descrevi as emoções como estratégias, estratégias para viver bem, mesmo que muitas emoções não sejam míopes e, portanto, más estratégias<sup>44</sup>

A visão fenomenológica de Solomon visa o que ele chama de “integridade emocional”<sup>45</sup>. Uma vez que temos controle sobre nossos estados emocionais, não podemos nos colocar como vítimas deles, tampouco tentar suprimi-los. O que ele visa é um bem viver das emoções. Dito Aristotélicamente, ele busca a “boa vida” emocional. Por isso também que ele não pensa as emoções aos moldes da causalidade sensório-motora de James. Seu objetivo é outro. Ele vê uma dimensão ética nos estados emocionais<sup>46</sup>.

Conforme já insisti, eu a entendo [a inteligência de uma emoção] de várias maneiras relacionadas, dentre elas as maneiras pelas quais as emoções nos proporcionam *insight* e entendimento, as maneiras pelas quais as emoções dão forma a nosso mundo, as maneiras que tornam as emoções estratégias por meio das quais manipulamos e administramos nossa mundo e as maneiras pelas quais somos responsáveis por nossas emoções. Em outras palavras, considero uma inteligência emocional, ante de mais nada, um imperativo ético, razão pela qual considero o que chamo de integridade emocional o objetivo e a máxima realização da inteligência emocional, o ponto central das nossas vidas ético-emocionais<sup>47</sup>

Bem entendida, a crítica de Solomon consiste em apontar uma redução dos estados emocionais na teoria somática. A partir de uma visão fenomenológica de mundo e considerando

---

<sup>44</sup> SOLOMON, Robert, C. *Fiéis às nossas emoções*: o que elas realmente nos dizem. 2015, p. 307.

<sup>45</sup> SOLOMON, Robert C. *Fiéis às nossas emoções*: o que elas realmente nos dizem. 2015, p. 17.

<sup>46</sup> SOLOMON, Robert C. *Fiéis às nossas emoções*: o que elas realmente nos dizem. 2015, p. 12.

<sup>47</sup> SOLOMON, Robert C. *Fiéis às nossas emoções*: o que elas realmente nos dizem. 2015, p. 12.

os estados emocionais de um prisma ético, as emoções são para ele juízos, maneiras de nos relacionarmos com mundo. Sem negar as ocorrências fisiológicas, Solomon pensa as emoções como constitutivas do sujeito e, nesse sentido, dotadas de uma inteligência que a teoria de James acaba por deixar escapar.

Passada em revista a crítica de Solomon à teoria somática, podemos agora adentrar nos apontamentos feitos por António Damásio. De maneira simplificada, o cerne de sua crítica consiste em afirmar que a teoria James-Lange só é suficiente para explicar estados emocionais congênitos. No entanto, é insuficiente quando se trata de “representações dispositivas<sup>48</sup> apreendidas”.

No capítulo cinco de “O erro de Descartes”, Damásio defende que a mente humana é fundamentalmente imagética. No que se refere, por exemplo, à nossa memória, guardamos imagens passadas. Contudo, não há no cérebro uma “gaveta” em que tais imagens são arquivadas, bastando acessá-las para recordar o que se viveu. O que há, na verdade, é uma potencialidade neurológica de refazer o circuito sináptico que foi provocado quando se viu a imagem. De maneira mais clara, ao ver uma imagem o cérebro humano reage de tal maneira a criar um circuito neurológico específico. O que se guarda da imagem não é ela em si, mas o circuito feito. Ao relembrar o rosto da mãe, por exemplo, o que se tem é uma “reconstrução momentânea de uma representação aproximada desse rosto nos córtices visuais iniciais”<sup>49</sup>.

O que estou chamando de uma representação dispositiva é uma potencialidade de disparo dormente que ganha vida quando os neurônios se açãoam com um determinado padrão, a um determinado ritmo, num determinado intervalo de tempo e em direção a um alvo particular, que é outro conjunto de neurônios<sup>50</sup>

Para Damásio, o conhecimento humano repousa integralmente em representações dispositivas, quer seja o conhecimento inato ou o conhecimento adquirido por meio da experiência. Em relação ao primeiro, ele “baseia-se em representações dispositivas existentes no hipotálamo, no tronco cerebral e no sistema límbico”<sup>51</sup>. Quer dizer, são conhecimentos internos necessários à sobrevivência, como o controle do metabolismo, instintos, etc. No

---

<sup>48</sup>DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes*: emoção, razão e o cérebro humano. 2012, p. 91-116.

<sup>49</sup>DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes*: emoção, razão e o cérebro humano. 2012, p. 107.

<sup>50</sup>DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes*: emoção, razão e o cérebro humano. 2012, p. 109.

<sup>51</sup>DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes*: emoção, razão e o cérebro humano. 2012, p. 109.

entanto, segundo Damásio, tais representações dispositivas referentes ao conhecimento inato não se transformam em imagens na mente.

Já o conhecimento adquirido “baseia-se em representações dispositivas existentes tanto nos córtices de alto nível como ao longo de muitos núcleos de massa cinzenta localizados abaixo do nível do córtex”<sup>52</sup>. Fundadas nas partes elevadas do cérebro, essas representações dispositivas envolvem registros de imagens que podem ser utilizados no raciocínio, no planejamento, etc.

O acesso ao conteúdo imagético é um fator determinante entre os dois modos de representações dispositivas. A primeira, em grande medida, relacionada ao sistema endócrino, não se baseia em imagens mentais. Quer dizer, a fuga enérgica de um urso, um impulso à sobrevivência, tem sua fonte em representações dispositivas congênitas. Isso significa, que ela se fundamenta na estrutura inata da espécie. Trata-se de um processo irrefletido, não baseado no conhecimento adquirido por experiência, mas em um saber originário que a evolução tratou de providenciar.

Já a representação dispositiva congênita baseia-se no conhecimento adquirido. Quer dizer, a experiência de fugir do urso, que originalmente foi irrefletida, torna-se uma imagem mental que pode ser evocada posteriormente para criar uma estratégia de caça, por exemplo. A emoção derivada da memória do urso é oriunda de uma representação dispositiva aprendida, já que parte da imagem registrada na memória da experiência que se teve com ele.

Nota-se que a grande diferença está no conhecimento no qual a representação dispositiva se baseia. A função homeostática do organismo, por exemplo, não gera uma imagem mental. Quer dizer, ela não é aprendida a partir de uma experiência, não depende da reflexão. Nesse sentido, trata-se de uma representação congênita, uma atividade que parte de um conhecimento inato próprio do corpo. Já a lembrança de um ente querido, um irmão, por exemplo, é uma representação que envolve uma imagem mental e, portanto, parte de um conhecimento aprendido.

A noção de representação dispositiva é fundamental para se compreender o que Damásio critica em James. Como dissemos, para ele a teoria somática serve muito bem para representações dispositivas congênitas, porém parece inapropriada para representações aprendidas. Bem entendido a noção de representações dispositivas, podemos avançar ao ponto fundamental.

---

<sup>52</sup> DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p. 109

Damásio pensa as emoções em dois níveis. O primeiro deles, e o mais básico, diz respeito às emoções infantis. Elas estão ligadas ao sistema endócrino, são instintivas e se devem, em grande medida, à luta pela sobrevivência. Dentro da terminologia apresentada, trata-se de emoções baseadas em representações dispositivas inatas.

Uma hipótese que acredito não levantar nenhuma dificuldade é a de que estamos programados para reagir com uma emoção de modo pré-organizado quando certas características dos estímulos, no mundo ou nos nossos corpos, são detectadas individualmente ou em conjunto<sup>53</sup>

Quanto às emoções primárias, Damásio e James encontram-se em perfeita sintonia. Exceto pela diferença terminológica, já que o que Damásio chama de emoções primárias James designa como secundárias. Enfim, dizemos que estão em acordo pelo fato de estabelecerem uma relação entre os estados emocionais e os instintos. Até este ponto não parece haver problema entre o modo como ambos pensam os estados emocionais.

Contudo, Damásio fala também das emoções secundárias, aquelas que derivam de representações dispositivas aprendidas. O fugir de um urso, no exemplo mencionado acima, é uma emoção primária. No entanto, ela não para por aí. O processo mental continua num processo avaliativo que irá possibilitar a tomada de ações preventivas a fim de evitar o encontro com o mamífero ameaçador. Quer dizer, o ponto central das emoções secundárias é que elas partem da experiência pessoal em que cada indivíduo avalia a situação em que se encontra. O medo de cachorro, por exemplo, parte do meu histórico de relação com esse tipo de animal. Se for traumático, o medo será uma consequência, do contrário, é provável que não.

Essa resposta pré-frontal provém de representações dispositivas que incorporam conhecimentos relativos à forma como determinados tipos de situação têm sido habitualmente combinados com certas respostas emocionais na sua experiência individual. Em outras palavras, provêm de representações dispositivas *adquiridas* e não *inatas*, embora, conforme referi anteriormente, as disposições adquiridas sejam obtidas sob influência das inatas<sup>54</sup>

As emoções secundárias, portanto, partem de um processo mental que avaliam nossas experiências. É justamente nesse ponto que Damásio dirige sua crítica à teoria James-Lange. Para ele, James não dá a devida atenção ao processo mental que acompanha as emoções. E é

---

<sup>53</sup> DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p. 129.

<sup>54</sup> DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p. 133. Grifos do autor.

justamente nesse nível que as representações dispositivas aprendidas se formam criando novos padrões para o disparo emocional.

Evidentemente, não há uma cisão entre as emoções primárias e secundárias. Pode-se dizer que as emoções aprendidas são, em certa medida, adaptações das primárias. Não se trata de negar a relação que os estados emocionais estabelecem com os instintos. O que Damásio aponta é que o fenômeno das emoções é mais complexo do que a teoria Jamesiana supôs. “O principal problema que algumas pessoas tiveram em relação à perspectiva de James” ele diz,

não é tanto o fato de ele reduzir a emoção a um processo que envolve, entre todas as coisas possíveis, o corpo, por muito que isso tenha parecido chocante para seus críticos, mas antes o de ele ter atribuído pouca ou nenhuma importância ao processo de avaliação mental da situação que provoca a emoção. [...] Quase tão problemático quanto isso foi o fato de James não ter estipulado um mecanismo alternativo ou suplementar para criar o sentimento correspondente a um corpo excitado pela emoção. Na perspectiva jamesiana, o corpo encontra-se *sempre* interpuesto no processo. Além disso, James pouco ou nada tem a dizer sobre as possíveis funções da emoção na cognição e no comportamento. [...] Em suma, James postulou a existência de um mecanismo básico em que determinados estímulos no meio ambiente excitam, por meio de um mecanismo inflexível e congênito, um padrão específico de reação do corpo. Não havia necessidade de avaliar a importância dos estímulos para que a ação tivesse lugar. Na sua própria afirmação lapidar: “Cada objeto que excita um instinto excita também uma emoção”<sup>55</sup>.

Em suma, nota-se que a crítica de Damásio aponta, entre outros aspectos, uma possível negligência de James com relação ao elemento cognitivo que acompanha os estados emocionais. Essa descuido, entre outras consequências possíveis, faz da teoria James-Lange muito rudimentar, inadequada quando se trata de emoções que envolvam um nível mais avançado de complexidade, como é o caso daquelas que se devem às representações dispositivas congênitas<sup>56</sup>.

Uma última crítica que merece a nossa atenção é a de W. L. Worcester. Ao modo dos demais, para ele a teoria jamesiana das emoções não dá a devida atenção ao elemento cognitivo que as constitui. O ponto central de sua crítica é a ideia de que os estados emocionais consistem na consciência proprioceptiva das modificações corporais. Como vimos, essa modificações se devem ao sistema nervoso que é evolutivamente adaptado a responder de um modo específico.

---

<sup>55</sup> DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p. 128. Grifos do autor.

<sup>56</sup> Sobre a crítica de Damásio à teoria James-Lange ver: RUNGUE, G.G. Sobre as emoções: António Damásio e a crítica à teoria James-Lange. *Revista Brasileira de Filosofia da Religião*. v. 6 n. 2 (2019) p. 156-175.

No entanto, o que Worcester percebe é que essas modificações não são necessárias. Quer dizer, a reação que a percepção de um objeto qualquer desperta no indivíduo não deve sua causa a uma ação reflexa. Dito de outro modo, as alterações corporais não são desencadeadas devido a relação indivíduo-ambiente como proposta pela teoria da evolução e defendida por James. O que determina a reação dos indivíduos é a avaliação da situação.

Por exemplo, nem correr nem qualquer outro sintoma de medo que ele enumerou é o resultado necessário de ver um urso. Um urso acorrentado ou engaiolado pode excitar apenas o sentimento de curiosidade, e um caçador bem armado pode experienciar simplesmente sentimentos prazerosos ao encontrar um solto na floresta. Não é, portanto, a percepção do urso que excita os movimentos de medo. Nós não corremos do urso a menos que supomos que ele seja capaz de nos causar uma injúria corporal. Por que a expectativa de ser comido, por exemplo, deve colocar os músculos de nossas pernas em movimento? o “senso comum” provavelmente diria que foi porque nos opomos a ser comidos, mas de acordo com o professor James, não aprovamos ser comidos pelo urso porque nós corremos dele. Então, novamente, golpear não é um ato reflexo seguido de ouvir um insulto assim como um espirro após cheirar rapé. Se os movimentos musculares ou as emoções são a coisa primária, o que ambos serão depende de muitas coisas além das palavras que são faladas<sup>57</sup>

O que Worcester condena na teoria de James é a ideia de que as emoções sejam meras reações a um estímulo externo. Para ele, os estados emocionais não podem ser reduzidos a movimentos instintivos. As emoções não são, de modo algum, reações reflexas provocadas por uma estrutura pré-ordenada. Elas consistem, do contrário, na avaliação de mundo. Os estados emocionais envolvem juízos acerca da realidade. Isso acontece de tal maneira, que o surgimento das emoções depende sempre da atividade cognitiva.

Nós vimos nas páginas anteriores que James estabelece uma distinção entre instintos e estados emocionais. Essa separação resulta na liberação das emoções do grupo de ações reflexas, uma vez que não produzem, necessariamente, uma ação em direção a algum objeto. O que não significa, como vimos também, que tais estados não interfiram em nossa tomada de

---

<sup>57</sup> “For instance, neither running nor any other of the symptoms of fear which he enumerates is the necessary result of seeing a bear. A chained or caged bear may excite only feelings of curiosity, and a well armed hunter might experience only pleasurable feelings at meeting one loose in the woods. It is not, then, the perception of the bear that excites the movements of fear. We do not run from the bear unless we suppose him capable of doing us bodily injury. Why should the expectation of being eaten, for instance, set the muscles of our legs in motion? ‘Common sense’ would be likely to say it was because we object to being eaten, but according to Professor James, the reason we dislike to be eaten is because we run away. So, again, striking is not a reflex act, following on the hearing of an insult as sneezing does on taking snuff. Whether the muscular movements or the emotions are the primary thing, what both shall be depends on many things besides the words that are spoken”. WORCESTER, W. L. *Observations on some points in James's psychology*. 1893, p. 287.

decisão. Pelo contrário, confere intencionalidade a elas. Os estados emocionais são passíveis de corrigibilidade, de tal modo que podemos decidir a melhor maneira de “usá-los”. Assim, parece-nos, de imediato, que a crítica de Worcester é um tanto frágil. No capítulo seguinte teremos tempo para oferecer respostas possíveis às críticas apresentadas aqui.

Outro ponto de crítica é o fato de que as emoções se dão em níveis diferentes. O medo de se atrasar para uma apresentação teatral não é o mesmo que estar diante de um leão. A tristeza por ter pedido dez reais no caminho para casa não se compara à perda de uma mãe. No entanto, quando James trata das emoções ele parece ter em mente somente os casos extremos de emoção. A partir dessa ótica, parece evidente que todos os estados emocionais acompanham reverberações corporais evidentes. Dado a intensidade das emoções em questão, fica mesmo difícil não pensar nas ocorrências fisiológicas quando as temos em mente.

Contudo, nos casos mais brandos, a despeito da fraqueza ou mesmo ausência das expressões corporais, a emoção ainda parece estar lá. Não entregar o trabalho bimestral à professora de metafísica, não causa pranto, choro, uma atitude de prostração e um desgosto pela vida. Porém, a tristeza pela possibilidade de perder o semestre se faz presente. Nesses casos, a teoria somática das emoções parece descuidar-se da variedade emocional que pode acometer os indivíduos. O tratamento de James acaba por considerar um único aspecto das emoções, aquelas que têm uma expressão corporal distinta, e por fim, passa ao largo daquelas mais brandas.

Em primeiro lugar, deve-se notar que os casos que ele exemplifica para ilustrar sua posição são todos de emoções violentas. Admitindo que não podemos ter essas emoções, em tal grau, sem movimentos como ele descreve, nem mesmo imaginar como seriam se tal coisa fosse possível, não se segue, porque não podem ser separadas, que sejam idênticas. Não raciocinamos dessa maneira em relação aos sentimentos que comumente não são chamados de emoções. Não posso mais me imaginar sofrendo de dores corporais intensas sem a tendência a gemer e contorcer-me do que profundamente entristecido sem tendência a chorar, e ainda assim ninguém, provavelmente, diria que a dor consistia apenas em minha consciência de gemer e contorcer-se. Se o luto é um tipo de dor, é de se esperar que, em alto grau, produza movimentos corporais mais ou menos semelhantes aos provocados por outros tipos de dor. Todas essas emoções, no entanto, são capazes de graduações infinitas de intensidade. O medo de perder o lenço de bolso é uma emoção do mesmo tipo que o medo de perder a fortuna. Na descrição do professor James de medo, é evidente que ele tem um objeto terror em mente. Eu dificilmente acho provável que ele tenha tais sensações, quando ele teme, por exemplo, se atrasar para o jantar, e ainda assim ele deve ter uma constituição diferente de muitos de seus estados semelhantes, se seu estado de espírito em tal caso é

meramente uma cognição fria e intelectual do fato de que tal estado de coisas seria indesejável.<sup>58</sup>

Fica claro o que Worcester critica na teoria jamesiana das emoções. Em primeiro lugar o descuido quanto ao elemento cognitivo dos quais os estados emocionais dependem. As emoções não se seguem das reações instintivas causadas pela percepção de um objeto, mas do processo de avaliação mental em que tais objetos são julgados como tristes, amedrontadores, alegres, conforme cada caso. Em segundo lugar, o fenômeno emocional é passível de uma vasta gama de variações. Existem aquelas que são mais intensas bem como as que são mais sutis. Essa variedade coloca em evidência o fato de que em muitos casos, as reverberações corporais são mínimas, quando não são totalmente imperceptíveis, e mesmo assim o estado emocional se faz presente.

Tendo revisado todas as críticas, chegamos ao cume deste capítulo. Resta-nos, ainda, um ponto derradeiro. Evidenciar o ponto de convergência entre os críticos e, em decorrência disso, traçar o fio condutor deste trabalho, nosso problema fundamental.

Nas páginas precedentes vimos que a teoria somática, em seu aspecto orgânico, consiste em afirmar que a consciência proprioceptiva das modificações somáticas é uma emoção. Essa tese sofreu críticas duras de diversos autores, dentre os quais destacamos quatro. Vimos em todos eles a acusação da ausência de um elemento cognitivo na teoria James-Lange.

Irons falava da necessidade de um elemento espiritual que mediasse a percepção de um fato externo e o surgimento da emoção. Para ele, as emoções são uma atitude em relação ao objeto e não somente uma sensação física. Solomon, por sua vez, acusa James de “furtar” às emoções uma inteligência que lhe é própria. Para ele, a teoria James-Lange reduz as emoções a meras sensações, perdendo de vista a intencionalidade do fenômeno emocional. Essa

---

<sup>58</sup> In the first place, it is to be noticed that the cases he instances in illustration of his position are all of violent emotions. Admitting that we cannot have these emotions, in such degree, without movements such as he describes, nor even imagine how they would feel if such a thing were possible, it does not follow because they cannot be separated that they are identical. We do not reason in this way in regard to those feelings which are not commonly called emotions. I can no more imagine myself in intense bodily pain without a tendency to groan and writhe than deeply grieved without a tendency to weep, and yet no one, probably, would say that the pain consisted solely in my consciousness of the groaning and writhing. If grief is a kind of pain, it is to be expected that, in a high degree, it will produce bodily movements more or less similar to those excited by other sorts of pain. All these emotions, however, are capable of infinite gradations in intensity. The fear of losing one's pocket handkerchief is an emotion of the same kind as the fear of losing one's fortune. In Professor James's description of fear, it is evident that he has abject terror in mind. I hardly think it probable that he has any such sensations, when he fears, for instance, that he will be late to dinner, and yet he must be differently constituted from many of his fellow-men if his state of mind in such a case is merely a cold, intellectual cognition of the fact that such a state of affairs would be undesirable. WORCESTER, W. L. Observations on some points in James's psychology. 1893, p. 288.

intencionalidade dota os estados emocionais de significado, tirando-o do vazio de sentido da narrativa científica.

António Damásio pensa que a teoria das emoções de James seja rudimentar, primitiva. Ela explicaria bem as emoções de crianças, aqueles estados emocionais mais básicos, que ocorrem em função de uma estrutura inata. Quando o assunto são as emoções derivadas de representações dispositivas aprendidas, a teoria jamesiana já seria insuficiente, uma vez que não dá a devida atenção ao aspecto cognitivo que acompanha esses estados. Por fim, mas não menos importante, Worcester mostra que as emoções dependem de um processo de avaliação da situação. O medo de um urso, por exemplo, não depende de uma estrutura fisiológica evolutivamente adaptada para temê-lo. Trata-se, antes, de uma avaliação de estar ou não em risco. Assim, a teoria James-Lange é insuficiente porque não leva em conta a situação em que as emoções surgem. Essa situação pode ser expressa em seu elemento cognitivo, quer dizer, trata-se de um juízo em que se decide se a situação é de risco ou não, alegre ou não, conforme cada caso.

Parece-nos, portanto, que o problema fundamental com o qual teremos de lidar é justamente a relação entre estados emocionais e cognição. Nossa tarefa será mostrar em que medida as emoções, pensadas ao modo de James, estão abertas à atividade mental. O intuito do nosso trabalho é justamente argumentar em prol de uma teoria híbrida, que fundamenta as emoções no solo da fisiologia humana sem deixar de lado os aspectos cognitivos que a constituem.

Nos próximos capítulos iremos mostrar que as críticas dirigidas à teoria jamesiana das emoções parecem ter passado ao largo de aspectos centrais. Mostraremos como, ainda no nível orgânico da teoria, James pensa as emoções como fenômenos robustos. Isto é, os estados emocionais não são meramente reflexos, mas dotados de intencionalidade. Em seguida, pretendemos mostrar o que chamamos de teoria cognitiva. Trata-se de um avanço teórico de James considerar aqueles estados emocionais que não têm sua origem nas alterações somáticas. Posteriormente, apresentamos também a teoria social das emoções. Nossa ênfase nesse estágio será as emoções religiosas. Nosso objetivo é mostrar como aspectos cognitivos e sociais modelam os estados emocionais.

Acreditamos que este percurso pode nos conduzir na direção de uma resposta à questão que neste capítulo levantamos: como estados emocionais e cognitivos se relacionam na teoria das emoções de William James? A resposta, nós esperamos, o próprio percurso se encarregará de trazer.

## Capítulo II

### A Teoria Cognitiva das Emoções

Neste capítulo, apresentaremos a teoria cognitiva das emoções de William James. Essa teoria foi exposta, sobretudo, em “Princípios de psicologia”. Nessa obra, no capítulo dedicado às emoções, James trata do que chamou de “emoções sutis”<sup>59</sup>. Esses estados emocionais são disparados pela percepção direta de um objeto externo ou mesmo pela ideia dele. Não se trata, como vimos na teoria orgânica, de um estado emocional secundário, em que a expressão corporal se interpõe entre a percepção de um fato excitante e a ocorrência da emoção. As emoções sutis, como veremos, parecem surgir da percepção mesma do objeto. Porém, antes de avançarmos em direção à teoria cognitiva, nos ocuparemos da tentativa modesta de responder a algumas críticas que foram dirigidas à teoria orgânica das emoções.

Nosso trabalho, se visto “de cima”, busca apresentar o elemento cognitivo da teoria jamesiana das emoções, considerando-a em seu amplo desenvolvimento. Quer dizer, a acusação de que James reduz os estados emocionais a meros epifenômenos quando os pensa como sensação proprioceptiva das modificações corporais não leva em conta o tratamento posterior que ele fez do tema. Essa é a tese central do nosso trabalho. Nosso objetivo é mostrar que a teoria somática ganha outros contornos na literatura jamesiana. Sem nunca perder de vista a base física das emoções, James progride em direção a uma teoria cognitivo-social dos estados emocionais.

No entanto, parece-nos possível apresentar a relação entre cognição e emoção ainda nos primeiros escritos de James. A teoria James-Lange parece apresentar mais do que fora visto por seus críticos. A distinção entre instinto e emoção parece colocar em evidência a influência que a atividade mental pode exercer sobre a última. Essa mesma distinção, parece garantir, por um lado, que os estados emocionais não estão totalmente à mercê de nossa vontade. Por outro lado, isso não significa uma total passividade em relação às emoções, sendo estas passíveis, em alguma medida, de nosso controle.

Além disso, a ligação que a teoria somática estabelece com a teoria evolutiva pode viabilizar respostas a algumas das críticas que lhe foram dirigidas. Veremos que, pela força da

---

<sup>59</sup>JAMES, William. *The principles of psychology*. V. I-II, Dover Publications, inc, 1950. p. 468-474.

associação, disparos emocionais que se devem à constituição nervosa podem ser desencadeados em uma situação similar ainda que não tenha a menor utilidade para a mesma.

De modo geral, o que pretendemos nas páginas a seguir é nos aventurar, considerando sempre nossas limitações, na tentativa de responder algumas críticas ainda a partir da teoria orgânica. Parece-nos que ela tem muito a dizer. Feito isso, prosseguiremos com nosso roteiro. Apresentaremos a teoria cognitiva das emoções fechando nosso segundo capítulo.

Nas páginas que se seguem, tentaremos responder algumas críticas que foram dirigidas à teoria James-Lange. Realizaremos essa tentativa sem recorrer ao desenvolvimento posterior de sua teoria, mas sim pensando a partir dos conceitos já apresentados e através das interfaces que seu pensamento parece estabelecer. No primeiro capítulo nós apresentamos a teoria somática das emoções e algumas críticas que lhe foram dirigidas. Vimos que, para James, as emoções consistem na sensação imediata das modificações corporais derivadas da estrutura nervosa do indivíduo.

Esse modo de pensar os estados emocionais foi duramente combatido. Tal como foi colocado, Damásio julga essa teoria como primitiva, uma vez que não teria dado a devida atenção ao aspecto cognitivo que acompanha os estados emocionais. Irons diz que entre a percepção do objeto e a expressão corporal deve haver um elemento espiritual. Trata-se de uma atitude sentimental em direção ao objeto, de tal modo que seja compreendido como um objeto emocional. Worcester, nessa mesma direção, diz que os estados emocionais dependem de um juízo em que o objeto percebido é discriminado como um objeto de terror, por exemplo. Solomon critica a ausência de intencionalidade das emoções, uma vez que são pensadas como meras sensações fisiológicas.

Entre todas essas críticas nós traçamos um ponto em comum que julgamos ser o problema fundamental com o qual este trabalho terá de lidar. O problema, nós o vimos, é a cisão aparentemente estabelecida por James entre os estados emocionais e cognitivos. As emoções, pensadas a partir da estrutura nervosa da espécie, parecem ter sido reduzidas a meras reações motoras, sem qualquer traço cognitivo. Acreditamos, no entanto, que essas interpretações a respeito de James deixaram na sombra o traço cognitivo das emoções de que James, como veremos, nunca se descuidou. De tal modo que a relação entre cognição e emoção é o problema do qual nos ocupamos neste trabalho.

Em busca de resposta a nossa questão principal, iremos recorrer, numa primeira aproximação a uma teoria menos restritiva sobre cognição, que nos fornece um marco teórico dentro do qual poderá ficar claro a abordagem cognitiva de James sobre os estados emocionais.

Em seguida, investigaremos os escritos de Darwin acerca dos estados emocionais. Esse recurso a Darwin tem duas razões principais. A primeira delas é o fato de que os trabalhos dele acerca da expressão das emoções, segundo Carrete<sup>60</sup>, estabelece uma relação entre a fisiologia e a psicologia. Quer dizer, Darwin pensava as modificações corporais como expressões de diversos estados de espírito. O segundo motivo que nos leva a Darwin é a influência que ele exerce sobre os trabalhos de James. Darwin, de novo segundo Carrete<sup>61</sup>, estabelece a possibilidade de se pensar os estados emocionais a partir dos instintos. Essa postura marca de forma crucial a maneira como James irá pensar as emoções.

Um adendo parece-nos necessário. Há que se ter em mente que a pretensão de apresentar a relação entre cognição e emoção ainda nos primeiros trabalhos de James, aos quais nos referimos como “teoria orgânica”, pode ser problemático e, por isso, precisa ser bem explicada. Problemático porque, neste estágio, James pensa as emoções como devidas à estrutura nervosa do ser humano. Sendo assim, os estados emocionais são disparados em função de uma estrutura pré-determinada em que o processamento avançado de informações parece não exercer qualquer influência.

O elemento cognitivo será mais bem desenvolvido a partir da consideração da teoria jamesiana como um todo. No entanto, o que pretendemos mostrar é que a teoria orgânica não se reduz a um mero inatismo, em que somente situações inatas, como acusa Damásio, poderiam ser explicadas. Pelo contrário, mostraremos que a teoria James-Lange, em sua interface com o pensamento evolutivo, pode sim explicar disparos emocionais em situações não naturais. Além disso, veremos que os estados emocionais envolvem intencionalidade, uma vez que se dão em função de um objeto dentro de um contexto. Ficará claro, também, que as emoções são fenômenos passíveis de corrigibilidade, e aqui aparece, ainda que de modo incipiente, o elemento cognitivo. O ponto é que o comportamento que se segue da emoção não se reduz a meras reações reflexas, mas sim, envolve uma um grau de flexibilidade que o torna sensível ao contexto.

---

<sup>60</sup> No artigo intitulado “William James” Jeremy Carrete afirmar o seguinte sobre os trabalhos de Darwin sobre as emoções: “Darwin’s 1872 work *The Expression of Emotions* created the possibility of thinking about emotion inside the instinctual body and provide the link between physiology and the emerging “science” of psychology”. [O trabalho de Darwin “A expressão das emoções”, de 1972, criou a possibilidade de pensar sobre as emoções a partir do instinto corporal a providenciou a ligação entre a fisiologia e a emergente “ciência” psicológica”.] CARRETE, J. *William James*. 2007, p. 420. Tradução nossa. (Ênfase do autor).

<sup>61</sup> Vide nota anterior.

É por esses e outros motivos que acreditamos que a interface da teoria James-Lange com a literatura darwinista pode desfazer alguns mal-entendidos acerca dos estados emocionais pensados a partir da estrutura nervosa do ser humano. Evidentemente que isso não nos desobriga da apresentação mais ampla do desenvolvimento posterior da teoria de James. Contudo, acreditamos que evidencia que seu tratamento das emoções, ainda em seus primeiros trabalhos, não seja tão ingênuo quanto julgaram ser. Vejamos o que uma postura naturalista-evolucionista pode nos dizer a respeito dos estados emocionais.

## **2.1 - Uma concepção abrangente de cognição: controle e corrigibilidade**

Vimos que uma boa parte das críticas à concepção de emoções proposta por James parte de uma ideia robusta de cognição, vale dizer, como um estado mental que envolve juízos valorativos sobre o mundo. No primeiro capítulo, mencionamos de passagem essa teoria da cognição que fundamenta a crítica a respeito do pensamento de James. Nesse tópico, explicaremos melhor essa teoria e mostraremos seus limites. Em seguida, trataremos de uma teoria menos restritiva e, por isso, mais abrangente sobre cognição. Como veremos, o mérito dessa teoria mais abrangente consiste em acomodar aspectos cognitivos das emoções relevantes em James como a intencionalidade e a corrigibilidade. Essa explicação estabelece, portanto, o marco teórico em que podemos fazer sentido ao pensamento jamesiano.

As críticas à concepção somática de James partem da ideia de que emoções são atitudes proposicionais.<sup>62</sup> Trata-se de estados mentais que consistem em uma atitude direcionada a uma proposição, por sua vez, precedida da partícula “que”. As atitudes em relação a essas proposições incluem desejar, acreditar, supor e assim por diante. Essas atitudes podem também ser emocionais. Já as proposições descrevem fatos do mundo. Nessa perspectiva, a afirmação de que emoções são atitudes proposicionais significa que elas podem estar direcionadas a proposições. Assim, alguém pode estar com *medo* de que “a pandemia do Covid-19 irá exterminar a humanidade”. O cognitivismo entende que essa emoção (atitude) e a proposição formam uma representação mental. A posse de uma emoção implica, portanto, a posse de uma representação mental. Desse modo, emoções estão no mesmo nível das crenças empíricas, a saber, no nível que Sellars e McDowell denominam “espaço das razões”<sup>63</sup>. Isso significa que

---

<sup>62</sup> PRINZ, Jesse. *Gut reactions*. Oxford Press. 2004, pp. 45-46.

<sup>63</sup> McDOWELL, John. Mente e Mundo. Ideias e Letras. 2005.

emoções estão reguladas por princípios de coerência ou de racionalidade, assim como as outras atitudes proposicionais.

Na medida em que as emoções são concebidas como atitudes proposicionais, segue-se que seu possuidor deve também ter conceitos pelos quais é tanto consciente de suas próprias emoções, quanto capaz de realizar inferências com elas. Aqui partimos de uma concepção básica de conceitos, segundo a qual são eles os constituintes inferencialmente pertinentes dos juízos. A ideia é de que a posse de conceitos permite ao sujeito formar conjunto potencialmente ilimitado de juízos com eles. Referimo-nos aqui à concepção de Gareth Evans sobre conceitos.<sup>64</sup> Segundo o filósofo, a posse do conceito “verde”, por exemplo, permite a formação de vários juízos nos quais esse conceito pode figurar, como o “o sofá é verde”, “a fruta está verde” e assim por diante. De tal modo que conceitos estão submetido ao que Evans denomina de princípio de generalidade.

Nessa linha, o medo de ser contaminado pelo coronavírus requer saber algo sobre a própria emoção de medo, sobre a gravidade da doença, o risco de não encontrar tratamento adequado e assim por diante. Em suma, não é possível ter medo do coronavírus sem saber algo sobre ele, em particular, qualquer tipo de dano que ele poderá ocasionar. Daí que na esteira de Evans podemos dizer que o sujeito, possuidor de conceito de medo, deve ser capaz de formar vários pensamentos tanto com a emoção de medo, quanto o conceito de coronavírus, ao qual o medo está direcionado. É justamente a posse de conceitos que garante a possibilidade de se pensar emoções como juízos avaliativos.

Note-se que essa concepção cognitivista acerca de emoções abre mão da teoria somática. Com efeito, de acordo com essa teoria cognitivista, os traços cognitivos presentes nos estados emocionais não são idênticos a alterações corporais internas. De acordo com essa teoria cognitivista, os componentes cognitivos das emoções não são incorporados. E isso, como já sabemos, tomam James como um defensor de ideias sobre emoções das quais eles querem, manifestamente, afastar-se. A julgar por essa teoria, não há como visualizar o componente cognitivo das emoções em James.

Entretanto, há muitas críticas em relação a essa compreensão acerca da cognição. Um dos problemas é que essa concepção abre mão do impacto do corpo no processo cognitivo. De acordo com a teoria da cognição ancorada, defendida por Lawrence Barsalou e colaboradores, as capacidades cognitivas, mesmo de alto nível, estão ancoradas em capacidades sensoriais,

---

<sup>64</sup> EVANS, Gareth. *The varieties of reference*. Oxford Press, 1982

afetivas e motoras.<sup>65</sup> Isso significa que o conteúdo conceitual presente no sistema cognitivo não se coloca para além do modo específico pelo qual é processado por essas capacidades sensoriais e afetivas. Vejamos, em linhas gerais, como ocorre o processo de conceituação do conteúdo da experiência.

A experiência recorrente com instâncias pertencentes a um mesmo tipo de fenômeno dispara a atividade de diferentes subsistemas neuronais. As informações advindas de diferentes canais sensoriais, que ativam esses subsistemas, são armazenadas na memória de longo prazo. Tais informações, por sua vez, são recrutadas e empregadas por esses subsistemas a cada novo encontro com o fenômeno em questão. O padrão geral de ativação desses subsistemas torna o fenômeno disponível para diferentes tipos de interação por parte do agente. Barsalou e colaboradores descrevem essa ativação dos subsistemas como simulação.<sup>66</sup> Para os nossos propósitos, é importante destacar que esse processo de simulação ocorre também com a ativação de subsistemas responsáveis pelas emoções. Assim, muitas dessas emoções são antecipadas nas situações pertinentes. Isso significa que a simulação mobiliza as informações tais como processadas tanto pelas nossas capacidades sensoriais e emotivas, que dizem respeito ao nível somático. São essas informações moduladas afetivamente que dão entrada no processamento cognitivo. Isso é importante para que as simulações sejam pertinentes ao tipo de interação que o agente pretende realizar diante do fenômeno. Nessa perspectiva, a conceituação envolve um conjunto de simulações de diferentes subsistemas em conexões recíprocas. Processos de simulação de baixo-nível (afetivos) estão indissociavelmente conectados com processos de simulação de alto-nível.

É importante notar que essas simulações não envolvem, necessariamente, juízos de fato ou de valor sobre a realidade. Tais simulações de baixo ou alto nível podem ser implícitas e estão conectadas ao comportamento flexível que atende às demandas do contexto e à finalidade que o agente quer alcançar. Assim, emoções simuladas ou antecipadas figuram no complexo motivador da ação. Um agente pode evitar uma situação simulando uma emoção de valência negativa, como a repugnância, ou levar a cabo uma ação à espera da realização de uma emoção positiva, como a alegria. Esses casos não envolvem, ao menos necessariamente, a construção de juízos, bem como inferências explícitas.

---

<sup>65</sup> BARSALOU, Lawrence. Grounded Cognition. *The annual review of Psychology*, n. 59, 2008.

<sup>66</sup> BARSALOU, Lawrence. Simulation, situated conceptualization, and prediction. *Philosophical Transactions*, n. 364, 2009.

Por certo há muito mais para ser dito sobre a teoria da cognição situada. Entretanto, uma explicação minuciosa dessa teoria iria além dos propósitos do nosso trabalho. De qualquer modo, nosso interesse em trazer à tona essas considerações consiste na possibilidade de descortinarmos uma concepção menos restritiva de cognição, a saber, não como uma capacidade de emitir juízos sobre o mundo, mas sim como uma capacidade de controlar a informação sensorial e afetiva. Esse passo é fundamental para mostrarmos que as críticas a James dependem de uma dada concepção, de resto restritiva, da atividade cognitiva. E, como veremos ao longo desse e do terceiro capítulo, é justamente uma noção mais abrangente de cognição que se faz presente na abordagem de James sobre as emoções.

A ideia que emerge das considerações precedentes é a seguinte: cognição significa a capacidade de um agente explorar representações que estão sob seu controle. Não se trata, portanto, de mera receptividade ou de um processamento de informação por mecanismos que operam aquém de nossas intenções. De maneira mais específica, uma representação está sob nosso controle se ela é mantida, ativada, bloqueada ou manipulada em diferentes subsistemas mentais, tendo em vista os propósitos que o organismo quer atingir.

A título de exemplo, considere-se um agente que realiza diferentes ações tendo em vista uma mesma finalidade. Podemos dizer que seus estados mentais controlam a realização de seus movimentos, evitando os que são irrelevantes e selecionando os que são relevantes para a realização da finalidade pretendida. E, de forma inversa, considere-se que uma mesma ação realiza diferentes estados mentais em diferentes contextos. Não podemos compreender essas ações como meras reações cegas aos estímulos do mundo. Aqui o agente é capaz de se reorganizar ou de realizar novos ajustes a partir de mudanças inesperadas ocorridas ao longo de sua ação. Em virtude dessa flexibilidade, as ações que daí se seguem serão concebidas como ações intencionais. Por outro lado, organismos que não são capazes de exercer um controle sobre essas representações são desprovidos de capacidade cognitiva. Exemplos aqui poderiam ser o comportamento de organismos muito simples, que meramente reagem aos estímulos do mundo. Nesse caso, uma alteração da situação típica na qual ele age tipicamente seria suficiente para impedir a realização da finalidade pretendida.

A partir desse quadro que define a cognição como controle, como podemos pensar o aspecto cognitivo das emoções? O ponto chave é que estados emocionais, embora não decorram de nossas escolhas, estão, de algum modo, sob nosso controle. Quer dizer, está sob nosso controle regular a intensidade dos estados emocionais, vale dizer, o modo como são sentidos. Abre-se espaço para pensarmos nossa capacidade de regular nossas emoções

intensificando ou diminuindo a intensidade delas a partir das demandas, de diferentes tipos, presentes no contexto em que se está. Ainda que nem sempre isso ocorra, ou seja, mesmo que as emoções nem sempre sejam passíveis de ser reguladas pelo próprio agente, o ponto central é que a ideia de controle aqui tem o sentido disposicional. Ou seja, o que importa é que o agente possua a capacidade de regular suas próprias emoções. Isso significa que a capacidade cognitiva pode interferir nas emoções. As expressões advindas dos estados emocionais, de que nos ocuparemos abaixo, podem ser permeadas pela atividade cognitiva.

Enfim, tendo em vista o marco teórico da cognição estendida, podemos identificar um problema que se faz presente nas críticas de James baseadas em uma perspectiva cognitivista (voltaremos a isso). Trata-se do problema de uma concepção desincorporada das emoções, pela qual se possa estabelecer a diferença, ou mesmo cisão, entre juízos avaliativos e modificações corporais. O problema é que a concepção de cognição como uma capacidade que se coloca além do corpo enfrenta objeções importantes. Talvez a mais séria delas seja um dualismo entre mente e corpo. Quanto a isso, o ganho explicativo com a teoria da cognição situada que vimos nesse tópico parece inegável. E é importante notar que uma das origens dessa teoria é, por certo, o pensamento de James que rompe com esse dualismo, apontando para uma relação recíproca entre emoção e cognição. Para que possamos esclarecer, de maneira específica, o caráter cognitivo das emoções em James, trataremos no próximo tópico do modo pelo qual os trabalhos de Darwin repercutiram no seu pensamento.

## **2.2 Entre Darwin e James**

No livro “*A expressão das emoções no homem e nos animais (2009)*” Darwin busca respostas à seguinte questão: por que os animais de diferentes espécies, entre eles a espécie humana, fazem determinados gestos em situações específicas? Por exemplo, por que o cachorro abana a cauda quando vê seu dono ou por que a face humana fica rubra quando sente vergonha? Ele explica o surgimento desses e outros gestos a partir de três princípios fundamentais: “o princípio dos hábitos associados úteis; o princípio da antítese; e o princípio das ações derivadas à constituição do sistema nervoso”<sup>67</sup>.

Antes de passarmos à explicação dos três princípios mencionados, é necessário recordar que, para Darwin, qualquer movimento de qualquer parte do corpo pode ser considerada uma

---

<sup>67</sup> Cf. DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. 2009, p. 32-33.

forma de expressão. Quer dizer, não se deve tomar um conjunto de órgãos e movimentos específicos como selecionados especialmente para expressão. Os mais diversos gestos e modificações corporais podem servir como expressão de um estado de espírito.

Nem preciso dizer que movimentos ou modificações em qualquer parte do corpo - como um cachorro quando balança a cauda, um cavalo que repuxa as orelhas, um homem que levanta os ombros ou a dilatação dos capilares da pele - podem todos também servir para a expressão<sup>68</sup>

Isso parece importante pela relação que se estabelece entre estados psíquicos e corporais. Quer dizer, as modificações somáticas, independente de quais sejam, podem exprimir estados mentais, tais como emoções, sentimentos, etc. Essa relação, nós o vimos, impacta profundamente os trabalhos de James, de tal modo que o leva a conceber tais expressões como constitutivas dos estados emocionais. Bem entendida a diversidade de movimentos que podem ser tomados como expressivos, vejamos como Darwin explica sua origem.

O primeiro princípio apresentado é o dos hábitos associados úteis. Este princípio diz que ações úteis, fixadas pelo hábito, podem ser associadas a situações similares, de tal maneira a se repetir ainda que não tenham a menor utilidade. No processo evolutivo das espécies diversas ações foram desenvolvidas, sobretudo visando a sobrevivência. O cachorro quando tomado de raiva, por exemplo, faz diversos gestos, entre eles rosnar e mostrar as presas. O que o princípio de Darwin afirma é que tal postura pode ter sido voluntariamente desenvolvida por um ancestral para afastar uma ameaça incipiente. A força do hábito fixa as ações despendidas tornando-as de fácil execução, como se fossem reflexas. Por fim, a associação de situações semelhantes, pode trazer à tona tais gestos ainda que não sejam úteis à ocasião.

Algumas ações complexas têm utilidade direta ou indireta em certos estados de espírito para aliviar ou gratificar sensações, desejos etc; e toda vez que o mesmo estado de espírito é induzido, mesmo que pouco intenso, há uma tendência, pela força do hábito e associação, de os mesmos movimentos se repetirem, ainda que não tenham a menor utilidade<sup>69</sup>

O aspecto que nos interessa neste primeiro princípio é o poder da associação, quer dizer, a possibilidade de um disparo emocional em uma situação em que os gestos despendidos não

---

<sup>68</sup> DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. 2009, p. 32.

<sup>69</sup> DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. 2009, p. 32-33.

têm qualquer utilidade. Este princípio é evocado por James como resposta a uma possível objeção à teoria somática das emoções. A objeção consistiria em afirmar que muitos de nossos estados emocionais não se devem à nossa estrutura nervosa, mas a convenções sociais. Dito de outro modo, as expressões somáticas carecem de um conteúdo cognitivo para que então possam surgir. Uma criança precisa ser primeiro ensinada a respeito do que é pavoroso, assustador, amoroso. As expressões corporais seriam uma consequência desse conhecimento. Por fim, a objeção consiste em interrogar como a teoria de James, que pensa os estados emocionais como sendo disparados devido à constituição nervosa, poderia explicar emoções derivadas de uma situação convencional<sup>70</sup>.

Uma resposta de James passa justamente pelo princípio dos hábitos associados úteis. A associação da situação pode fazer irromper uma série de modificações corporais ainda que não tenham a menor utilidade. Retomando nossa explicação sobre o processamento cognitivo no tópico anterior, o conteúdo dos estados emocionais pode ser mobilizado de diferentes modos, ou em diferentes contextos. Note-se que a relativa independência com a relação a pressões fortemente adaptativas mostra que essas associações são flexíveis. Visando uma interface entre o princípio explicativo de Darwin e a teoria orgânica de James, a constituição nervosa, pelo poder da associação, ainda seria um modelo explicativo suficiente para o surgimento das emoções. “Com uma tendência nervosa para a descarga já presente”, afirma James,

toda sorte de coisas imprevistas podem puxar o gatilho e lançar seus efeitos. Que dentre essas coisas devam estar os convencionalismos maquinados pelo homem não é uma questão com qualquer consequência psicológica que seja. [...] O “Medo do Palco” é apenas o grau extremo daquela autoconsciência pessoal completamente irracional que cada um possui, em certa medida, tão logo sinta os olhos de uma série de estranho fixos nele, mesmo que se esteja intimamente convencido de que seus sentimentos em relação a si não tenham nenhuma consideração prática<sup>71</sup>

Sendo assim, a teoria das emoções de James, ainda em seu nível orgânico, parece ser capaz de explicar estados emocionais derivados de uma situação social. Darwin oferece uma série de gestos que são despendidos em situações para as quais eles não têm o menor efeito. O cachorro, por exemplo, quando deseja se deitar, frequentemente, gira sobre o local pretendido e esfrega o chão. Os gatos, em situações prazerosas, ronronam e pressionam, alternando as

---

<sup>70</sup> JAMES, William. *O que é uma emoção?* 2013, p. 102.

<sup>71</sup> JAMES, William. *O que é uma emoção?* 2013, p. 102-103.

patas dianteiras, a superfície<sup>72</sup>. Tais gestos são explicados pela associação de situações, em que ocasiões semelhantes despertam as modificações corporais específicas independentes de sua utilidade. No caso do cachorro, ele o faz como se estivessem em uma mata ou prado, e desejassem amaciar a grama e fazer um buraco no chão para então se deitar. Quanto ao gato, esse gesto é despendido no momento da amamentação. A ação de pressionar a mama da mãe, alternando as patas, facilita a secreção de leite. O prazer envolvido na amamentação fará com que, em situações semelhantes, o mesmo gesto seja despendido.

Penso que agora conseguimos demonstrar satisfatoriamente a verdade do nosso primeiro princípio; isto é, sempre que qualquer sensação de desejo, aversão etc. tenha ocasionado algum movimento voluntário durante uma longa série de gerações, uma tendência à execução de movimento similar será quase certamente desencadeada toda vez que a mesma - ou semelhante e associada - sensação etc., ainda que fraca, for experimentada; não importando que o movimento seja nesse caso absolutamente inútil<sup>73</sup>

O problema fundamental do nosso trabalho, nós o vimos, é apresentar a relação entre estados emocionais e cognitivos na teoria das emoções de William James. Parece óbvio que quando mostramos que, em alguma medida, a teoria jamesiana, ainda em seu aspecto orgânico, seja capaz de explicar emoções derivadas de convenções sociais, não estamos dando nosso problema por resolvido. Haja vista que ainda que explique, não foi evidenciado aqui um elemento cognitivo nos estados emocionais. O que foi feito, pelo contrário, é mostrar que pensar as emoções a partir da estrutura nervosa da espécie, não significa necessariamente, reduzi-las a um inatismo congênito, como pensou Damásio.

Finalmente, parece que a relação entre a teoria de James e o pensamento evolutivo amplia a capacidade explicativa da teoria somática. A associação de ideias permite explicar como emoções desencadeadas em situações sociais podem ser explicadas em função da constituição nervosa do ser humano.

## **2.3 Instinto e Emoção**

Nesta seção apresentaremos, rapidamente, a distinção que James estabelece entre instinto e emoção. A diferença conceitual proposta por James, pode colocar em evidência, nós

---

<sup>72</sup>DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. 2009, p. 44-45.

<sup>73</sup>DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. 2009, p. 48.

acreditamos, dois argumentos fundamentais deste trabalho. O primeiro deles é que as emoções, apesar de vinculadas aos instintos, não se reduzem a um circuito reflexo. O segundo argumento, que se segue do primeiro, é que as emoções parecem ser estados dotados de corrigibilidade. Tal como afirmamos no primeiro tópico desse capítulo, isto significa que uma reação não é uma consequência inevitável de um estado emocional, revelando, assim, uma espécie de controle sobre nossos estados emocionais.

Por outro lado, o solo fisiológico compartilhado entre instinto e emoção revela uma certa autonomia dos estados emocionais em relação à vontade humana. A corrigibilidade dita acima não entrega totalmente o controle das emoções em nossas mãos. Pelo contrário, o surgimento do estado emocional não depende da vontade humana. O que é passível de controle é a relação externa que se estabelece com o objeto que despertou um certo estado emocional.

Ao longo deste trabalho nós dissemos diversas vezes que o ponto central da teoria somática das emoções é a ideia de que os estados emocionais se devem à constituição nervosa da espécie humana. A partir disso, vimos como há uma ligação estreita entre instinto e emoção. Essa relação é tão forte que, para James, todo objeto que excita um instinto excita também uma emoção<sup>74</sup>.

No entanto, se há uma relação entre estes dois fenômenos tais estados corporais precisam ser distintos, do contrário não se falaria em uma relação entre eles. Em *Princípios de psicologia*, James estabelece uma relação determinante entre tais conceitos. Para ele, “*instinto é, usualmente, definido como uma faculdade de agir de tal maneira a produzir determinados fins sem previsão deles e sem uma educação prévia para o desempenho*”<sup>75</sup>. Portanto, o instinto é uma ação adquirida ao longo da evolução da espécie. Esta ação visa determinados fins como, por exemplo, a sobrevivência.

Já os estados emocionais, nós o vimos, consistem na propriocepção das modificações somáticas<sup>76</sup>. A relação entre instinto e emoção fica evidente aqui. A percepção de um objeto qualquer pode desencadear uma reação instintiva. Um golpe ou uma fuga, por exemplo. No entanto, da sensação das modificações somáticas produzidas pela mesma percepção daquele objeto pode surgir um estado emocional.

---

<sup>74</sup> Ver: Capítulo I, p. 7.

<sup>75</sup> *Instinct is usually defined as the faculty of acting in such a way as to produce certain ends, without foresight of the ends, and without previous education in the performance.* JAMES, W. *Principles of psychology*. 1950, V.II, p. 383, tradução nossa. (Ênfase do autor).

<sup>76</sup> Ver: Capítulo I, p. 6.

A diferença entre os estados emocionais e os instintos se dá no modo como tais estados se relacionam com o mundo externo. Para James, as emoções são estados internos, que não implicam uma relação direta com objeto. Os instintos, por sua vez, solicitam uma reação, de modo que o indivíduo entre em contato com o objeto excitante.

Emoções, contudo, ficam aquém dos instintos, no sentido de que reações emocionais geralmente terminam no próprio corpo do sujeito, enquanto a reação instintiva está apta a ir mais longe e entrar em uma relação prática com o objeto excitante. Reações emocionais são frequentemente provocadas por objetos com os quais nós não temos relações práticas. Um objeto ridículo, por exemplo, ou um objeto maravilhoso não são necessariamente objetos para os quais precisamos *fazer* qualquer coisa; nós simplesmente rimos, ou admiramos, conforme o caso. A classe emocional, é, portanto, menos ampla que a do instintos, impulsos, assim chamados. Seu estímulo é menos numeroso e suas expressões são mais intensas e delicadas, e frequentemente menos prática. O plano fisiológico e a essência dessas duas classes de impulsos, no entanto, são as mesmas<sup>77</sup>

O fato de que as emoções não implicam em uma ação em direção ao objeto excitante não significa, como afirmam alguns críticos, que elas não sejam modeladoras de nossas ações. Damásio é um exemplo deste tipo de crítica quando afirma que “James pouco ou nada tem a dizer sobre as possíveis funções da emoção na cognição e no comportamento<sup>78</sup>.

Não há dúvida de que na concepção jamesiana os estados emocionais interferem diretamente em nossas ações no mundo. Um bom e rápido exemplo disso está no modo como James concebe a religião. Pensada do prisma da experiência pessoal, para ele o sentimento tem um lugar originário e vida religiosa. De tal sorte que aspectos conceptuais e teóricos são secundários na experiência religiosa e vêm, no fundo, confirmar o que o sentimento já testemunhava.

“Duvido que a contemplação desapaixonada do universo” ele diz,

Independentemente da infelicidade interior e da necessidade de libertação, de uma lado, e da emoção mística, de outro, pudesse ter resultado em filosofias religiosas tais como as que ora possuímos. [...] A mim me parece que tais especulações devem ser classificadas como supercrenças, construções

---

<sup>77</sup> Emotional reactions are often excited by objects with which we have no practical dealing. A ludicrous object, for example, or a beautiful object are not necessarily objects to which we *do* anything; we simply laugh, or stand in admiration, as the case may be. The class of emotional, is thus rather larger than that of instinctive, impulses, commonly so called. Its stimuli are more numerous, and its expressions are more internal and delicate, and often less practical. The physiological plan and essence of the two classes of impuls, however, is the same. JAMES, W. *Principles of psychology*. 1950, V.II, p. 442, tradução nossa. (Ênfase do autor).

<sup>78</sup> DAMÁSIO, António. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p.128.

levadas a cabo pelo intelecto em direções para as quais, originalmente, o sentimento as empurrava<sup>79</sup>

Este trecho retirado de *Variedades*, como tantos outros que ainda veremos no próximo capítulo, deixa claro que James não desvencilhou a ação e emoções. Quando ele afirma que as ações não desencadeiam em qualquer ação em direção ao objeto, o que se pretende negar é que haja uma atitude necessária nos estados emocionais. Quer dizer, enquanto um susto, por exemplo, pode fazer com que os braços se erguem involuntariamente numa tentativa enérgica e proteger-se, tal ação não é inevitavelmente despendida no medo.

Essa maneira de pensar as emoções, a saber, como estados internos que sem uma ação necessária é da maior importância para nós aqui. Ele coloca em evidência a capacidade de correção dos estados emocionais. Quer dizer, James deixa claro a possibilidade da interferência cognitiva nos estados emocionais. Uma vez que tais estados não implicam, inevitavelmente, em uma ação, qualquer atitude que se tome sob efeito de uma emoção não pode ser justificada por ela. Isso não significa que certos estados emocionais explicam agir de uma maneira ou de outra. O que estamos afirmando aqui é que a ação desencadeada sob efeito de um estado emocional é uma consequência necessária dele.

Isso não significa, porém, que as emoções sejam juízos sobre o mundo e que estejam totalmente à mercê de nossa vontade, como afirmou Solomon, por exemplo. Vimos que, para James, instinto e emoção, apesar de diferentes, compartilham o mesmo solo. Quer dizer, as emoções estão fundadas em uma base fisiológica que não nos oferece o direito de escolha sobre quando sentir ou não uma emoção. É evidente que, na medida em que partes do corpo que sejam passíveis de nossa volição contribuam para o surgimento de um estado emocional, teremos algum controle sobre sua chegada e partida. É o que James afirma, por exemplo, quando diz que “se a nossa teoria é verdadeira

Um corolário necessário tirado dela supõe que qualquer estimulação voluntária das chamadas ‘manifestações’ de uma emoção particular nos dá a emoção em si. É claro que, para a maioria das emoções esse teste é inaplicável, pois muitas das manifestações são de órgãos sobre os quais não temos controle volitivo<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. Tradução Octávio Mendes Cajada. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 2017, p. 394.

<sup>80</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 105.

Por fim, parece que conseguimos alcançar o nosso objetivo nesta seção. Sem recorrer aos seus trabalhos posteriores, procuramos mostrar que a teoria somática das emoções, ainda em seu aspecto orgânico, tem um alcance muito maior do que julgavam seus críticos. Vimos, por duas vias distintas, que ela não se reduz ao inatismo das ações reflexas e pode, satisfatoriamente, explicar estados emocionais derivados de situações convencionais.

Por um lado, vimos que a associação de ideias permite que ações reflexas sejam desencadeadas em situações (ou sentimentos) similares, embora não tenham qualquer utilidade. Esse aspecto foi suficiente para mostrar o caráter flexível dessas associações. Como consequência temos que a teoria somática das emoções não se limita a situações congênitas, ou, no vocabulário de Damásio, a representações dispositivas inatas.

Por outro lado, vimos as emoções, ao modo como James as pensou, flutuarem entre um inatismo ingênuo e uma autonomia exacerbada. Os estados emocionais não implicam uma ação necessária em direção ao objeto e, portanto, são permeados pela atividade cognitiva. A raiva pode não desencadear um golpe se exerce um autocontrole suficiente para inibir essa reação. Por outro lado, devido à sua natureza fisiológica, o estado emocional não pede permissão para a sua chegada, não é um ato volitivo.

Bem entendida esta seção, podemos seguir com o nosso cronograma. Em seguida apresentaremos a teoria cognitiva das emoções. Antes disso, porém, permite-nos esclarecer dois pontos. O primeiro deles é sobre a divisão da teoria jamesiana das emoções em três partes, a saber, orgânica, cognitiva e social/social. Esta divisão é meramente metodológica. Não estamos afirmando aqui que James tenha pensado em três momentos distintos e isolados dos estados emocionais. O elemento cognitivo e social está, evidentemente, presente no aspecto orgânico da teoria de James. Foi isso, inclusive, o que tentamos mostrar na seção que encerramos agora.

Portanto, que fique claro, não há três teorias das emoções em James. O que há é a ênfase em diferentes aspectos que compõem uma mesma e única teoria. A teoria somática das emoções uma única teoria composta do elemento orgânico, cognitivo e social.

Por fim, mas não menos importante, é necessário esclarecer o que James entende por cognição. Nós vimos que este é o problema com o qual este trabalho está lidando. Em vista disso, dedicaremos as últimas páginas desta dissertação a argumentar em prol da relação entre cognição e emoção. E assim o fizemos. Contudo, ainda não esclarecemos o que James entende por cognição. A que tipo de cognição nos referimos quando afirmamos haver uma relação entre ela e os estados emocionais na teoria de James.

Portanto, dedicaremos as próximas páginas deste trabalho a esclarecer este conceito. Como conclusão, esperamos mostrar que, no fundo, toda disputa entre James e seus interlocutores gira em torno do que se entende por cognição. Veremos que, para James, os emocionais são dotados de intencionalidade (uma intencionalidade muito menos “idealista” que a que Solomon pensou). Quer dizer, a percepção da qual surge as emoções percebe intenção, *animus* em seu objeto. Essa maneira de pensar é diferente do modo que seus críticos pensaram, como por exemplo Worcester, que julgava necessário um conhecimento prévio sobre o mundo para que a emoção surgisse.

Bem entendido isso, a disputa se torna terminológica. Cognição como um avançado processamento de informações ou cognição como percepção de intencionalidade. Bem esclarecido este problema, apresentaremos rapidamente a teoria cognitiva das emoções e seguiremos o capítulo derradeiro deste modesto trabalho.

## **2.4 - Cognição e Intencionalidade**

No primeiro tópico desse capítulo, vimos um marco teórico que defende uma concepção abrangente de cognição, de modo a contemplar estados emocionais, a despeito de seu caráter somático. Nosso objetivo nesta seção é mostrar, precisamente, que em James as emoções são fenômenos dotados de intencionalidade. Isto é, os estados emocionais se dão a partir da relação entre o indivíduo e o objeto que provoca seu surgimento. Nossa pretensão é evidenciar dois aspectos principais acerca da teoria somática. O primeiro deles é como James garante cognição/intencionalidade aos estados emocionais e, assim, não os concebe como meros epifenômenos. Por outro lado, mostrar que a discussão travada entre James e seus críticos, tendo em disputa uma teoria somática ou uma teoria cognitiva das emoções, pode ser compreendida como um problema de uma definição muito restritiva de cognição por parte dos críticos.

Dante da proposta somática de James acerca das emoções, proposta que as enraíza no solo físico dos instintos sem reduzi-los a estes, seus críticos, a despeito da especificidade de cada um, foram unânimes em suas críticas quanto a negligência do aspecto cognitivo que deve acompanhar os estados emoções. Irons designa tal aspecto como um elemento espiritual. Trata-se de uma mediação cognitiva, constituída por um conhecimento prévio que, em forma de juízo, torna possível a transição do estímulo físico à emoção.

Damásio segue uma linha de raciocínio semelhante e diz que a teoria somática negligencia o elemento cognitivo que acompanha as emoções. Ele pensa as emoções, entre outras coisas, como um aparato inato que tem utilidade para a sobrevivência. Dentro deste escopo, a reação fisiológica que James chama de emoções é evidentemente muito eficaz. Contudo, para Damásio, o processo emocional progride em direção à consciência das emoções, criando, assim, um dispositivo emocional mais sofisticado.

Por si só, a reação emocional pode atingir alguns objetivos úteis: por exemplo, esconder-se rapidamente de um predador ou demonstrar raiva em relação ao competidor. No entanto, o processo não termina com as alterações corporais que definem uma emoção. O ciclo continua, pelo menos nos seres humanos, e o passo seguinte é a *sensação da emoção* em relação ao objeto que a desencadeou, percepção da relação entre objeto e estado emocional do corpo. Podemos perguntar, nesse caso, por que motivo haveria necessidade de se conhecer essa relação? Para que complicar as coisas e fazer intervir a consciência nesse processo, se já existe um meio de reagir de forma adaptativa em termos automáticos? A resposta é que a consciência proporciona uma estratégia de proteção ampliada [...] Em síntese, sentir os estados emocionais, o que equivale a afirmar que se tem consciência das emoções, oferece-nos *flexibilidade de resposta com base na história específica de nossas interações com o meio ambiente*. Embora sejam precisos mecanismos inatos para pôr a bola do conhecimento em jogo, os sentimentos oferecem algo extra<sup>81</sup>

Worcester, nós o vimos, diz que os objetos de uma emoção carecem de um juízo para que sejam compreendidos como tal. Assim, um objeto não causará medo a menos que seja compreendido como um objeto de terror. Nesta mesma linha de pensamento, Solomon afirma categoricamente, como vimos no primeiro capítulo, que as emoções são juízos, impregnados de valor, sobre a realidade. O que está em jogo em todos esses casos é que James descuida-se quanto ao elemento cognitivo das emoções, reduzindo-as a meras reações corporais.

Contudo, a teoria somática das emoções não negligencia o aspecto cognitivo e, quando observamos cuidadosamente os escritos de James e as críticas que lhe foram endereçadas, toda discussão parece girar em torno do que se entende por cognição. Irons, Worcester, Damásio e Solomon, apesar de suas especificidades e da distância temporal entre eles, parecem partir de uma definição restritiva de cognição. Uma compreensão que se adequa mais facilmente ao que os cognitivistas atuais definem como sendo a atividade cognitiva.

No primeiro tópico vimos que uma concepção restritiva de cognição compreende a atividade cognitivista como um processamento avançado de informações. No nível cognitivo,

---

<sup>81</sup> DAMÁSIO, António. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2012, p.130-131.

o conhecimento é processado simbolicamente, conjugando dois elementos fundamentais, a sintaxe e a semântica. A sintaxe é a regra em função da qual um símbolo é modificado, já a semântica é o seu significado ou seja, seu conteúdo representacional. Larry Shapiro define a atividade cognitiva nesses termos e diz que:

A unificação da ciência cognitiva tradicional é a ideia de que o pensamento é um processo de manipulação de símbolos, onde os símbolos levam tanto uma vida sintática quanto uma vida semântica (Haugeland, ‘Mecanismos semânticos’). A sintaxe de um símbolo comprehende as propriedades em virtude das quais ele sofre transformações ditadas por regras. A semântica de um símbolo constitui o significado dos símbolos ou conteúdo representacional. O pensamento consiste na manipulação dos símbolos sintaticamente determinados, mas de uma forma que respeite sua semântica. Assim, por exemplo, um computador de cálculo sensível apenas à forma dos símbolos pode produzir o símbolo ‘5’ em resposta às entradas ‘2’, ‘+’ e ‘3’. No que diz respeito ao computador, esses símbolos não têm significado, mas por causa de seu programa produzirá saídas que, para o usuário, ‘fazem sentido’ dado os significados atribuídos aos símbolos. Cognição, na visão tradicional, é o mesmo tipo de processo encontrado em uma calculadora. Os órgãos dos sentidos se um organismo servem como dispositivos de entrada, traduzindo a estimulação do ambiente em um código sintático que o sistema nervoso pode então manipular de acordo com várias regras que são inatas ou aprendidas. Esta manipulação de símbolos é cognição, e seus produtos são símbolos adicionais, alguns dos quais podem ser traduzidos em uma forma que causa movimentos corporais ou outros tipos de comportamento. O sistema nervoso, por conta disso, executa a mesma função que um CPU em um computador. Por essa razão, a ciência cognitiva tradicional normalmente afirma que cognição é computação e que mentes são programas executados no hardware do cérebro.<sup>82</sup>

Ora, as críticas dirigidas a James partem de uma concepção de cognição semelhante a esta que citamos. O conhecimento necessário para desencadear as emoções envolve atitudes

---

<sup>82</sup> Unifying traditional cognitive science is the idea that thinking is a process of symbol manipulation, where symbols lead both a syntactic and a semantic life (Haugeland, ‘Semantic Engines’). The syntax of a symbol comprises those properties in virtue of which the symbol undergoes rule-dictated transformations. The semantics of a symbol constitute the symbols’ meaning or representational content. Thought consists in the syntactically determined manipulation of symbols, but in a way that respects their semantics. Thus, for instance, a calculating computer sensitive only to the shape of symbols might produce the symbol ‘5’ in response to the inputs ‘2’, ‘+’, and ‘3’. As far as the computer is concerned, these symbols have no meaning, but because of its programme it will produce outputs that, to the user, ‘make sense’ given the meanings the user attributes to the symbols.

Cognition, on the traditional view, is the same kind of process one finds in a calculator. An organism’s sense organs serve as input devices, translating stimulation from the environment into a syntactic code that the nervous system can then manipulate according to various rules that are either innate or learned. This symbol manipulation is cognition, and its products are additional symbols, some of which might be translated into a form that causes bodily motions or other sorts of behavior. The nervous system, on this account, performs the same function that a CPU does in a computer. For this reason, traditional cognitive science has typically claimed that cognition is computation and that minds are programmes that run on brain hardware. Shapiro, L. (2007). The Embodied Cognition Research Programme. *Philosophy Compass*, 2(2), 338–346.

proposicionais. É a partir de uma compreensão semelhante a esta que Worcester e Solomon dizem ser necessário juízos sobre os objetos das emoções. Juízos que envolvem habilidades inferenciais e a posse de atitudes proposicionais de alto nível. É de uma definição semelhante que parte o elemento espiritual de Irons que comprehende e constitui o objeto de uma emoção. O mesmo pode-se dizer das representações dispositivas aprendidas defendidas por Damásio.

Entretanto, vimos no primeiro tópico desse capítulo que concepções da atividade cognitiva que não levam em conta estados somáticos são muito restritivas. Por certo, esse problema atinge em cheio as posições de Irons, Worcester e Solomon. Ao prescindirem do domínio somático, essas posições ficam sub suspeita de uma concepção dualista de cognição. Como vimos, o dualismo emerge a partir de uma concepção desincorporada das emoções, pela qual se estabelece a cisão, entre juízos avaliativos e modificações corporais. Ressalte-se que esse problema do dualismo não atinge a proposta de Damásio, notadamente um neurocientista que teve papel chave na redescoberta das emoções não só na neurociência, mas também na filosofia da mente. O problema aqui é que, como veremos abaixo, a crítica de Damásio à concepção de James sobre emoções não nos parece correta. Bem entendida a especificidade das críticas à teoria somática, resta-nos saber se James priva as emoções de seu conteúdo cognitivo. Antecipando a resposta, podemos dizer que não há essa cisão entre cognição e emoção. O que há, isto sim, é uma concepção distinta de cognição que perpassa a teoria somática das emoções.

O conteúdo cognitivo presente na teoria somática aparece ainda em “*O que é uma emoção?*” e está em continuidade com um dos dois argumentos que apresentamos na seção anterior. Já deve ser um fato claro para o leitor deste trabalho que as emoções para James são a consciência proprioceptiva das modificações corporais. Estas alterações somáticas, nós o vimos, ocorrem em função da constituição nervosa do ser humano. Uma questão que pode surgir dessa tese, e com a qual tivemos de lidar na seção anterior, é como a teoria somática explica emoções que são disparadas em situações sociais. A resposta a esta indagação passa pelo princípio evolutivo da associação dos hábitos úteis. Este princípio diz que comportamentos fixados de vez em um indivíduo podem ser solicitados, graças à força da associação, em situações para as quais eles não têm qualquer utilidade.

O princípio dos hábitos associados úteis visa explicar como certos padrões comportamentais são fixados. Este princípio tem duas partes. A primeira parte afirma que certos comportamentos podem ter sido aprendidos voluntariamente graças a sua utilidade. A segunda parte diz que, situações semelhantes, ou que despertam sentimentos semelhantes aos

que originalmente desencadearam um comportamento específico, podem despertar o mesmo tipo de comportamento.

O princípio evolutivo de Darwin traz outra consequência crucial para a teoria somática das emoções. Tendo em vista a associação de ideias, o surgimento de uma emoção depende mais da percepção intencional de um objeto do que de um automatismo estímulo/resposta invariável. Quer dizer, um objeto emocional é intencionalmente percebido como um objeto de terror ou de alegria, conforme o caso.

Nas sociedades primitivas, o “Bem” pode significar entregar-me um pedaço de carne, e “mal” pode significar mirar um golpe em meu crânio. Em nossa “Idade Culta”, o “Mal” pode significar atravessar em minha frente na rua, e o “Bem”, dar-se um diploma honorário. O que a ação em si pode ser é bastante insignificante, contando que eu possa perceber nela intenção ou *animus*. Essa é a percepção que desperta a emoção; e pode dar origem a convulsões corporais tão fortes em mim, um homem civilizado que experimenta o tratamento de uma sociedade artificial, como em qualquer prisioneiro de guerra furioso, ao descobrir que seus captores estão prestes a comê-lo ou torná-lo membro e sua tribo<sup>83</sup>

No trecho citado acima, fica evidente que os estados emocionais são dotados de intencionalidade. Quer dizer, a despeito de seu enraizamento no solo fisiológico dos instintos, os estados emocionais se dão sempre na relação que o indivíduo estabelece com o mundo e seus objetos. Essa relação é carregada de sentido, de intenção, o que define um objeto como um objeto emocional. Portanto, não é o puro reflexo em relação a um objeto o que desperta uma emoção. Mas a percepção intencional deste.

Vale salientar que James não está definindo as emoções como juízos. A intencionalidade que perpassa a relação entre o indivíduo e o objeto de uma emoção é anterior ao conhecimento cognitivo no sentido dos cognitivistas. A intencionalidade aqui expressa um conhecimento antepredicativo, um contato originário com o mundo, um tipo de intencionalidade que se aproxima muito do que Husserl chamou de “intencionalidade operante”<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> JAMES, W. O que é uma emoção? 2013, p. 105.

<sup>84</sup> Por certo, aqui não é o lugar de investigar essas aproximações. Gostaríamos apenas de indicar que teóricos da cognição incorporada levam em conta a tradição fenomenológica. Nas palavras de Merleau-Ponty, a “intencionalidade operante (*fungierende Inntentionalität*), é aquela que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente do que no conhecimento objetivo, e fornece o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser tradução em linguagem exata. A relação ao mundo, tal como infatigavelmente se pronuncia em nós, não é nada que possa ser tornado mais claro por uma análise: a filosofia só pode recolocá-la sob nosso olhar, oferecê-la à nossa

Outro argumento em prol da intencionalidade das emoções pode ser encontrado em “*The physical basis of Emotion*”. Trata-se de um artigo publicado por James em 1894 em que responde a diversas críticas endereçadas à sua teoria. Entre os interlocutores com os quais James dialoga neste texto, encontram-se Irons e Worcester. O argumento que nos interessa aqui pode ser chamado de argumento da “situação total”<sup>85</sup>. James dirige esse argumento, de modo específico, à crítica feita por Worcester.

A crítica dele, nós vimos, consiste em afirmar que não há uma necessidade nas reações somáticas. Quer dizer, ver um urso não implica necessariamente em temê-lo. Um urso solto em uma floresta, conforme ele disse e nós mostramos no primeiro capítulo, pode ser motivo de contentamento a um caçador bem armado. Portanto, o medo não deve a sua origem a um dispositivo evolutivamente adaptado para reagir de forma específica diante de certos estímulos. O que traz à tona certos sentimentos é a compreensão da situação em que nos encontramos.

James, sem negar a base física das emoções, argumenta que Worcester perde de vista a “situação total” em que os estados emocionais ocorrem. Para ele, é evidente que a mera presença de um urso, por exemplo, não seja motivo suficiente para o disparo emocional. Uma criança, na segunda infância, pode muito bem se divertir na presença de um urso equilibrista em um circo. Contudo, basta que a situação saia de controle e o urso se mostre em seu estado selvagem para que o cenário mude. Veja, não é simplesmente o objeto urso o que excita uma emoção, mas sim o objeto urso dentro de um contexto específico.

Uma resposta a essas objeções é a coisa mais fácil de se fazer no mundo, se apenas nos lembremos da força de associação na psicologia. Os “objetos” são certamente os primeiros despertadores dos movimentos reflexos instintivos. Mas eles assumem seu lugar, à medida que a experiência avança, como elementos em uma “situação” total, cujas outras sugestões podem levar a movimentos de um tipo inteiramente diferente. Tão logo um objeto se torne assim fracassado e sugestivo, suas consequências emocionais, como qualquer teoria da emoção, deve partir mais da situação total que sugere do que de sua própria presença nua. Mas, qualquer que seja nossa reação sobre a situação, ela é, em última instância, uma reação instintiva sobre um de seus elementos que nos parece, por enquanto, de vital importância. O mesmo urso pode realmente nos excitar a lutar ou fugir, dependendo da possibilidade de que ele nos mate ou nós o matemos. Mas, em qualquer um dos casos, a questão

---

constatação”. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo. Martins Fonte. 2011, p. 16.

<sup>85</sup> Sobre a situação total James afirma que: “Na minha nomenclatura é a situação total que é o ‘objeto’ sobre o qual as reações dos sujeitos são feitas” JAMES, William. *The physical basis of emotion. Psychological Review*. Vo. 101. No. 2, 1994, p. 206. Nota 5. (Tradução nossa). “In my nomenclature it is the total situation which is the ‘object’ on which the reaction of the subject is made”.

permanece: a excitação emocional que se segue à ideia segue-a imediatamente, ou secundariamente e como consequência da "onda difusa" de impulsos despertados?<sup>86</sup>

O que James argumenta aqui é que o objeto que excita uma emoção não é uma coisa específica, um recorte da realidade. O "objeto" de uma emoção é toda uma situação na qual o indivíduo se encontra. Essa noção de situação total deixa transparecer como as emoções são fenômenos constituídos em relação a um objeto. O objeto sendo a situação total, por sua vez, mostra como, para James, os estados emocionais são imbuídos de direcionalidade, quer dizer, partem de uma relação entre o indivíduo e o mundo que é carregada de significado.

A noção de situação total não elimina a ideia de que as emoções surgem de uma base física evolutivamente adaptada. Pelo contrário, o que James propõe é uma constante evolução do mecanismo das emoções. Quer dizer, o sistema nervoso reage de maneira inata a muitos estímulos provocados ao indivíduo. À medida que tal indivíduo se desenvolve dentro de um ambiente social, adquire novas experiências, etc, o aquele dispositivo 'inato' se torna cada vez mais 'artificial'. Artificial no sentido de que adquire novos parâmetros para seu funcionamento. E, à medida que se torna mais 'artificial', o objeto que excita uma emoção se torna cada vez mais o que James chamou de "situação total".

Por fim, o que esta seção mostra é que a disputa entre James e seus críticos quanto ao aspecto cognitivo presente nas emoções parece ser uma questão de definição. Se pensada a cognição em seu sentido "estrito", a teoria somática de fato falha. A partir da teoria somática, as emoções não podem ser pensadas como juízos valorativos acerca da realidade. Contudo, se a cognição for pensada em seu sentido "amplo", isto é, como intencionalidade, então a teoria somática é satisfatória para explicar o fenômeno das emoções.

Chegados ao fim desta seção, vemos como a querela em torno da relação entre emoção e cognição pode ser resolvida, ou ao menosclareada, pelo esclarecimento conceitual que subjaz

---

<sup>86</sup> A reply to these objections is the easiest thing in the world to make if one only remembers the force of association in psychology. 'Objects' are certainly the primitive arousers of instinctive reflex movements. But they take their place, as experience goes on, as elements in total 'situation', the other suggestions of which may prompt to movements of an entirely different sort. As soon as an object has become thus failure and suggestive, its emotional consequences, and any theory of emotion, must start rather from the total situation which it suggests than from its own naked presence. But, whatever be our reaction to the situation, in the last resort it is an instinctive reaction on one of its elements which strikes us for the time being as most vitally important. The same bear may truly excite us to either fight or flight, according as he suggests an overpowering 'idea' of his killing us, or one of our killing him. But in either case the question remains: does the emotional excitement which follows the idea follow it immediately, or secondarily and as consequence of the 'diffusive wave' of impulses aroused? JAMES, William. The physical basis of emotion. *Psychological Review*. Vo. 101. No. 2, 1994, p. 206.

perspectivas diferentes. Encerrada esta seção, podemos agora avançar em direção à teoria cognitiva das emoções. Nossa intuito é mostrar que a teoria de James ganha um enfoque diferente no desenvolvimento de seu trabalho. Não se trata, nunca é demais lembrar, de uma nova teoria, mas sim, de um foco distinto de uma mesma teoria. Sem mais, vejamos a teoria somática e seu aspecto cognitivo.

## **2.5 O aspecto cognitivo da teoria somática - Emoções sutis**

Quando falamos do aspecto cognitivo da teoria das emoções de James não há dúvida de que nos referimos às emoções sutis. As “emoções sutis” [*subtler emotions*] “são os sentimentos moral, intelectual e estético<sup>87</sup>. Trata-se de um fenômeno emocional que não deriva de uma estrutura fisiológica evolutivamente adaptada para reagir a determinados estímulos. As emoções sutis partem de uma compreensão de mundo e, nesse sentido, envolvem um processamento de informações de alto nível.

A partir do que temos apresentado ao longo deste capítulo, podemos afirmar que, no nível cognitivo das emoções, James tem em mente estados emocionais mais próximos daqueles apresentados por seus críticos. Ou seja, o enfoque dado por ele neste aspecto das emoções, visa evidenciar aqueles fenômenos que envolvem um conhecimento avançado sobre o mundo e suas relações. Quando dizemos ‘conhecimento avançado’, nos referimos a um tipo de conhecimento reflexivo, abstrato, que envolve, entre outras coisas, a linguagem objetiva.

Harmonia de sons, cores, linhas, consistências lógicas, aptidão teleológica, nos afeta com um prazer que parece enraizado na própria forma representativa, e que não recebe nenhuma reverberação oriunda das partes abaixo do cérebro. Os psicólogos herbartianos têm sentimentos distintos devido à forma como as idéias podem ser arranjadas. Uma demonstração matemática pode ser tão ‘bela’ e um ato de justiça tão ‘puro’ como um desenho ou uma harmonia, embora beleza e pureza parecem não ter nada a ver com sensação. Nós temos, então, ou alguns de nós parecem ter, formas genuinamente *cerebrais* de prazer e desprazer, aparentemente em desacordo, quanto à sua origem, com as emoções ‘padrão’ que temos analisado<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> “There are the moral, intellectual, and aesthetic feelings”. JAMES, 1950, v.II, p. 468

<sup>88</sup> Concords of sounds, of colors, of lines, logical consistencies, teleological fitnesses, affect us with a pleasure that seems ingrained in the very form of the representation itself, and to borrow nothing from any reverberation surging up from the pts below the brain. The Herbartian psychologists have distinguished feelings due to the *form* in which ideas may be arranged. A mathematical demonstration may be as ‘pretty’, and an act of justice as ‘neat’, as a drawing or a tune, although the prettiness and neatness seem to have nothing to do with sensation. We have, then, or some of us seem to have, genuinely *cerebral* forms of pleasure and displeasure, apparently not agreeing

O que se percebe, então, é uma distinção de origem entre os dois tipos de emoção. As emoções padrão, nós o vimos, deriva da estrutura nervosa da espécie. Neste sentido, não partem de uma compreensão do mundo. Já as emoções sutis não devem a sua origem a estrutura fisiológica da espécie, mas sim à própria forma do objeto da emoção. Dada a mediação somática constitutiva das “emoções padrão”, James as designa como emoções secundárias. Já as emoções sutis, haja vista a sua imediatez em relação à percepção de um objeto, ele as designa como “emoções primárias”<sup>89</sup>.

O reconhecimento das emoções primárias poderia ser um indício contra o aspecto “orgânico” apresentado anteriormente, quando tratava das emoções secundárias. Se existem emoções que não são constituídas pelas expressões corporais, James não teria falhado quanto ao aspecto central de sua teoria? Além disso, afirmar que existem emoções que devem sua origem à própria forma admirada não o faria adepto de duas teorias distintas e mesmo contraditórias?

Já que percepções musicais, idéias lógicas, podem despertar imediatamente uma forma de sensação emocional, eles dirão, não é mais natural supor que no caso das assim chamadas emoções “de expressão corporal mais distinta”, induzidas por outras classes de objetos, a sensação emocional seja igualmente imediata, e a expressão corporal algo que se apresenta posteriormente e é a ela agregada?<sup>90</sup>

A resposta que ele oferece a essa questão enfatiza, em primeiro lugar, o aspecto sensitivo das emoções sutis. Quer dizer, um sentimento estético, ainda que imediato, não deixa de ser uma experiência sensitiva e, portanto, de fundo orgânico. As modificações somáticas que ocorrem nas emoções secundárias são, como vimos, facilmente sentidas. Já no caso das emoções sutis não o são. Todavia, a ausência de uma sensação corporal<sup>91</sup> óbvia não significa

---

in their mode of production with the ‘coaster’ emotions we have been analyzing. JAMES, 1950, v.II. p. 469, tradução nossa. (Grifos do autor).

<sup>89</sup> Vale ressaltar que nesta seção nos referimos à conceituação de James. Para ele as emoções padrão são secundárias porque não derivam da própria percepção do objeto, mas da sensação corporal ocasionada pela percepção de um objeto ou situação. Já as emoções sutis parecem originar-se imediatamente da percepção do objeto. Que fique claro que não estamos invertendo a ordem da conceituação de A. Damásio. Nesta seção, nos referimos à tematização jamesiana.

<sup>90</sup> “Since musical perceptions, since logical ideas, can immediately arouse a form of emotional feeling, they will say, is it not more natural to suppose that in the case of the so-called ‘coarser’ emotions, prompted by other kinds of objects, the emotional feeling is equally immediate, and the bodily expression something that comes later and is added on?” JAMES, 1950, v.II. p. 468, tradução nossa.

<sup>91</sup> Vale lembrar que quando trata das emoções secundárias, também chamadas de “emoções padrão”, James restringe a sua abordagem àqueles estados emocionais que têm uma expressão corporal óbvia, ou seja, que

que não haja uma reverberação somática no caso das emoções primárias. As relações entre o cérebro e o corpo podem ser mais sutis do que se imaginam. Aqui podemos mencionar uma passagem do texto de António Damásio que corrobora esta ideia, a saber, das sutilezas da relação entre cérebro e corpo.

O cérebro e o corpo encontram-se indissociavelmente integrados por circuitos bioquímicos e neurais recíprocos dirigidos um para o outro. Existem duas vias principais de interconexão. A via em que normalmente se pensa primeiro é a constituída por nervos motores e sensoriais periféricos que transportam sinais de todas as partes do corpo para o cérebro, e do cérebro para todas as partes do corpo. A outra via, que vem menos facilmente à mente, embora seja bastante mais antiga em termos evolutivos, é a corrente sanguínea; ela transporta sinais químicos, como os hormônios, os neurotransmissores e os neuromoduladores (DAMÁSIO, 2012 p. 94).

A sutileza da relação sanguínea entre cérebro e corpo pode tornar imperceptíveis múltiplas reverberações corporais de uma emoção primária. Alterações na pele, nos tecidos biológicos, na corrente sanguínea, passam desapercebido da mais atenta das introspecções. O ponto central da abordagem que James faz das emoções sutis é esclarecer que o que está em jogo são duas coisas e não uma. Quer dizer, um estado de espírito totalmente desprovido de qualquer reverberação somática será antes um estado puramente cognitivo a um estado emocional.

Em todos os casos de embriaguez intelectual ou moral percebemos que, se o pensamento acerca do objeto e a cognição de sua qualidade não for acompanhado de uma reverberação corporal de alguma espécie; a menos que rimos de fato ante a nitidez da demonstração ou da graça; a menos que nos emocionemos ante o caso de justiça ou que nos arrepie o ato de magnanimidade, dificilmente nosso estado mental pode ser chamado emocional (JAMES, 1950, v.II, p. 471).

James reconhece, portanto, um nível cognitivo das emoções, que não parte de reações instintivas em função de um ambiente, mas que tem seu “núcleo propulsor” na atividade cognitiva. Isso não significa dizer que tais emoções sejam juízos acerca da realidade. Significa somente que elas não derivam de uma relação inata entre o organismo humano e o seu meio, mas da atividade intelectual do indivíduo. É preciso notar, no entanto, que ele admite tais emoções, mas, nas palavras de Carrete, “procura enraizá-las no corpo” (CARRETE, 2007, p.

---

podem facilmente serem percebidas. Ver: JAMES, William. O que é uma emoção? Tradução Raphael Silva Nascentio. *Clínica & Cultura*. V.II, n. I, jan-jun, 2013, p. 97.

428). Em *The physical basis of emotion* James deixa bem claro essa base orgânica das emoções primárias.

Estou disposto a admitir que o Gefülston primário pode variar enormemente em distinção entre homens diferentes. Mas, falando por mim, sou obrigado a dizer que os únicos sentimentos que não posso mais ou menos localizar no meu corpo são muito brandos e, por assim dizer, afetos platônicos. Eu permito que eles existam hipoteticamente, no entanto, na forma de emoções "mais sutis", e na mera agradabilidade ou desagradabilidade de sensações, imagens e processos de pensamento particulares, onde nenhuma excitação orgânica óbvia é despertada (JAMES, 1994, p. 208, tradução nossa).<sup>92</sup>

Antes de encerrarmos esta seção, permite-nos uma breve digressão que possibilitará o esclarecimento de um ponto importante para o nosso trabalho, a saber, a continuidade entre o aspecto orgânico e cognitivo da teoria somática ass emoções. Quando apresentamos a crítica de Damásio a James vimos que ele acusa a teoria somática de ser primitiva. Para ele, a teoria de James só seria satisfatória quanto a representações dispositivas inatas. Ou seja, a teoria somática explicaria bem as emoções infantis, derivadas de uma estrutura nervosa evolutivamente adaptada.

Partindo da nomenclatura de Damásio as emoções se dividem em dois estágios distintos, mas complementares. O primeiro deles são as representações dispositivas inatas. Trata-se de uma estrutura fisiológica que responde instintivamente a certos estímulos. Até a este ponto não há desacordos entre James e Damásio. Contudo, para Damásio, as emoções não terminam nas reverberações somáticas, elas avançam pro nível mental/cognitivo. Ou seja, nós temos consciência dessas modificações em função do objeto que as despertou. Essa consciência cria novos padrões de disparo emocional, o que Damásio chama de representação dispositiva aprendida.

A consciência das alterações corporais em função do objeto que precipitou sua chegada, além de criar novos padrões para o disparo emocional, possibilita criar estratégias para que a situação vivida anteriormente não se repita. Nota-se que há uma evolução<sup>93</sup> na estrutura nervosa

---

<sup>92</sup> "I am even willing to admit that the primary Gefülston may vary enormously in distinctness in different men. But speaking for myself, I am compelled to say that the only feelings which I cannot more or less well localize in my body are very mild and, so to speak, platonic affairs. I allow them hypothetically to exist, however, in the form of the 'subtler' emotions, and in the mere intrinsic agreeableness and disagreeableness of particular sensations, images, and thought-processes, where no obvious organic excitement is aroused".

<sup>93</sup> Aqui, quando me refiro à evolução, não disponho deste conceito no sentido biológico do termo. O que pretendo enfatizar é a continuidade entre a estrutura nervosa e os disparos emocionais derivados de aspectos sociais, conceituais, etc. Veja bem, o sistema nervoso é evolutivamente adaptado para reagir a determinados estímulos. Essa reação é natural. Porém, à medida que adquirimos experiência e somos inseridos em um contexto social,

à medida que novas experiências vão sendo vividas. Esse é o motivo pelo qual Damásio julga a teoria somática como primitiva. Uma vez que James não dá a devida atenção ao aspecto cognitivo das emoções, sua teoria torna-se insatisfatória às emoções que serão desenvolvidas na vida adulta. Dito de outro modo, a teoria de James não acompanha o processo de desenvolvimento das emoções que cria novos padrões para o surgimento delas.

---

novos padrões de disparo emocional são criados. Contudo, tais padrões se dão em continuidade com aquela estrutura originária e, no fundo, só são possíveis graças a ela. Portanto, é neste sentido que me sirvo do termo evolução, para expressar a continuidade entre emoções devidas à constituição nervosa e emoções devido à situações sociais, intelectuais, etc.

## **Capítulo 3**

### **As emoções religiosas como caso prototípico da relação entre aspectos cognitivos e somáticos**

O objeto de investigação deste trabalho é a teoria das emoções de William James. No primeiro capítulo apresentamos a sua teoria e mostramos algumas críticas que foram endereçadas a ela. Vimos que a teoria Jamesiana das emoções consiste em afirmar que as modificações somáticas são constitutivas dos estados emocionais. Esta postura teórica foi duramente criticada, seja por autores contemporâneos a James seja por estudiosos do tempo presente. Todas as críticas, nós o vimos, convergem para o mesmo ponto: o reducionismo operado por James e a ausência do aspecto cognitivo nos estados emocionais.

Já no capítulo seguinte nós nos ocupamos em argumentar em prol de uma tese contrária àquela defendida pelos críticos do autor em questão. Nosso intuito era, e continua a ser, mostrar que não há reducionismo na teoria somática das emoções. Dedicamo-nos a explicitar como a teoria de James era suficiente para explicar estados emocionais derivados de situações sociais, o que na ocasião chamamos de representações dispositivas aprendidas. Além disso, mostramos que algumas consequências importantes podem ser tiradas da relação que a teoria somática das emoções estabelece com o pensamento evolutivo de Darwin. Entre tais consequências, destacamos o fato de que disparos emocionais evolutivamente adaptados podem ser trazidos à tona, graças a associação de ideias, ainda que não tenham a menor utilidade.

Por fim chegamos ao último, mas não menos importante, capítulo desta dissertação. Nas páginas que se seguem nos ocuparemos do que chamamos de aspecto social da teoria das emoções de James. Neste estágio, trataremos das emoções religiosas. Nosso intuito é mostrar como as experiências religiosas podem ser vistas como casos prototípicos da relação entre emoção e cognição. Essa relação deixa-se transparecer de duas maneiras principais: primeiro, no significado que a experiência emocional desperta no indivíduo que a experiencia; segundo, na relação que este sentido tem com o contexto social em que aquele mesmo indivíduo foi formado.

Veremos que a experiência religiosa traz consigo um sentido próprio. Quer dizer, ela oferece um ganho cognitivo ao sujeito que passa por tal experiência. Essa compreensão,

evidentemente, acontece no nível de primeira pessoa, não sendo um entendimento “sobre” o fenômeno, mas um conhecimento “do” fenômeno, inerente a ele.

Conquanto muito semelhantes a estados de sentimento, os estados místicos parecem ser também, para os que os experimentam, estados de conhecimento, estados de visão interior dirigida a profundezas da verdade não sondadas pelo intelecto discursivo. São iluminações, revelações, cheias de significado e importância, por mais inarticuladas que continue sendo; e, via de regra, carregam consigo um senso curioso de autoridade pelo tempo sucessivo<sup>94</sup>

Além disso, o aspecto cognitivo que perpassa as emoções se expressa também na relação que o contexto estabelece com a experiência religiosa. Apesar de focar sua abordagem ao aspecto mais pessoal da religião, James reconhece que toda experiência é circunscrita espaço-temporalmente. De tal sorte que o ambiente em que o indivíduo é formado irá interferir diretamente na experiência religiosa do indivíduo. Em “*A vontade de crer*”, ele expressa com clareza essa influência social quando distingue entre hipótese de religiões vivas ou mortas.

Isso mostra que a condição de morte e de vida em uma hipótese não são propriedades intrínsecas, mas relações com o pensador individual. São medidas pela boa disposição do agente em agir. O máximo de vida em uma hipótese significa disposição para agir irrevogavelmente. Praticamente, isso significa crença: há, porém, alguma tendência para acreditar sempre onde houver predisposição para agir, afinal.<sup>95</sup>

Além desses aspectos, uma outra característica da religião precisa ser observada. Ela é fundamental na tentativa de explicitar a relação entre emoção e cognição. Referimo-nos à sua condição inefável. A experiência religiosa, tal como James a pensou, sempre escapa à razão discursiva. O sujeito que passa por uma experiência dessa natureza frequentemente não consegue descrever com exatidão o que viveu. Esse fato, contudo, não coloca em descrédito a experiência vivida. Pelo contrário, dada a sua natureza experiencial, ou seja, não pode ser descrita senão vivida, ela confere uma autoridade àquele que vive tal experiência.

Quem experimenta diz de imediato que ela desafia a expressão, que não se pode fazer com palavras nenhum relato adequado do seu conteúdo. Disso se

---

<sup>94</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 348.

<sup>95</sup> JAMES, William. *Pragmatismo e outros ensaios*. 1967, p. 232.

segue que a sua qualidade precisa ser experimentada diretamente; não pode ser comunicada nem transferida a outros. Por essa peculiaridade, os estados místicos parecem muito mais estados de sentimento do que estados de intelecto. Ninguém pode explicar a outra pessoa que nunca conheceu determinado sentimento, ou em que consistem a qualidade ou o valor dele. Precisamos ter ouvidos musicais para julgar o valor de uma sinfonia; precisamos termo-nos apaixonados para compreender o estado e espírito de um apaixonado. Se nos faltar o coração ou o ouvido, não poderemos interpretar com justeza o músico nem o amante, e seremos até capazes de considerá-los donos de espíritos fracos ou absurdos. Para o místico, quase todos conferimos às suas experiências um tratamento igualmente incompetente<sup>96</sup>

Portanto, o que veremos nas páginas que se seguem é como James concebeu a experiência religiosa. Nosso intuito com isso é mostrar como o seu tratamento do assunto confirma a tese proposta neste trabalho, a saber, a ideia de que cognição e emoção caminham lado a lado na literatura jamesiana. Como conclusão deste capítulo e, consequentemente deste trabalho, esperamos mostrar como os estados emocionais conjugam aspectos somáticos e cognitivos em perfeita harmonia.

Para alcançarmos tal fim, procedemos do seguinte modo: em primeiro lugar apresentaremos uma definição de religião ao modo de James. Veremos que esta tarefa não é tão simples, uma vez que ele busca na própria experiência parâmetros que possam definir o que se entende por uma experiência religiosa. Em seguida, apresentaremos alguns casos de experiência religiosa que evidenciam a relação entre o aspecto somático e cognitivo. Por fim, concluiremos este capítulo argumentando que, no arcabouço teórico de James, os estados emocionais não se reduzem a meros epifenômenos, como diria Solomon. Mas antes, são fenômenos complexos que conjugam aspectos somáticos e cognitivos sem pender um dos lados da balança para qualquer um deles. Por fim, ficará claro também que o tratamento que James faz das experiências religiosas torna evidente o seu modo de pensar as emoções.

### **3.1 Orgânico, cognitivo e social: diferentes aspectos de uma mesma teoria**

Se fossemos seguir o roteiro estabelecido acima, nesta seção, ocuparíamo-nos de apresentar uma definição de religião segundo James. Esta não seria, e não será, uma tarefa tão simples, pois, como dissemos na introdução, ele parte do próprio fenômeno na busca de

---

<sup>96</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 348.

parâmetros que o circunscreva dentro de um tipo específico de experiência. O próprio James, quando tentou definir o que entendia por religião, expressou essa ausência de precisão devido ao método a que se propôs em “Variedades”.

A pretensão, em tais circunstâncias, de ser rigorosamente “científico” ou “exato” em nossos termos serviria apenas para marcar-nos como falhos na compreensão da tarefa que nos incumbe. As coisas são mais ou menos divinas, os estados de espírito são mais ou menos religiosos, as reações são mais ou menos totais, mas as fronteiras são sempre nevoentas, e em toda a parte a questão é de quantidade e de grau<sup>97</sup>

Contudo, por hora, não iremos nos ocupar de uma definição de religião. Existe um ponto que deve ser esclarecido antes de tratarmos do aspecto social da teoria somática. Precisamos estabelecer uma relação de unificação entre os três aspectos que dissemos compor a teoria das emoções de James. Quer dizer, cumpre-nos mostrar que o elemento orgânico, cognitivo e social são faces de uma mesma compreensão. A necessidade de tal esclarecimento se explica por dois motivos principais. Primeiro, para que o trabalho como um todo tenha coerência. Quer dizer, para que se veja a necessidade de avançar à literatura sobre a religião para que se resolva um problema que a antecede. Segundo, para que se justifique a inserção desta dissertação no campo da filosofia da religião.

Não é novidade ao leitor deste trabalho o problema com o qual estamos lidando. A acusação de que James seja um reducionista quando trata das emoções. Nossa intuito, como já fora dito, é argumentar em prol de uma tese contrária a esta. Mas algum leitor deste trabalho poderia questionar quanto à inserção deste trabalho em uma linha de pesquisa que, a princípio, nada teria a ver com o tema. Quer dizer, em que sentido a literatura de James acerca da experiência religiosa se relaciona com a crítica à teoria somática das emoções? Este é um ponto que precisamos esclarecer e ao qual dedicaremos algumas páginas a seguir.

A resposta a esta questão encontra-se no próprio tratamento que James da experiência religiosa em *Variedades da experiência religiosa* (1902). Na primeira conferência, denominada “Religião e neurologia”, ele dirige uma crítica ao que chamou de “materialismo médico”<sup>98</sup>. O

---

<sup>97</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 47.

<sup>98</sup> Quando, porém, outras pessoas criticam nossos voos de alma mais exaltados, chamando-lhe “nada mais” que expressões de nossa disposição orgânica, sentimo-nos ultrajados e magoados, pois sabemos que, sejam quais forem as peculiaridades do nosso organismo, nossos estados mentais têm o seu valor substantivo como revelações

materialismo médico é uma corrente de pensamento que descredibiliza a experiência religiosa com base em sua origem orgânica. O “materialismo médico” afirmou James

dá cabo de São Paulo explicando sua visão na estrada de Damasco como uma descarga violenta no córtex occipital, visto ter sido ele epiléptico. Tacha Santa Teresa de Histérica e São Francisco de Assis de vítimas de uma degenerescência hereditária. O descontentamento de George Fox com as imposturas do seu tempo e o seu anseio de veracidade espiritual são consequência de um desarranjo no cólon. Os tons graves de tristeza de Carlyle decorrem do seu catarro gastroduodenal. Todas essas hipertensões mentais, afiança o materialismo médico, revelam-se-nos, quando chegamos ao âmago da questão, meras questões de diátese (mais provavelmente auto intoxicações), devida à ação viciosa de várias glândulas que a fisiologia ainda descobrirá. E o materialismo médico julga, então, bem solapada a autoridade espiritual de todos esses personagens<sup>99</sup>

O *modus operandi* do materialismo médico consiste em remontar à condição orgânica do indivíduo que passa por uma experiência religiosa. Frequentemente, o que se verifica é uma condição nervosa instável, sujeita às mais intensas formas de experiências religiosas. James afirma categoricamente que as religiões com frequência são neuróticas. Isso, todavia, não implica, como veremos logo mais adiante, em um juízo de valor acerca da religião, mas sim de uma sentença de fato.

Precisamos procurar antes as experiências originais que fixaram padrões para toda a massa de sentimentos sugeridos e de procedimentos imitados. Só vamos encontrar essas experiências em indivíduos para os quais a religião existe não como um hábito aborrecido, senão, por assim dizer, como febre ardente. Mas tais indivíduos são “gênios” na esfera religiosa; e como muitos outros gênios que produziram frutos dignos de comemoração nas páginas da história, tais gênios religiosos têm mostrado, não raro, sintomas de instabilidade nervosa. Mais até do que outros tipos de gênios, os líderes religiosos têm sido passíveis de manifestações psíquicas anormais. Têm sido, invariavelmente, criaturas e exaltada sensibilidade emocional, levando, com frequência, vidas internamente discordantes e sofrido de melancolia durante parte da sua carreira<sup>100</sup>

---

da verdade viva; e desejamos que se possa calar a boca a todo esse materialismo médico. JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 47.

<sup>99</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 25.

<sup>100</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 19

Compreender a crítica de James ao materialismo médico pode ser tornar algo mais acessível se entendermos quais as suas intenções com as conferências *Gifford*<sup>101</sup>. Em 12 de abril de 1900, em uma carta endereçada à Frances Morse, James expressa o que pretendia ao escrever Variedades.

O problema que coloquei para mim mesmo é um problema difícil: *primeiro*, defender (contra todos os preconceitos de minha “classe”) a “experiência”, contra a “filosofia”, como sendo a verdadeira espinha dorsal da vida religiosa do mundo - quero dizer, a oração, a orientação, todo esse tipo de coisa imediata e privadamente sentida, contra altas e nobres visões gerais sobre nosso destino e sobre o significado do mundo; e *segundo*, fazer o ouvinte ou leitor acreditar naquilo que eu mesmo invencivelmente acredito: que, embora todas as manifestações especiais da religião tenham sido absurdas (quero dizer, seus credos e teorias), ainda assim a vida da religião como um todo é a função mais importante da humanidade. Uma tarefa quase impossível, temo eu, e na qual devo falhar, mas tentá-la é o *meu* ato religioso (*Letters*, 2:127)<sup>102</sup>

A defesa da “experiência” contra a “filosofia” já é um primeiro passo em direção à crítica ao materialismo médico. Em “Variedades” James não trabalha a religião em seu aspecto institucional, mas sim se ocupa da experiência individual. Neste sentido, ele não faz uma teologia sobre Deus e todo o aspecto metafísico que subjaz a vida religiosa. Pelo contrário, James é um psicólogo tentando entender, desde o ponto de vista empírico, a experiência religiosa.

Sendo assim, ele distingue entre religião institucional e pessoal. A primeira consiste nos dogmas, doutrinas e teorias acerca do divino e da vida religiosa em si. Acerca disso, James não teria nada ou quase nada a dizer, dada sua formação em psicologia. Já a religião pessoal ocupa-se dos aspectos mentais e orgânicos que subjazem à experiência individual de cada um. Tendo em vista a sua pretensão de defesa da experiência contra a filosofia, fica evidente que é à religião pessoal a que James irá se dedicar.

No princípio, chama-nos a atenção uma grande linha divisória que atravessa o campo religioso. De um lado, fica a religião institucional, de outro a religião pessoal. Como diz o Sr. P Sabatier, um ramo da religião visa mais à divindade, o outro, ao homem. O culto e o sacrifício, processos para influir nas disposições da divindade, a teologia, a cerimônia e a organização eclesiástica são elementos essenciais do ramo institucional da religião<sup>103</sup>

---

<sup>101</sup> Àqueles que não sabem: Variedades da experiência religiosa foi, na verdade, uma série de conferências apresentadas em 1898 na Universidade de Edimburgo, Escócia.

<sup>102</sup> JAMES, William. in: *William James*. 2010, p. 270-271. Ênfase do autor.

<sup>103</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 39.

James focaliza sua abordagem na experiência privada do indivíduo. Ele toma como casos a serem observados aquelas experiências mais intensas. Ele nota em tais casos que a experiência religiosa com frequência é neurótica. E é justamente neste ponto que o materialismo médico surge com sua crítica. Essa corrente de pensamento toma as condições nervosas dos sujeitos que passam por experiência religiosa para coloca-las em descrédito. O materialismo médico toma como critério avaliativo de uma experiência a constituição nervosa do sujeito que passa pela experiência.

Contudo, James percebe que o critério de admissibilidade de uma experiência passa ao largo das condições fisiológicas do sujeito. Além disso, ele nota como os materialistas médicos confundem juízo de ordens distintas, confundindo juízos de valor com juízos de fato. Juízos de valor dizem respeito ao sentido existencial, ao valor que uma experiência tem para um indivíduo. Já os juízos de fato se referem às condições fisiológicas que subjazem e possibilitam uma experiência religiosa ou mesmo de outra natureza.

Destarte, se a nossa teoria do valor da revelação afirmasse que qualquer livro, para possuí-la, há de ter sido composto, automaticamente ou não, pelo livre capricho do autor, ou que não pode conter nenhum erro científico e histórico nem expressar nenhuma paixão local ou pessoal, a Bíblia, provavelmente, ver-se-ia em má situação em nossas mãos. Mas se, por outro lado, nossa teoria permitir que um livro seja uma revelação, em que pese os erros e paixões e a deliberada composição humana, bastando que seja um registro verdadeiro das experiências íntimas de grandes almas em luta com as crises do seu destino, o veredito será muito mais favorável

Na crítica de James, o que o materialismo médico faz é solapar o sentido de uma experiência colocando a nu a constituição nervosa de quem viveu aquela situação. Não parece extraordinário dizer que James rejeita esta maneira de pensar, haja vista que considera em suas conferências experiências individuais e casos extremos.

O argumento central de James quando recusou a tese materialista consiste em afirmar que todos os estados de espírito são neurologicamente condicionados. Quer dizer, existe uma série de fatores de natureza orgânica que condicionam a teoria de um cientista, por exemplo. Darwin, por exemplo, em seus escritos sobre as emoções, tema deste trabalho, não estava isento de suas funcionalidades fisiológicas. E ainda bem que não esteve, do contrário não teríamos um Darwin. O que James insiste é que não podemos usar a constituição nervosa dos indivíduos como critério avaliativo porque, antes de mais nada, não existe nenhum dos nossos estados de espírito, por mais sublime que julguemos sé-lo, que não seja condicionado fisiologicamente.

Consideremos nós mesmos a matéria da maneira mais ampla possível. Encontrando conexões psicofísicas válidas, a psicologia moderna presume, como hipótese conveniente, que a dependência de estados mentais para com as condições corpóreas precisa ser perfeita e completa. Se adotarmos a suposição, está claro que aquilo em que o materialismo médico insiste, de fato, deve ser verdadeiro de um modo geral, se não em todos os pormenores: São Paulo teve, sem dúvida, certa vez, um ataque epileptiforme, se não epiléptico; George Fox era um degenerado hereditário; Carlyle foi, com certeza, intoxicado por um órgão qualquer, não importa qual - assim por diante. Mas como, pergunto agora aos senhores, pode um relato existencial de fatos da história mental decidir de um modo ou de outro acerca da sua significação espiritual? De acordo com o postulado geral da psicologia a que acabamos de referir-nos, não existe um só dos nossos estados de espírito, baixo ou alto, saudável ou mórbido, que não tenha por condição algum processo orgânico. As teorias científicas estão condicionadas organicamente tanto quanto as emoções religiosas; e e conhecêssemos os fatos de maneira assaz íntima, veríamos, sem dúvida, o “figado” determinando os pronunciamentos do ateu convicto de forma tão decisiva quanto os do metodista igualmente convicto cheio de ansiedade pela sua alma. Quando se altera de um modo o sangue que se filtra através dos seus tecidos, temos a forma de espírito metodista, mas quando o altera de outra maneira, temos a forma de espírito ateia. O mesmo se verifica com todos os nossos raptos e friezas, nossos anseios e agitações, nossas perguntas e crenças. Eles são igualmente e fundo orgânico, seja seu conteúdo religioso ou não<sup>104</sup>

James, portanto, descarta que a constituição nervosa seja levada em conta na avaliação de uma experiência religiosa. Dito ao seu modo, a origem (base fisiológica) não pode ser um critério valorativo<sup>105</sup>. Nisso, portanto, consiste a crítica ao materialismo médico. A crítica de que tal postura não distingue entre juízos espirituais e juízos de fato, tomando um pelo outro.

Dante disso, James apresenta três critérios que serão levados em conta por ele em Variedades: a luminosidade imediata, a razoabilidade filosófica e o valor moral. A luminosidade imediata diz respeito aos aspectos noéticos que mencionamos pouco acima. Trata-se da constatação de que, com frequência, as experiências religiosas envolvem um ganho cognitivo. Esse ganho cognitivo pode ser explicado pelo impacto de uma experiência que, dada a sua magnitude, desafia em alguma medida o quadro conceitual que o sujeito já possui. Como tal magnitude pressiona a aquisição de novos conceitos pelos quais o sujeito possa acomodar a sua experiência, tem-se aqui um caso de ganho cognitivo.

Um caso exemplar pode ser a experiência de Jó, narrada na Bíblia Sagrada. Jó passou por uma degradação total, perda de familiares, bens materiais, danos físicos, etc. Vivendo tudo

---

<sup>104</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 25.

<sup>105</sup> Ver: JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 26.

isso como uma experiência religiosa, ele se entrega com um entusiasmo próprio de experiências dessa natureza<sup>106</sup>, sem jamais contestar o que estava acontecendo. Após a restituição de todos os seus bens, Jó afirma o seguinte: “Eu te conhecia só de ouvir. Agora meus olhos te viram”<sup>107</sup>. Nota-se como a experiência vivida por ele acarreta um ganho de compreensão em relação ao divino. É justamente essa clareza cognitiva que James estabelece como um dos critérios avaliativos da experiência religiosa, que ele designou como luminosidade imediata.

Já a razoabilidade filosófica diz respeito a como essa experiência se relaciona com nossas experiências anteriores e com o conjunto de crenças que já dispomos. Quer dizer, toda experiência religiosa só é possível dentro de um contexto específico. Isso se dá de tal modo, que fatores externos são constitutivos do modo como experienciamos a religião. Portanto, uma experiência que contradiga em muito nossas experiências anteriores ou mesmo nossas expectativas, dificilmente será creditada.

Em Pragmatismo, James evidencia a ideia de que a relação entre ideias novas e crenças já preexistentes precisa ser com o mínimo de modificação destas últimas. Do contrário, caso as novas ideias contradigam muito o background já instalado, elas são facilmente rejeitadas.

Essa ideia nova é, então, adotada como sendo a verdadeira. Preserva o estoque mais antigo de verdades com um mínimo de modificação, estendendo-as o bastante para fazê-las admitir a novidade, mas concebendo tudo e caminhos tão familiares quanto o caso permite ser possível. Uma explanação *outrée*, violando todas as nossas pré-concepções, jamais passaria como relato verdadeiro de uma novidade<sup>108</sup>

O valor moral, por seu turno, caminha na mesma direção da razoabilidade filosófica. Quer dizer, a experiência passa por uma avaliação de cunho moral. Esse critério deve ser levado em conta, segundo James, na avaliação de uma experiência religiosa.

---

<sup>106</sup> James mostra a diferença de ânimo, quer dizer, emocional, entre uma aceitação do universo ao modo estoico, por exemplo, de uma entrega total ao modo cristão. “A moral pura e simples aceita a lei do todo que encontra reinando, a fim de reconhecê-la e obedecer-lhe, mas pode obedecer com o mais pesado e frio dos corações, e nunca deixará de sentir-lo como um jugo. Para a religião, todavia, em suas manifestações vigorosas e plenamente desenvolvidas, o serviço do Altíssimo nunca é sentido como um jugo. A submissão apática ficou para trás, e uma disposição de ânimo de boas-vindas, que pode preencher qualquer lugar na escala entre a serenidade prazenteira e a alegria entusiástica, tomou-lhe o lugar. Há uma tremenda diferença emocional e prática entre aceitarmos o universo da maneira insípida e descolorida da estoica resignação à necessidade e aceitá-lo com a apaixonada felicidade dos santos cristãos.” JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 50.

<sup>107</sup> BÍBLIA - Bíblia do Peregrino. Comentários de L. A. SCHÖCKEL. São Paulo: Paulus, 2011, p. 1145.

<sup>108</sup> JAMES, William. *Pragmatismo e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Lidor, 1963, p. 51.

Em suma, a *luminosidade imediata, a razoabilidade filosófica e o valor moral* são os únicos critérios legítimos. Mesmo que Santa Teresa tivesse o sistema nervoso do mais plácido dos animais, isso não lhe salvaria a teologia se o exame da teologia feito pelos outros critérios lhe mostrasse a completa invalidade. E, inversamente, se a sua teologia pudesse enfrentar os outros critérios, pouco importaria que Santa Teresa tivesse sido histérica ou nervosamente desequilibrada quando vivia conosco aqui embaixo<sup>109</sup>

A crítica ao materialismo médico coloca em evidência algumas características importantes para nosso trabalho. A noção de que todos os nossos estados de espírito são neurologicamente condicionados, mostra como James não abandona as bases físicas das emoções, defendida com muito empenho nos textos anteriores. Essa fundamentação fisiológica da emoção religiosa coloca em evidência a necessidade de adentrar o campo da religião na tentativa de uma argumentação mais completa em prol de nossa tese.

Além disso, nota-se com clareza, ao menos é o que esperamos, que não há uma descontinuidade no pensamento de James concernente ao tema das emoções. As bases físicas das emoções garantem uma mesma fundamentação orgânica às emoções religiosas. Um argumento a mais a favor deste ponto específico é a ideia de que não existe, segundo James, uma religião específica. Quer dizer, o sistema nervoso não desencadeia, por estímulo qualquer, uma reação que, do ponto de vista fisiológico, seja específico da experiência religiosa. As emoções religiosas, para James, é somente as mesmas emoções que já temos, porém direcionadas a um objeto religioso. Quer dizer, o amor, a compaixão, ternura, complacência, etc, são todas emoções com a mesma base física do amor, compaixão, ternura, não religiosos. O que muda e o objeto ao qual tais sentimentos estão agora dirigidos.

Existe o medo religioso, o amor religioso, o terror religioso, a alegria religiosa etc. Mas o amor religioso é apenas a natural emoção humana do amor dirigida a um objeto religioso; o terror religioso é o mesmo estremecimento orgânico que sentimos numa floresta ao crepúsculo, ou no meio de um desfiladeiro; só que desta vez ele nos saltei a ideia das nossas reações sobrenaturais; e o mesmo se poderá dizer de todos os vários sentimentos que podem ser chamados a intervir na vida das pessoas religiosas (...) Nessas condições, como não parece existir nenhuma emoção religiosa elementar, mas apenas um círculo comum de emoções sobre o qual os objetos religiosos podem formar-se, assim também se pode provar conceitivamente que não existe nenhum tipo específico e essencial de objeto religioso, e nenhum tipo específico e essencial de ato religioso<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 28-29.

<sup>110</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 38-39.

Parece que conseguimos mostrar uma relação de continuidade entre o modo como James aborda os estados emocionais antes da literatura sobre a religião e quando trabalha este tema. Nós o fizemos por duas vias: primeiro mostramos, através da crítica ao materialismo médico, que todos os estados de espírito são neurologicamente condicionados. Em seguida, vimos como para James não há uma emoção propriamente religiosa, mas sim uma emoção comum dirigida a um objeto religioso. E esse caráter de direcionalidade, ou de intencionalidade da emoção, mostra que a crítica de James sobre o materialismo médico incide justamente pelo reducionismo dessa posição.

Acreditamos, portanto, que está justificado nosso tratamento da experiência religiosa como forma de dar resposta a um problema que surge antes mesmo de James se dedicar a este tema. A teoria somática das emoções é um corpo único, que pode ser dividido metodologicamente em diferentes partes. Contudo, não se pode pensar que se trata de teorias distintas, pois a base física tão enfatizada por James ainda em 1884, em “O que é uma emoção?” é sustentada até o fim de seus trabalhos.

Seguiremos agora o nosso roteiro e buscaremos uma definição de religião. Nossa intuito é ver como a experiência religiosa, conforme o tratamento de James, pode ser tomada como um tipo de experiência que combina emoção e cognição em perfeita consonância.

### **3.2 - Emoções religiosas: aspecto social da teoria somática**

Nesta seção aprofundaremos um pouco mais na compreensão que James tinha de religião. Nossa intuito é mostrar como as emoções religiosas podem ser vistas como casos exemplares de experiências emocionais que conjugam aspectos cognitivos e somáticos. Em conformidade com o que já apresentamos anteriormente, veremos que essa relação se dá de duas maneiras principais: a primeira na luminosidade imediata que a própria experiência religiosa proporciona e, a segunda, na relação que esta luminosidade estabelece com o contexto no qual a experiência se dá.

Como já afirmamos, apresentar o que James entende por religião não é uma tarefa simples. Isso porque ele não busca um modelo ideal a partir do qual todas as experiências devem ser compreendidas. Seu método de investigação é outro. Dada a variedade das experiências religiosas, ele busca na própria multiplicidade dos casos os traços que possibilitem uma conceituação mais ou menos unificada sobre esse fenômeno. É o que ele afirma na seguinte argumentação:

Entremes, o próprio fato de serem elas tão numerosas e tão diferentes uma da outra basta para provar que a palavra “religião” não significa nenhum princípio ou essência singular, mas é antes um nome coletivo. A mente teorizante tende sempre para a supersimplificação dos seus materiais. Essa é a raiz de todo o absolutismo e dogmatismo unilateral de que tanto a filosofia quanto a religião têm sido infestadas. Não resvalem, porém, de pronto, a um ponto de vista parcial do nosso assunto, mas admitamos antes, desde o princípio, que muito provavelmente não encontraremos uma essência única, senão muitos caracteres que podem ser, de forma alternada, igualmente importantes a religião<sup>111</sup>

Na seção anterior, quando tratamos da relação entre os diferentes aspectos da teoria de James, nós antecipamos uma série de características da religião. Vimos que, para ele, a religião é uma fenômeno pessoal, que se dá na vida privada. Além disso, mostramos que todos os estados mentais são neurologicamente condicionados e que, além disso, as emoções religiosas compartilham da mesma base física das demais. Como conclusão, percebemos que existe uma relação de continuidade entre os primeiros trabalhos de James acerca das emoções e seu tratamento do tema do campo da religião.

Contudo, isso ainda não é suficiente para chegarmos a uma definição do fenômeno religioso. Quer dizer, a uma definição, no sentido estrito do termo, nós não chegaremos em momento algum, pois, como vimos, o próprio autor não nos oferece isso. Porém, existem outros elementos que parecem ser próprios das experiências religiosas e que nos ajudarão a percebê-la tal como James pensou. Apesar da dificuldade de definir tal conceito, James oferece uma definição arbitrária do que pode ser considerado religião:

A religião, por conseguinte, como agora lhes peço arbitrariamente que a aceitem, significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino<sup>112</sup>

A definição arbitrária oferecida por ele segue os traços que apresentamos anteriormente. “Sentimento, atos e experiências de indivíduos em sua solidão”, quer dizer, nota-se com clareza a opção pelo lado pessoal da religião. Além disso, há uma valorização do aspecto emocional do sujeito. Algo que precisa ser notado é o uso do termo divino. Vimos que

---

<sup>111</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 37.

<sup>112</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 41.

para James não existe uma emoção religiosa propriamente dita. O que há, isto sim, é uma emoção ordinária relacionada a um objeto divino. O que seria, alguém poderia perguntar, este objeto divino? O que é próprio do divino? O divino para ele se caracteriza pelo tipo de resposta emocional que evoca no sujeito. Para James o divino suscita reações solenes nos devotos.

Por isso proponho - mais uma vez arbitrariamente, se quiserem - estreitar novamente a nossa definição dizendo que a palavra “divino”, no sentido em que a empregamos, não significará para nós simplesmente o primitivo, o envolvente e o real, pois, aceito sem restrições, esse significado pode revelar-se demasiado lato. Significará para nós tão só uma realidade primitiva, de tal natureza que o indivíduo se sente impelido a responder-lhe solene e gravemente, e nunca com uma imprecação nem com um chiste<sup>113</sup>

Quando James pensa a religião como uma relação com o um objeto qualquer que se possa considerar divino ele expande em muito o campo das experiências religiosas. O divino pode ser muitas coisas, afinal o que o caracteriza como tal não é uma essência intrínseca ao objeto, mas sim o sentimento que ele desperta no sujeito<sup>114</sup>. Desse modo, em uma sociedade indígena, um rio, por sua imensidão e riqueza em prover vida ao povo que o circunda, pode ser considerado divino. Enquanto em uma sociedade urbanizada e cada vez mais secular o divino remonta, muitas vezes, a situações e objetos cada vez mais abstratos.

Todavia, com um sentido tão lato de religião, James acaba correndo o risco de considerar qualquer experiência como sendo de cunho religioso. Por isso, ele percebe a necessidade de restringir sua definição, de modo a especificar com maior precisão o que seria divino. A ideia do divino como aquilo que nos impele a responder solene e gravemente evita que objetos que nos evoque de modo mais brando, ou mesmo com humor e descaso, sejam considerados divinos. Quer dizer, o sentimento religioso é sempre levado a sério pelos sujeitos, nunca visto como objeto de pilharia ou descaso.

O humor de um Schopenhauer ou de um Nietzsche - e, em grau menor, podemos, às vezes, dizer o mesmo do nosso melancólico Carlyle -, embora seja com frequência uma tristeza enobrecedora, é quase tão frequente simples rabugice fugindo com o bocado entre os dentes. As argúcias dos dois autores

---

<sup>113</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 47.

<sup>114</sup> Um ponto interessante pode ser mencionado aqui. Em *Variedades*, James aborda a necessidade que a religião tem de se adaptar ao contexto o qual se insere. Quer dizer, a experiência religiosa se dá sempre dentro de um contexto. Na medida em que os deuses e os benefícios de uma religião perdem sua eficácia no contexto no qual se insere, ela é automaticamente descartada. “Trata-se tão somente da eliminação dos humanamente inaptos, e da sobrevivência dos humanamente aptos, aplicada à crença religiosa; e se olharmos para a história sem reserva e se preconceitos, teremos de admitir que nenhuma religião jamais se estabeleceu nem revelou, no correr dos tempos, de outra maneira. As religiões se *aprovam*; proveram a várias necessidades vitais que encontraram reinando. Quando violaram outras necessidades com demasiado vigor, ou quando sobreviveram outras fés que serviram melhor às mesmas necessidades, as primeiras religiões foram suplantadas”. JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 307.

alemães nos recordam, a cada instante, os guinchos mórbidos de dois ratos agonizantes. Falta-lhes o elemento de purificação que emana da tristeza religiosa. Deve haver algo solene, sério e terno em relação a qualquer atitude que denominamos religiosa. Alegre, não sorri nem casquinha; triste, não grita nem maldiz. É precisamente por serem experiências *solenes* que desejo interessá-los nas experiências religiosas.<sup>115</sup>

Outra característica da religião que James apresenta é a realidade do invisível. Dito de maneira direta, para ele a experiência religiosa consiste na crença da existência de uma realidade superior em relação à qual estamos submetidos. James parte da conceituação kantiana e observa que como nos relacionamos com noções para as quais não temos nenhuma intuição sensível. Para Kant, vale lembrar, um objeto de conhecimento é composto por dois elementos fundamentais: a sensibilidade e o entendimento. Enquanto o entendimento enforma o conteúdo conceitualmente, a sensibilidade fornece os dados sensíveis do objeto.

O que James chama a atenção é que no caso da religião, como em outros aspectos da vida humana, nós lidamos com objetos para os quais não temos qualquer representação sensível. As noções de alma, Deus, etc, são conceitos para os quais não possuímos qualquer conteúdo sensorial. O que chama a atenção, neste caso, é que vivemos e nos relacionamos com tais conteúdos como se de fato existissem, quer dizer, como uma realidade sensivelmente presente. Muitas vezes, na verdade, tais realidades são mais enfáticas e passíveis de nossas crenças do que os conteúdos que nos são dados pelos sentidos comuns.

Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, bem como as religiosas, devem-se aos “objetos” da nossa consciência, às coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes nos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas ao nosso pensamento. Em qualquer um desses casos, eles provocam em nós uma *reação*, e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto produzida por presenças sensíveis. Pode ser até que seja mais forte. (...) e, em geral, toda a nossa vida prudencial e moral mais elevada estriba-se no fato de poderem as sensações materiais realmente presentes ter uma influência mais fraca sobre a nossa ação do que as ideias de atos mais remotos<sup>116</sup>

Apesar de colocar a realidade invisível como uma característica da vida religiosa, James não rompe com as bases físicas das emoções que ele estabeleceu em textos anteriores. Nota-se na passagem anterior como os “objetos” da religião provocam no fiel uma reação. Não importa,

---

<sup>115</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 47.

<sup>116</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa*: um estudo sobre a natureza humana. 2017, p. 47.

e isso fica claro, se o objeto é dado aos sentidos especiais<sup>117</sup> ou se se trata de um conteúdo presente somente na nossa consciência. A presença de tal objeto gera uma reverberação corporal que, sem dúvida, será constitutiva da emoção religiosa. Nota-se, portanto, como as emoções religiosas compartilham do mesmo solo físico das emoções.

Outro ponto que merece nossa atenção é sobre tais reações. Nós vimos, quando tratamos do aspecto orgânico da teoria somática, que o conjunto de reações que desencadeiam uma emoção são forjados pela natureza. São gestos desenvolvidos ao longo da evolução da espécie e que agora se dão de maneira totalmente reflexa e independente da vontade. Dito de modo direto, são reações forjadas pela relação entre o indivíduo e seu ambiente.

Contudo, no nível cognitivo e agora no nível social/religioso, essas reações não são mais dessa ordem. Quer dizer, James não trata aqui de um conjunto de reações inatas que, antes de qualquer conteúdo cognitivo, irrompe no indivíduo dando origem a uma emoção. Neste nível, das emoções religiosas, as reações corporais são secundárias, quer dizer, elas partem de um conteúdo representacional da mente. Há que se ter cuidado, no entanto, para que não se compreenda as emoções como juízos. Não é isso o que está sendo dito. O que estamos tentando mostrar é que as reações corporais, neste nível, são disparadas em função de um conteúdo mental e, anexadas a eles, geram as emoções religiosas. Note-se que como essas reações partem de um conteúdo representacional, elas se colocam sob controle do agente. Como vimos no tópico 2.1, o agente é capaz de regular essas reações conforme o contexto em que elas aparecem.

É importante notar que não há uma cisão teórica aqui. Quando James trabalha o nível orgânico de sua teoria, ele pretende defender que os estados somáticos são constitutivos das emoções. Para isso ele precisa provar que as reações corporais ocorrem antes do surgimento de uma emoção, pois, do contrário, sua tese iria por água abaixo. O caminho que ele encontra para isso é a teoria da evolução. O organismo e o meio estão em conexões recíprocas, de modo que este constitui aquele. Quer dizer, o ambiente seleciona o organismo que irá sobreviver. Esta seleção de dá em justa adequação, de tal modo que o ambiente solicita determinados conjuntos de ação dos organismos que ali habitam. Devido à natureza evolutiva de tais reações, elas antecedem qualquer conteúdo representacional que se possa ter a respeito do mundo e de suas relações.

---

<sup>117</sup> James designa como sentidos especial os sentidos sensoriais comuns tais como visão, audição, oufato, tato e paladar. Ver: JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 67.

No nível religioso, porém, o conjunto de reações corporais que são, sem dúvida, constitutivas da emoção religiosa. Mas não partem de uma relação inata entre o organismo e o meio. Com efeito, o tipo de reação corporal, a despeito de sua base física, parece ser de outra ordem. A partir de uma experiência religiosa de George Fox, retratada em *Variedades*, será mais fácil explicar essa diferença.

Enquanto eu caminhava com vários amigos, ergui a cabeça e vi três casas torreadas munidas de espiras, que me impressionaram profundamente. Perguntei que lugar era aquele. Lichfield, responderam. Imediatamente ouvi a voz do Senhor, ordenando que eu fosse até lá. Chegados à casa a que nos dirigimos, pedi aos amigos que entrassem, sem dizer nada a ninguém sobre o lugar a que eu iria. Assim que eles se foram, afastei-me e prossegui em meu caminho, transpondo sebes e vaiados, até chegar a uma milha de distância de Lichfield, onde, num grande pascigo, pastores cuidavam dos seus carneiros. Nisso, o Senhor me ordenou descalçassem os sapatos. Imobilizei-me, porque estávamos no inverno, mas a palavra do Senhor era como fogo em mim. Por isso tirei os sapatos e deixei-os com os pastores; e os pobres pastores tremeram e ficaram assombrados. Em seguida, andei outra milha e, tanto que entrei na cidade, a palavra do Senhor soou em mim outra vez, dizendo: “Grita, ‘A da sangrenta cidade de Lichfield!’”. Por isso me pus a subir e a descer as ruas, berrando em voz alta, “Ai da sangrenta cidade de Lichfield”. Como fosse dia de mercado, fui à praça do mercado, andei de um lado para outro pelas diversas partes dela e parei muitas vezes, urrando como antes, “Ai da sangrenta cidade de Lichfield!”. E ninguém me pôs as mãos. E assim fui gritando pelas ruas, e tive a impressão de que um rio de sangue descia por elas abaixo, e a praça do mercado me pareceu um poço de sangue. Depois de declarar o que me estava acontecendo, senti-me sereno e saí da cidade em paz; e, voltando para junto dos pastores, dei-lhes algum dinheiro e tirei deles de novo os meus sapatos. Mas o fogo do Senhor me abrasava de tal modo os pés e todo o corpo, que já não me preocupava tornar a calçar os sapatos, e fiquei indeciso sobre se devia fazê-lo ou não, até que o senhor me deu liberdade para agir: então, depois de haver lavado os pés, voltei a calçar os sapatos. A seguir, entrei a pensar seriamente no motivo por que me teria sido ordenado debater contra aquela cidade e chamar-lhe “A cidade sangrenta!” Pois se bem o parlamento acompanhasse o ministro numa época e o rei em outra, e muito sangue houvesse sido derramado na cidade durante as guerras entre eles, o mesmo sucedera em muitos outros lugares. Mais tarde, porém, vim a saber que, no tempo do imperador Diocleciano, mil cristãos tinham sido martirizados em Lichfield. Por isso eu devia atravessar-lhes, descalço, o rio de sangue e o charco de sangue na praça do mercado, para poder despertar a lembrança do sangue daqueles mártires, derramado mais de mil anos antes, e ora jazendo frio das suas ruas. Assim, o sentido desse sangue estava em mim e eu obedeci à palavra do Senhor<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 20-21.

A experiência de George Fox retratada por James é muito esclarecedora quanto ao ponto que estamos discutindo, a saber, a diferença quanto a origem da reação corporal no aspecto somático e social da teoria de James. Veja como a experiência de Fox não é em função de algum objeto sensível. Quer dizer, não se deve a uma caçada, ou tentativa de fuga, ou qualquer reação que se explique graças à adaptação de um organismo a um ambiente.

Por outro lado, sua experiência tampouco é devedora de uma compreensão que se tenha sobre a cidade de Lichfield. Ele desconhecia o fato de que cristãos foram massacrados naquele local, o que coloca em evidência que a excitação emocional não é derivada de um juízo acerca da cidade, neste caso. Toda a experiência de Fox parte de uma excitação emocional que tem, evidentemente, uma base física. Tal excitação, por sua vez, tem direcionalidade, quer dizer, ele ouve a voz do Senhor, não “uma voz”, está ciente de que se trata de uma experiência de ordem divina. O aspecto “filosófico”, para usar a nomenclatura de James, quer dizer, o nível discursivo, demonstrativo, racional, é posterior e, no fundo, testifica na direção que a experiência já prenunciou.

Portanto, no nível religioso das emoções, a expressão corporal não se deve a um encaixe adaptativo entre o organismo e o ambiente. A experiência religiosa parece provocar reações corporais por vias distintas e mais profundas. Quer dizer, não há uma negação do aspecto orgânico. Parece, tão somente, que a religião tem a capacidade de provocar reações somáticas e uma maneira que fica aquém do estímulo sensorial comum.

É como se houvesse na consciência humana em *sentido de realidade, um sentimento de presença objetiva, uma percepção* do que podemos chamar “*alguma coisa ali*”, mais profunda e mais geral do que qualquer um dos “sentidos” especiais e particulares pelos quais a psicologia atual supõe que as realidades existentes são originalmente reveladas. Se tal fosse o caso, poderíamos cuidar que os sentidos nos despertam as atitudes e o comportamento, como habitualmente o fazem, excitando primeiro o sentido da realidade; mas qualquer outra coisa, qualquer ideia, por exemplo, capaz de excitá-lo, teria as mesmas prerrogativas que os objetos dos sentidos normalmente possuem de parecerem reais. Na medida em que as concepções religiosas fossem aptas a tocar esse sentimento da realidade, seriam críveis a despeito da crítica, ainda que fossem tão vagas e remotas a ponto de serem quase inimagináveis, quando que pudessem ser entidades do ponto de vista da *natureza essencial* como Kant quer que sejam os objetos da sua teologia moral<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 63.

A valorização do aspecto sentimental da experiência religiosa, contudo, não exclui a influência que fatores externos têm sobre ela. A despeito de todas as características da religião que abordamos até aqui, sua luminosidade imediata, sua relação com o invisível, o enfoque no lado pessoal e não institucional, etc, não significa uma negação dos aspectos sociais que constituem, sem dúvida, a experiência religiosa. O que James tenta mostrar, como já dissemos, é que a parte conceitual da religião parte, no fundo, da experiência. Contudo, as teologias, os dogmas e todos os ensinamentos em torno da vida religiosa são constitutivos das experiências dessa natureza.

Não há, portanto, uma negação do dogma, dos ensinamentos, de todo o aspecto institucional. A racionalidade, a conceituação, são marcas indispensáveis à vida religiosa. James reconhece isso e, em “Variedades”, afirma que “(...) concepções e construções são, assim, parte necessária da nossa religião” (JAMES, 2017, p. 395). No entanto, não é a filosofia, a conceituação, o dogma o que irão conferir o sentido e a autoridade de uma experiência religiosa. Todas essas atividades são secundárias e trabalham em cima do conteúdo já fornecido pelo sentimento religioso. Tal como afirma James:

A religião é essencialmente privada e individualista; sempre excede nossos poderes de formulação; e, conquanto as tentativas de verter seu conteúdo num mold filosófico provavelmente continua sempre, sendo os homens o que são, tais tentativas, no entanto, serão sempre processos secundários que de maneira alguma acrescentam a autoridade, nem garantem a veracidade dos sentimentos dos quais derivam seu próprio estímulo dos quais tomam emprestado o brilho de convicção, seja ele qual for, que possam possuir<sup>120</sup>

### **3.3 - O caráter não reducionista das emoções religiosas**

Tendo em vista as considerações acima, estamos em condições de mostrar que a experiência religiosa coloca em evidência como as emoções envolvem aspectos somáticos e cognitivos de forma adequada. Mais precisamente, a experiência religiosa mostra as conexões recíprocas entre o caráter somático e cognitivo das emoções. Uma vez esclarecidas essas conexões, poderá ficar claro a razão pela qual a teoria somática de James é permeada de elementos cognitivos.

Do que vimos, podemos destacar três aspectos importantes da experiência religiosa, relevantes para James. O primeiro deles é o aspecto transformador: como é de se esperar acerca

---

<sup>120</sup> JAMES, William. *Variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. 2017, p. 93.

dos relatos pertinentes, as pessoas que passam por esse tipo experiência alteram fortemente seus hábitos e práticas. Em segundo lugar, podemos destacar o seu caráter memorável. O conteúdo da experiência religiosa possui um grau de saliência que se mantém a despeito do passar do tempo. Em terceiro lugar, destaca-se o seu elemento evocativo. As pessoas que passam por essa experiência a evocam em diferentes momentos da vida, quer seja momentos de intensa felicidade ou momentos de angústia. Esses três aspectos, que de resto mostram a complexidade da experiência religiosa, podem ser compreendidos pela abordagem jamesiana. Vejamos.

A luminosidade imediata garante, no âmago mesmo da experiência, uma comprehensibilidade que brota da própria reverberação corporal. O caráter não trivial da experiência religiosa pode ser compreendido pelo seu aspecto arrebatador que, evidentemente, possui forte impacto no corpo. Isso explica o caráter memorável da emoção presente na experiência religiosa. Esse impacto, por sua vez, pode explicar a necessidade de acomodação da magnitude dessa experiência. Tal como mostra a ideia de razoabilidade filosófica, essa acomodação não envolve, por certo, uma mudança completa no sistema de crenças do sujeito, mas pressiona, sim, o surgimento de novos conceitos. O ponto central é que essas experiências de grande magnitude, como ouvir a voz ou sentir a presença de Deus, implicam uma atitude reflexiva do sujeito, pela qual ele se dá conta de seus próprios limites cognitivos. É justamente esse “dar-se conta” que impele o sujeito na busca de novos conceitos que possam dar sentido à sua experiência.

Ressalte-se que essa acomodação não se coloca em uma experiência trivial. Com efeito, essa experiência é facilmente acomodada na estrutura conceitual que o sujeito já possui. No caso religioso que James tem em mente, há um impacto e alteração no domínio cognitivo do sujeito que passa por essa experiência. Isso significa a criação de novos conceitos que passam a dar sentido à experiência, orientando ações ou práticas futuras. Dado que conceitos podem permear as emoções religiosas, elas se colocam sob controle do sujeito, figurando no complexo motivacional do comportamento intencional. Eis aqui o valor moral da experiência religiosa. Note-se também que conceitos podem estar presentes em determinadas tradições, nas quais a experiência será interpretada de modo pertinente. Enfim, mesmo que de modo secundário, toda a formação conceitual é fundamental à vida religiosa.

Daí se segue o caráter não reducionista das emoções religiosas em James. Para além da reverberação corporal da experiência religiosa, com forte teor emocional, há o objeto relevante ao qual a emoção está direcionada, além do envolvimento das capacidades cognitivas, que não

só dão sentido a essa experiência, mas também mobiliza o seu conteúdo no nível da ação. Por essas razões, a crítica que aponta para uma posição reducionista no tratamento que James dispensa à natureza das emoções não parece correta.

As considerações precedentes procuraram mostrar que as emoções religiosas são um caso prototípico de estados mentais híbridos, visto que envolvem tanto aspectos conceituais, como aspectos orgânicos. Para terminar, gostaríamos de afirmar que a ideia de que essas emoções são estados mentais híbridos pode ser generalizada. Com efeito, o caráter híbrido não vale apenas para emoções religiosas. Vale lembrar que, de acordo com James, não existem emoções religiosas se com isso se quer apontar para um tipo especial de emoção diferente das outras. Como vimos, a diferença está no objeto que dispara a emoção e no conjunto de ações que daí se seguem nos contextos pertinentes.

Outra objeção que poderia aparecer nesse contexto afirmaria que, segundo James, emoções estão relacionadas apenas externamente com a cognição. Essa objeção afirmaria que emoções são encapsuladas, ou seja, impermeáveis à atividade cognitiva. Um argumento que poderia fundamentar essa objeção consiste na ideia de que não temos qualquer controle sobre as emoções. Ou seja, como se fossemos completamente passivos tanto em relação a elas, quanto ao comportamento ou antes às reações que por elas são gerados. A objeção afirmaria que a atividade cognitiva diz respeito apenas ao modo como refletimos sobre as emoções, sem nenhuma interferência sobre elas. Mas não teria qualquer interferência no modo como são sentidas, tampouco no comportamento que se segue dessas emoções. Como se fôssemos meros espectadores das nossas próprias emoções.

Tendo em vista o que afirmamos sobre James, podemos responder a essas objeções afirmando que o caráter somático das emoções não exclui a possibilidade de que elas sejam penetradas pela cognição. Existem dois modos de se pensar essa penetrabilidade da capacidade cognitiva nas emoções. Em primeiro lugar, a posse de conceitos tem efeito sobre o modo como sentimos nossas emoções. Se George Fox, por exemplo, tivesse conceitos diferentes do que possuía, se, por exemplo, ele não possuísse o conceito de Deus tal como se coloca na tradição cristã, talvez sentisse um impacto menor no seu próprio corpo a respeito da experiência que viveu. Em segundo lugar, a criação de novos conceitos advindos de experiências sensoriais de grande magnitude faz com que esses conceitos interfiram, posteriormente, no modo como o sujeito vai lidar com as próprias emoções advindas dessa experiência. Tal como afirmamos no tópico 2.1, a atividade cognitiva pode penetrar fundo na emoção, de modo a regular a intensidade pela qual uma emoção é sentida. Isso significa que além de consistirem em

alterações somáticas, emoções são intrinsecamente cognitivas. Eis, por fim, o caráter híbrido das emoções em James.

Conclui-se que na abordagem das emoções em James não há uma separação entre o domínio orgânico e o domínio cognitivo. Tampouco em seu pensamento poderiam ser identificadas diferentes tipos de teorias sobre as emoções. O que encontramos em James é uma teoria unificada sobre as emoções, em que pese distribuída em vários artigos, que conjuga aspectos cognitivos e somáticos, revelando, por fim, o caráter intrinsecamente híbrido dos estados emocionais.

## Considerações finais

O problema com o qual lidamos neste trabalho foi acerca da relação entre estados cognitivos e emocionais na teoria de William James. Vimos que seus críticos condenam sua abordagem porque julgam que ele operou uma cisão entre tais estados. Na visão de seus críticos, James reduz os estados emocionais a meras reações somáticas, não dando a devida atenção ao aspecto cognitivo que as acompanha. Dito de maneira mais objetiva, todos os apontamentos caminham na direção de uma acusação de reducionismo.

Neste trabalho, tentamos defender uma tese contrária a esta. Nossa intuito foi mostrar que James não incorreu em reducionismo quanto ao tema das emoções. Como vimos, a crítica de reducionismo apenas se sustenta a partir de uma concepção muito restritiva de cognição. Trata-se da atividade cognitiva como a capacidade de realizar juízos. No interior desse quadro, emoções são cognitivas desde que se constituam como atitudes proposicionais. Um problema dessa concepção restritiva é não levar em conta o caráter somático dos estados emocionais. Ademais, como vimos, trata-se de uma ideia de cognição que não encontra apoio nas investigações mais recentes sobre esse domínio, que apontam para o papel do corpo e do ambiente como elementos constitutivos da cognição. Tendo em vista um marco teórico mais abrangente, que considera os diferentes aspectos da atividade cognitiva, procedemos de maneira a tentar mostrar como estados emocionais e cognitivos se relacionam. Nós o fizemos, ou esperemos que tenhamos feito, de duas maneiras diferentes.

Primeiro, argumentamos como a teoria das emoções de James pode explicar estados emocionais derivados de representações dispositivas aprendidas. Nossa argumento tentou mostrar que, pela associação de ideias, reações inatas podem ser disparadas em situações para as quais ela não tem, originalmente, qualquer utilidade. Depois disso, distinguimos entre instinto e emoção. Nossa intuito era mostrar que tais conceitos não se confundem e que, diferente dos instintos, as emoções são estados mentais dotados de intencionalidade. Em seguida mostramos como o tratamento do aspecto cognitivo das emoções propõe um novo enfoque. Ele dá ênfase a estados emocionais que partem da própria contemplação do objeto. Quer dizer, não deve sua origem a uma relação adaptativa entre o sistema nervoso e o meio em que foi forjado.

Por fim, vimos o tema a partir do tratamento que James fez da religião. O enfoque pessoal e a primazia do sentimento religioso colocaram em evidência o modo pelo qual, na experiência religiosa, estados emocionais e cognitivos se relacionam. Por um lado, a

experiência religiosa é fundamentalmente emocional. O indivíduo que passa por uma experiência dessa natureza é sempre acometido de grande excitação emocional. Por outro, essa excitação traz consigo uma compreensão que lhe é própria, ou seja, não é anexada ab-extra pelo exercício reflexivo.

Parece-nos, portanto, que as críticas à teoria somática das emoções são equivocadas. Cumpre-nos entender, porém, quais fatores colaboram para este deslize. O primeiro deles é a restrição da teoria somática ao seu aspecto orgânico. Quer dizer, não há dúvida de que a teoria de James é conhecida pelo seu tratamento do tema no artigo “O que é uma emoção?” Lá, além de ser o seu primeiro trabalho em torno do tema, ele usa exemplos com uma “linguagem desajeitada”. O próprio James mais tarde reconheceria essa falha.

Acho que toda a força de tais objeções reside na brevidade desajeitada da linguagem usada, da qual admito que meu próprio texto deu um mau exemplo quando disse 'estamos com medo porque fugimos'<sup>121</sup>

A restrição da teoria somática ao seu aspecto orgânico deixa-se transparecer também no desconhecimento, ao menos aparente, da abordagem subsequente que James faz do tema. Nota-se que os textos mais recentes que seus críticos mencionam são "Princípios de psicologia", publicado originalmente em 1890. Não se vê em nenhum de seus críticos referência a textos posteriores.

Isso se torna ainda mais grave no que se refere aos trabalhos em torno das emoções religiosas. Não há nenhuma menção a textos como Variedades da experiência religiosa, tampouco a “A vontade de crer”. Essa falta de cuidado, que acreditamos não ser proposital, contribuiu para uma restrição da teoria das emoções aos primeiros trabalhos de James, trabalhos que, por um infortúnio, não contam com uma linguagem muito precisa. Além disso, essa mesma restrição impossibilita uma apreensão completa da teoria das emoções, que se desenvolve muito ao longo da vida de James.

Esses fatos nos levaram a conduzir este trabalho ao modo que o fizemos. Uma exegese detida dos textos de James em torno do tema das emoções. Vimos como sua teoria se desenvolveu ao longo dos anos, culminando em sua abordagem das emoções religiosas. Agora percebemos o quanto importante é o seu tratamento do tema, uma vez que o desconhecimento do

---

<sup>121</sup> I think that all the force of such objections lies in the slapdash brevity of the language used, of which I admit that my own text set a bad example when it said 'we are frightened because we run.' The physical basis of emotion. *Psychological Review*. Vo. 101. No. 2, 1994, p. 206. (Tradução nossa)

amplo desenvolvimento da teoria somática das emoções pode ocasionar em uma compreensão equivocada da mesma.

## REFERÊNCIAS

BARBALET, J. M. William James' theory of emotions: filling in the picture. **Journal for the theory of social Behaviour**, p. 252. V. 2, n. 3, set., 2001, p. 251-266.

BARSALOU, Lawrence. Grounded Cognition. The annual Review of Psychology. N. 59, 2008, p. 617-645.

BARSALOU, Lawrence. Simulation, situated conceptualization, and prediction. Philosophical Transactions, n. 364, 2009, p. 1281-1298.

BÍBLIA do Peregrino. Comentários de L. A. SCHÖCKEL. São Paulo: Paulus, 2011, p. 1145.

CARRETE, J. William James. Oxford University Press, **The oxford handbook of religion and emotion**, 2007, p. 419.

DAMÁSIO, António. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras. 2012. 360p.

DAMASIO, António. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. Cia das Letras, 2003.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia de Bolso – Companhia das Letras. 2009. 344p.

DE LUCA-NORONHA, Daniel; SANT'ANNA, José Carlos. “Crença teísta: reflexividade e aderência”. *Interações*. Vl. 13., n. 24, p. 503-525.

EVANS, Gareth. The varieties of reference. Oxford Press, 1982

IRONS, D. Prof. James: theory of emotion. **Mind**, v. 3, n. 9, 1894.

JAMES, W. O que é uma emoção?. **Clínica & Cultura**, v.2, n.1, jan-jun 2013, p. 95-113.

JAMES, William. **A vontade de crer**. São Paulo: Loyola, 2001.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. Tradução Octávio Mendes Cajada. 2. ed. São Paulo: Cultrix. 2017. 394p.

JAMES, William. JAMES, William; KUKLICK, Bruce. **Writings**: 1902-1910. New York, N.Y.: Literary Classics of the United States, 1987.

JAMES, William. **On vital reserves**. New York: Henry Holt and Company. 1911.

JAMES, William. **Pragmatismo e outros textos**. São Paulo: Abril, 1979. 232 p.

JAMES, William. **Psychology**: the briefer course. New York: Harper Torchbooks, 1961.

JAMES, William. The physical basis of emotion. **Psychological Review**, v. 101, n. 2, 1994, p. 206.

JAMES, William. **The principles of psychology**. New York: Dover, 1950. 702 p.

JAMES, William. The sentiment of rationality. **Mind**: Quoted from Essays in Philosophyv. 4, n. 15, 1879, p. 317-346.

JAMES, William. **The varieties of religious experience**: a study in human nature. New York: Penguin Books, 1985.

JAMES, William. What is an emotion?. **Mind**, v. 9, n. 34, 1884, p. 188-205.

McCAULEY, Robert. Why religion is natural and science is not. Oxford Press, 2011.

McDOWELL, John. Mente e Mundo. Ideias e Letras, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2011.

NUSSBAUM, M. Upheavals of thought: The intelligence of the emotions. Cambridge University Press, 2001.

PASCAL, Georges. **Compreender Kant**. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

PRINZ, Jesse. Gut Feelings. Oxford Press, 2004.

RUNGUE, G.G. Sobre as emoções: António Damásio e a crítica à teoria James-Lange. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**. v. 6 n. 2, 2019. p. 156-175.

SHAPIRO, L. The embodied cognition research programme. **Philosophy Compass**, v. 2, n. 2, 2007, p. 338–346.

SHIOTA, Michelle; KELTNER, Dacher; MOSSMAN, Amanda. The nature of awe: Elicitors, appraisals, and effect on self-concept. **Cognition and Emotion**, 2007, 21 (5), p. 944-963.

SOLOMON, Robert. **Fiéis às nossas emoções**: o que elas realmente nos dizem. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015. 445p.

WORCESTER, W. L. Observations on some points in James's psychology. **The Monist**, v. 3, n. 2, 1893, p. 287.